UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS UEMG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINASGERAIS (FAE/UEMG)

Sônia Aparecida Araújo

SABERES, IMAGENS E HISTÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO NO QUILOMBO DE PINHÕES SOB A PERSPECTIVA DE MORADORES E EX-PROFESSORES

Belo Horizonte

2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS – UEMG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS (FAE/UEMG)

SABERES, IMAGENS E HISTÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO NO QUILOMBO DE PINHÕESSOB A PERSPECTIVA DE MORADORES E EX-PROFESSORES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana, da Universidade do Estado de Minas Gerais, como requisito parcial para o prosseguimento do curso de acordo com o regimento do Programa.

Linha de Pesquisa: Culturas, memórias e linguagens em processos educativos.

Orientador: Prof. Dr. José Eustáquio de Brito

Belo Horizonte

2022

Dissertação intitulada ***Saberes, imagens e histórias sobre a educação no Quilombo de Pinhões sob a perspectiva de moradores e ex-professores***, de autoria da mestranda Sônia Aparecida Araújo, submetida à banca examinadora constituída pelas seguintes professores:

Prof. Dr. José Eustáquio de Brito – Orientador

Profª. Dra. Vanda Lúcia Praxedes – Unidade de Divinópolis (UEMG)

Profª. Dra. Ana Maria Martins Queiroz – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte

---

Profª. Dra. Andrea Martins da Cunha _ (UFMG)

Belo Horizonte, 08 de novembro de 2022.

FICHA CATALOGRÁFICA

A663sAraújo, Sônia Aparecida
Saberes, imagens e histórias sobre a educação no Quilombo de Pinhões sob a perspectiva de moradores e ex-professores. [manuscrito] Sônia Aparecida Araújo. – 2022
1 recurso online, 152 f.; il.,color

Orientador: José Eustáquio de Brito

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Bibliografia: f. 100-103
Apêndices: f.104-152

1. Quilombos- Teses. 2. Educação rural- Teses. 3. Comunidade e escola. 4. Educação – Teses. I. Brito,José Eustáquio de. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD: 370.19342

Ficha Catalográfica: Arlete Inocência Menezes Leal Granados CRB/6 - 3100

PINHÕES, LUGAR DE SABERES, TRADIÇÕES E EDUCAÇÃO...

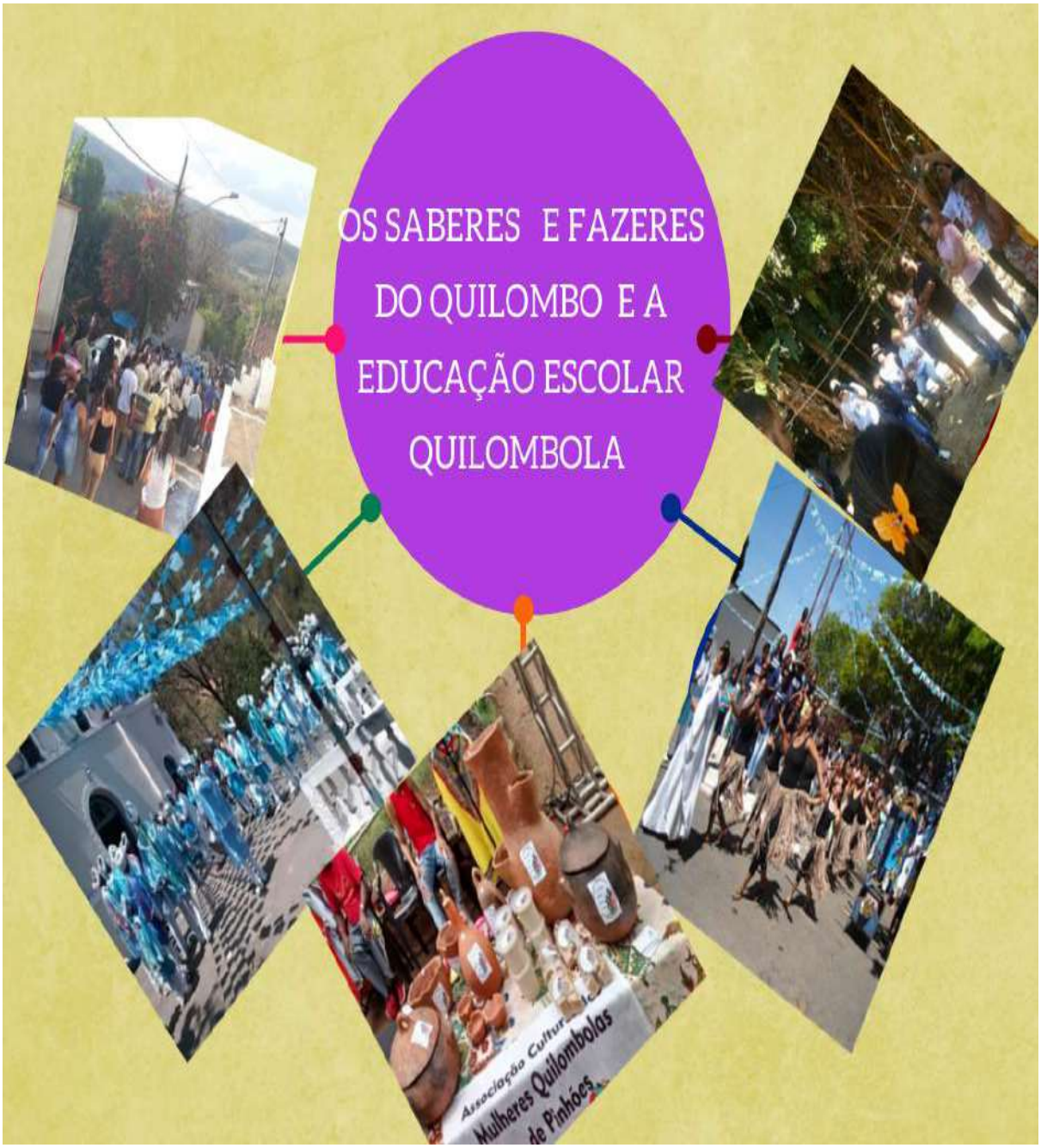

Figura 1-Atividades desenvolvidas no quilombo de Pinhões

AGRADECIMENTOS

Nesse fechamento de ciclo, de finalizar a dissertação de mestrado, agradeço primeiramente a Deus, Senhor de minha vida, minha força e razão de existir. A gratidão é eterna…

As forças e coragem foram abaladas, diminuíram num momento em que estávamos iniciando uma caminhada ao tão almejado curso de mestrado em Educação. Veio a pandemia com a COVID-19, e o isolamento fez com que a fragilidade surgisse, o medo, as dores, Ah!…dores de perdas irreparáveis. E quantas perdas! Reconheço que foi com a ajuda de Deus e de muitos amigos que chego até aqui.

Agradeço eternamente ao meu orientador, o professor José Eustáquio de Brito, parceiro nessa caminhada, compreensivo, motivador e que não me deixou desistir, nesse percurso o qual sozinha seria impossível chegar. Seu apoio, competência, credibilidade, conhecimentos compartilhados, direcionamento e os sutis puxões de orelha, possibilitaram este momento.

Àminha família, que transmitiu o amor, paciência, entendendo o cansaço, a ausência e falta de tempo a eles.

Aos amigos da Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões, que se fizeram presentes em muitos momentos, minha eterna gratidão.

Aos companheiros do curso de mestrado, que mesmo na falta da presença física, sempre estavam solícitos pelo grupo de WhatsApp. As mãos e abraços virtuais me ajudaram muito nessa caminhada. De modo especial à Thaires, Gustavo e Joice. Gratidão pelo apoio e motivação de vocês!

A todos os professores do mestrado, que não mediram esforços para nos ensinar, sempre solidários, pacientes e presentes com os vários apoios emocionais. O meu muito obrigada.

A todos os meus conterrâneos, que se dispuseram a construir comigo essa pesquisa. Aos eternos professores: José Maria de Souza, Cleud Valesca de Souza, a Maria Eleutéria Duarte Santos (D. Lília), Maria Aparecida dos Santos Carvalho (Cida) e Sirlene. Maria Apolinário Diniz.

Aos educadores sociais de nossa comunidade: Maria Geralda Gonzaga Carvalho (Fia), Guerino Pereira, Janser Rodrigues, Valdete Rosa, Maria do Rosário e Aparecida do Carmo.

Aos colegas do Programa Ações Afirmativas na UFMG, especialmenteà Sílvia Regina, Lorraine Marciel Lolla e Franz Galvão Piragibe,por todo apoio e incentivo.

À banca examinadora para qualificação, Vanda Lucia Praxedes e Ana Queiroz, pela leitura atenta e as valiosas contribuições para este estudo. Meu muito obrigada.

À Rogéria Cristina Alves, que prontamente apontou suas contribuições para esta pesquisa, emitindo parecer do projeto.

À Andrea Martins da Cunha, que esteve em minha banca somando os conhecimentos sobre a educação no Quilombo Pinhões, agradeço também por fazer parte da sua pesquisa para o doutorado. Obrigada.

À minha vizinha Débora Rodrigues, sempre solícita ao disponibilizar materiais que poderiam ser úteis ao processo de pesquisa.

Aos que direta ou indiretamente, contribuíram nessa caminhada, meu eterno obrigado.

Também aos que já se foram e com seus exemplos de vida me inspiraram e ainda inspiram, para continuar o legado.

RESUMO

Ao conceber a educação quilombola como sendo um conjunto de práticas que articulam saberes, costumes, tradições, histórias de lutas e resistência negra constituídos ao longo do tempo, a pesquisa investiga experiências de educação presentes na comunidade quilombola de Pinhões, situada no município de Santa Luzia, no estado de Minas Gerais, e suas possíveis contribuições para a implementação da Educação Escolar Quilombola no território. Entende-se que os saberes tradicionais produzidos pelos moradores configuram importantes referências a fomentar diálogos intergeracionais entre os anciãos e as novas gerações, principalmente os inseridos na escola. Neste sentido, a pesquisa buscou aprofundar os estudos sobre a história do lugar, seus costumes e modos de vida da população do quilombo, que produz conhecimento sobre sua experiência histórica e tem conseguido se fortalecer tanto nos aspectos culturais quanto sociopolíticos, bem como a sua identidade quilombola. Assim sendo, buscou-se dar enfoque às vivências culturais, tais como o Catopê da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, Congado centenário que carrega uma rica vivência cultural e relação com a comunidade. Referências importantes presentes em Pinhões são as práticas culturais e sociais com fortes elementos da ancestralidade negra africana presentes em seus ritos religiosos como o Congado, tradição na comunidade com mais de 100 anos de existência.No processo de levantamento de dados, partiu-se da entrevista com moradores da comunidade e ex-professores que, em diversos momentos da trajetória da educação escolar na comunidade, desenvolveram atividades de modo a assegurar o direito à educação. Tendo como referência a trajetória e importância da implementação de práticas pedagógicas na escola orientadas para as questões raciais trazidas pela Lei 10.639/03 e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola Diretrizes, levanta-se um conjunto de possibilidades capazes de contribuir para que a educação escolar presente na comunidade possa traduzir em seu cotidiano aspectos da vida da própria comunidade quilombola. Num primeiro momento, a partir de uma revisão bibliográfica, foram analisadas pesquisas que dialogam com a proposta de investigação,que identificou experiências de educação quilombola desenvolvidas em alguns territórios quilombolas. Em seguida, realizou-se a análise de documentos disponibilizados pela comunidade e e entrevistas narrativas com moradores e ex-professores, com intuito de identificar elementos que configuram o processo de implementação do direito à educação na comunidade quilombola, bem como a disseminação de saberes tradicionais e práticas da comunidade, e sua importância para o processo da educação no quilombo e na escola. Como conclusão, a pesquisa enfatiza a necessidade de se estabelecer uma interlocução mais efetiva entre a política educacional e a comunidade de modo que possa efetivamente resultar no fortalecimento da cultura e identidade quilombola no territóriio de Pinhões.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola de Pinhões;Saberes Tradicionais;Educação Escolar Quilombola.

ABSTRACT

By conceiving quilombola education as a set of practices that articulate knowledge, customs, traditions, stories of struggles and black resistance constituted over time, the research investigates educational experiences present in the quilombola community of Pinhões, located in the municipality of Santa Luzia. , in the state of Minas Gerais, and its possible contributions to the implementation of Quilombola School Education in the territory. It is understood that the traditional knowledge produced by the residents configure important references to foster intergenerational dialogues between the elders and the new generations, especially those inserted in the school. In this sense, the research sought to deepen the studies on the history of the place, its customs and ways of life of the quilombo population, which produces knowledge about its historical experience and has managed to strengthen itself both in cultural and sociopolitical aspects, as well as its identity. quilombola. Therefore, we sought to focus on cultural experiences, such as the Catopê da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, centenary Congado that carries a rich cultural experience and relationship with the community.Important references present in Pinhoes are the cultural and social practices with strong elements of black African ancestry present in their religious rites such as the Congado, a tradition in the community with more than 100 years of existence. In the data collection process, we started with interviews with community residents and former teachers who, at different times in the trajectory of school education in the community, developed activities to ensure the right to education. Having as a reference the trajectory and importance of the implementation of pedagogical practices at school oriented towards racial issues brought by Law 10.639/03 and by the National Curricular Guidelines for Quilombola School Education Guidelines, a set of possibilities is raised capable of contributing to education school present in the community can translate aspects of the life of the quilombola community into their daily lives. At first, based on a bibliographic review, researches that dialogue with the research proposal were analyzed, which identified experiences of quilombola education developed in some quilombola territories. Then, the analysis of documents made available by the community and narrative interviews with residents and former teachers were carried out, in order to identify elements that configure the process of implementation of the right to education in the quilombola community, as well as the dissemination of traditional and community practices, and their importance for the education process in the quilombo and in the school. In conclusion, the research emphasizes the need to establish a more effective dialogue between the educational policy and the community so that it can effectively result in the strengthening of quilombola culture and identity in the territory of Pinhoes.

Keywords: Quilombola Community of Pinhoes; Traditional Knowledge; Quilombola School Education.

LISTA DE SIGLAS

ACMQP- Associação Cultural das Mulheres Quilobolas de Pinhões

AQQP – Associação Quilombola do Quilombo Pinhões

CNE- Conselho Nacional de Educação

CONAE – Conferência Nacional de Educação.

CONAQ- Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos

DHAA- Direito Humano à Alimentação Adequada

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais

IBGE – Institudo Brasileiro de Geografia e Estatistica

LDB- Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional

PNAE- Plano Nacional de Alimentação Escolar

SECAD- Secretataria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SEE/MG- Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais

SEPPIR – Secretaria Nacional de Politicas de Promoção da Igualdade Racial

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UMEI- Unidade Municipal de Educação Infantil

UNB – Universidade de Brasília

TCLE- Termo de Livre Consentimento Esclarecido

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

GETEQ- Grupo de Trabalho a Educação Escolar Quilombola

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Atividades desenvolvidas no quilombo	Página5
Figura 02	Vista do alto do Quilombo de Pinhões	Página 13
Figura 03	Mapa de localização da comunidade quilombola noestado de Minas Gerais	Página 22
Figura 04	Professora Sônia Araújo em atividade do curso de formação para professores quilombolas, promovido pelo Programa Ações Afirmativasna UFMG	Página 27
Figura 05	Painel de algumas atividades da comunidade	Página 33
Figura 06	Cortejo durante a Festa da Padroeira no quilombo	Página 37
Figura 07	Visita do Congado às famílias dos ex- festeiros, durante a despedida da festa	Página 38
Figura 08	Panelade barro	Página 49
Figura 09	Fachada atual da Escola Quilombola	Página 49
Figura 10	Grupo de Capeira Herança de Quilombo, do Quilombo Pinhões	Página 51
Figura 11	Almoço servido à Guarda de Congo do Divino Espirio Santo de Pinhões	Página 53
Figura 12	Cozinheiras da comunidade	Página 54
Figura 13	Foto do projeto Crianças na Praça	Página 57
Figura 14	Primeira Conferência da Igualdade Racial	Página 58
Figura 15	Roda de conversa para troca de experiências	Página 59
Figura 16	O Congado Nossa Senhora do Rosário	Página 61
Figura 17	Profº José Maria de Sousa	Página 67
Figura 18	Grupo Escolar Antônio de Castro Silva, inaugurado em 1950	Página 68
Figura 19	Casa dos Bahia, 1906, onde funcionou a primeira sala de aula da comunidade	Página 69
Figura 20	Casa da Fazenda dos Bahia	Página 70
Figura 21	Casa do Sr. José Lourindo	Página 71
Figura 22	Terezinha Azevedo, uma das primeiras professoras da comunidade	Página 71
Figura 23	José Norberto Diniz- família raiz do quilombo	Página 72
Figura 24	Desfile Cívico pelas ruas da comunidade	Página 74
Figura 25	Visita ao Teatro da cidade para apresentação	Página 75
Figura 26	Visita do Prefeito Dr. Oswaldo Ferreira à Escola	Página 76
Figura 27	Mapa de localização dos municípios com presença quilombola- IBGE	Página 82
Figura 28	Unidades da federação com localidades quilombolas- 2019	Página 83
Figura 29	Mapa de Santa Luzia 1950 (Recorte do mapa de Santa Luzia 1950	Página 84
Figura 30	Imagem de satélite do Quilombo de Pinhões	Página 85

SUMÁRIO

RESUMO..... 8

ABSTRACT..... 9

LISTA DE SIGLAS..... 10

LISTA DE FIGURAS..... 11

SUMARIO..... 12

INTRODUÇÃO..... 14

1.A PROFESSORA QUILOMBOLA PESQUISADORA..... 21

2.DESAFIOS METODOLÓGICOS..... 29

3.0S SABERES QUILOMBOLAS TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO..... 34

3.1 Disputas em torno do currículo..... 34

3.2 Narrativas quilombolas sobre os saberes da Comunidade Quilombola de Pinhões..44

4. A EDUCAÇÃO NO QUILOMBO NARRADA PELOS PROFESSORES QUE PASSARAM PELA ESCOLA..... 65

5. QUILOMBOS E EDUCAÇÃO.....822

5.1 O sentido histórico de uma luta 834

5.2 Lutas sociais para a implantação da Educação Escolar Quilombola.....89

5.3 Processos de implementação da educação escolar quilombola 93

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 100

ANEXOS.....104

QUILOMBO DE PINHÕES- SANTA LUZIA- MG
UMA HISTÓRIA ENTRE AS MONTANHAS

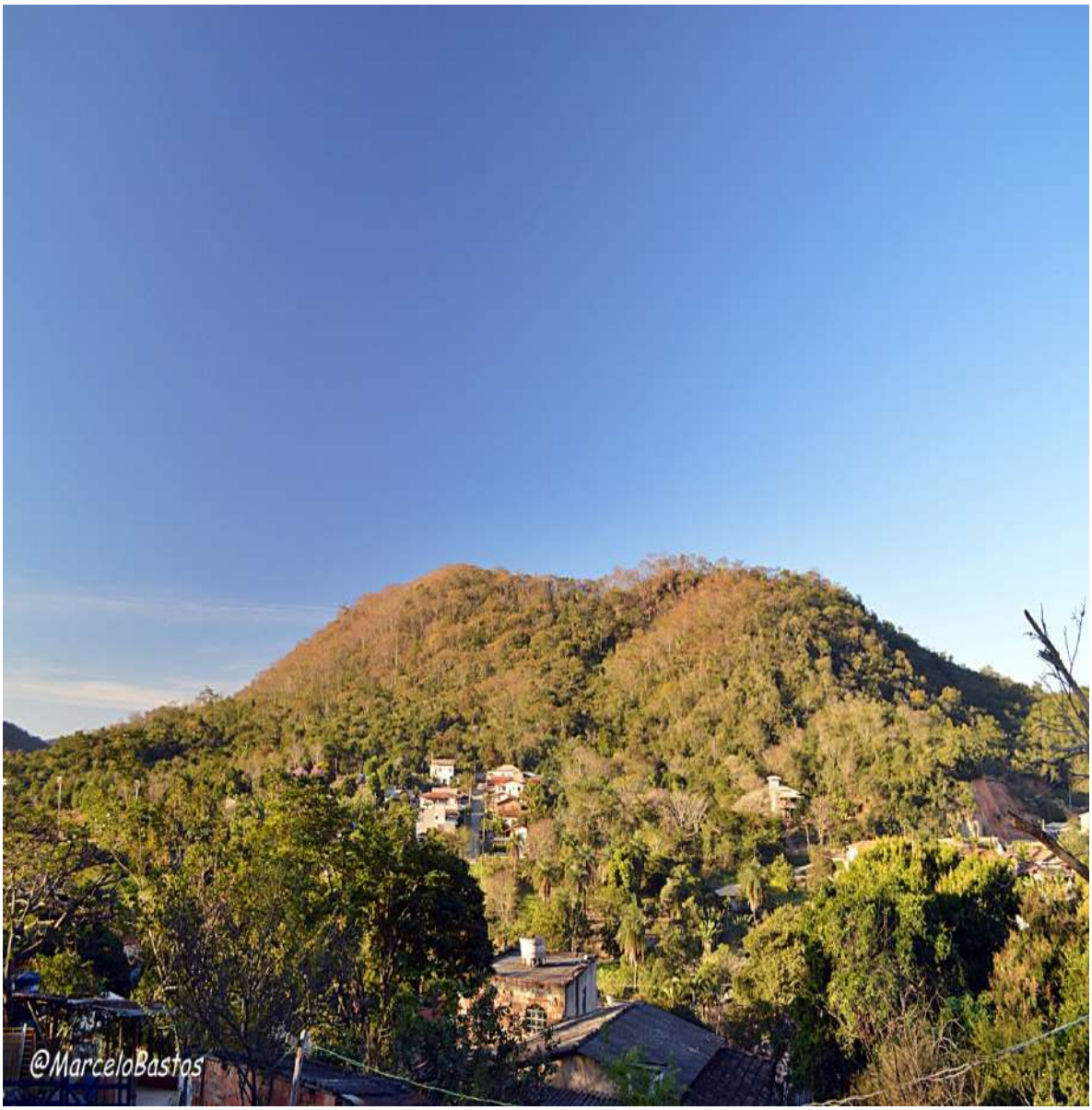

Figura 2- Vista do alto do Quilombo de Pinhões

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da formação da sociedade brasileira, a população negra, bem como os povos indígenas, viram-se excluídos da educação. Os que se atreviam ao interesse pelo saber, quando descobertos, sofriam severa punição e /ou eram, em poucas situações, aproveitados a fim de atenderem aos interesses do colonizador. Foi preciso muita luta e resistência para não só se libertar fisicamente como também conquistar liberdade e autonomia. Uma das formas que a população negra encontrou foi através da perpetuação de suas memórias, cultura e valores cultivados no continente africano e trazidos para essa terra.

> A disposição dos africanos escravizados e seus descendentes em subsistir e escapar do jugo escravista resultou na materialidade das formações sociais dos quilombos que perduraram por séculos. Com tamanha força organizativa e estratégica que encontramos na sociedade brasileira o denominado quilombo contemporâneo em sua multiplicidade dos modos de ser, saber e fazer. A política de reconhecimento perpetrada pelo estado brasileiro frente às comunidades remanescentes de quilombos, quando anunciada pela Constituição Federal de 1988, confere-lhes estatuto diferenciado por meio do reconhecimento cultural e político de seus territórios, como também de seus saberes e fazeres em que as dimensões da ancestralidade, da memória e da tradição convergem o sentido e o significado de suas práticas quer sejam discursivas, políticas ou culturais.

Por meio desse movimento de luta e resistência, a cultura negra, representada em diversos movimentos e em manifestações como a dança, a música, a religiosidade,a arte, está representada nas comunidades quilombolas presentes em todas as regiões do país.

A trajetória da educação brasileira também é marcada por muitos enfrentamentos e conquistas em que podemos destacar: as reivindicações históricas da população negra por meio de organizações que garantiram e ainda garantem direitos. O primeiro deles está vinculado ao direito aos territórios quilombolas e através dele assegurar o direito à educação aos que vivem nesses territórios. Tratando-se da educação escolar quilombola, podemos apontar que as políticas de diversidade alcançaram visibilidade dentro do espaço político-governamental no governo Lula, que ao reconhecer direitos, sancionou algumas leis, dentre elas destacamos a Lei 10.639/03[1], em modificação a Lei de Diretrizes e Bases daEducação Nacional, tornando obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira e africana em todas as escolas do país.

---

[1]A Lei 10.639, sancionada em 7 de janeiro de 2003 pelo Presidente Lula, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ao inserir a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino, públicos e privados.

Como parte dessa luta por reconhecimento da cultura afro-brasileira, em 20 de novembro de 2012, o Conselho Nacional de Educação aprovou a resolução nº 8, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. A aprovação dessa resolução tem possibilitado a ampliação do debate público e acadêmico em torno da educação em comunidades quilombolas para enfrentar o racismo no âmbito da educação, promovendo uma transformação social em nosso país. Essa é uma reivindicação histórica dos movimentos negros quilombolas de todo o país, reconhecida também como direito em 2010 no documento final da Conferência Nacional da Educação (CONAE).

> É possível afirmar que a sociedade brasileira não teria chegado a esse momento se não fosse a histórica atuação do movimento negro. Contudo, cabe ponderar que o processo de implementação de tais leis e políticas nem sempre corresponde à radicalidade emancipatória das reivindicações que o originaram (GOMES, 2017, p.).

É importante fazer a distinção entre a Educação quilombola e a Educação Escolar Quilombola. A educação quilombola é aquela compreendida dentro de um processo mais amplo e cotidiano, incluindo as relações com família, entre pessoas, as relações de trabalho, com o sagrado e outras formas de organização como a escola e os movimentos sociais. A Educação Escolar Quilombola é um recorte do processo educativo presente nas comunidades quilombolas, que se faz presente no âmbito das escolas. Provoca a necessidade de organização de uma ação educacional, de construção de processos para a escolarização específicos e diferenciados, direcionados para o fortalecimento e valorização das comunidades quilombolas.

Considerando a educação escolar quilombola como uma política de ações afirmativas, Santos (1999) afirma que a mesma visa eliminar desigualdades e discriminações ocorridas no passado e que se perpetuam no presente. Nesse sentido destaco o papel da Educação Quilombola para que nossas crianças e jovens possam se formar com uma consciência crítica de suas histórias de vida, se orgulhando e enfrentando qualquer tipo de discriminação. Para que essa aconteça, é necessário que os quilombolas sejam escutados, reconhecidos e inseridos no processo.

Ao longo da minha trajetória como educadora, negra, e pertencente à Comunidade Quilombola de Pinhões, no município de Santa Luzia, venho acompanhando os principais fatos históricos dessa comunidade, como o reconhecimento da escola como quilombola, bem como da comunidade.Minha identificação enquanto mulher negra, professora e quilombola

me conduz à luta política como membro da Associação Cultural das Mulheres, hoje Associação Quilombola do Quilombo Pinhões,criada como objetivo principal de homenagear essas mulheres guerreiras, artistas, mães, amigas, empreendedoras e incentivadoras, também protagonistas da educação no quilombo.

A associação, após muitas reflexões e discussões, formalizou o pedido de reconhecimento da Comunidade junto à Fundação Cultural Palmares, tendo como reforço outras organizações, que resultouem despacho favorável à comunidade em maio de 2017 pela Fundação Palmares.

Tenho me deparado com questões ligadas ao contexto das relações étnico-raciais, sobretudo ao racismoestruturalmente presente em nossa sociedade, pouco discutido no contexto escolar e até mesmo camuflado, silenciado por parte das escolas que repetem nos dias atuais o modelo colonial, refletindo na implementação e no acesso a políticas públicas. Viver essas experiências causa em mim um desconforto, pois se trata de uma comunidade quilombola onde mais de 90% (noventa por cento) da população é negra e ainda enfrenta os vestígios do racismo e da não identificação.

Quando estudante na educação básica, sempre me via sozinha no trabalho de combate ao racismo na sala de aula, pois o tema era tratado pontualmente. Os agentes responsáveis relataram que a tratativa causaria constrangimentos. A escola para mim sempre foi uma extensão da família, sendo o segundo lugar que sempre quis estar. Quando tive que ficar um período fora da comunidade, senti muita falta da mesma, podiam questionar: “masescola tem em todo lugar!” Sim, mas a escola da comunidade não tem comparação por sua especificidade.Só de falar as memórias retomam com todo prazer. Já como educadora, atuante, inquietei-me com as reflexões trazidas durante o curso Afirmação na Pós da UFMG[2], ou seja, aguçou em mim o que já incomodava. Alguns questionamentos surgiram.

Mais tarde, inquietações foram se tornando cada vez mais presentes nos espaços por onde passava,nas rodas de conversas, nos encontros da associação com outros quilombos e organizações, principalmente nos momentos de reflexões e estudos.E perguntas se tornavam frequenttes: Que tipo de educação nós queremos em nosso quilombo? Como as novas gerações aprendem o que é ser quilombola na comunidade? O cotidiano quilombola tem possibilitado à escola mobilizar formas de aprendizagens que valorizam as práticas

[2]Trata-se do projeto de extensão implementado pelo Programa Ações Afirmativas na UFMG que visa à preparação pré-acadêmica de pessoas interessadas em participar de processos seletivos em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, com ênfase em cursos de mestrado, tanto na modalidade acadêmica quanto profissional.

identitárias, as manifestações culturais e saberes presentes no Quilombo de Pinhões? Que transformações ocorreram e ocorrem no processo da implementação da lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e que implicações essas legislações trazem para as práticas na escola local? Quais dificuldades são encontradas para essa implementação? Como a comunidade percebe e participa dessa educação quilombola, dentro e fora da escola?

É preciso estabelecer um equilíbrio entre o conhecimento produzido nas trajetórias de vida de nossos mais velhos e o conhecimento escolar e acadêmico. Os saberes dos mais velhos, os costumes e crenças são importantes na escola, e na escola quilombola. No entanto, é necessário que sejam assimilados pelo currículo,sendo inseridosno projeto político pedagógico, que em sua formulação deve estar em diálogo com a comunidade a partir de suas vivências e não somente um pojeto pedagógico. Desse modo, torna-se indispensável que tais documentos sigam a mesma linha de defesa de um modelo educacional, conversando entre si, estandorenovados e comprometidos com os diferentes grupos que compõem a comunidade das escolas públicas.

A proposta curricular da Educação Escolar Quilombola deve incorporar, portanto, conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas em articulação com o conhecimento escolar, sem hierarquização. Ela é um dos lugares primordiais para se organizar o currículo que tenha em sua orientação o desafio de ordenar os conhecimentos e as práticas sociais e culturais, considerando a presença de uma constelação de saberes que circulam, dialogam e indagam a vida social, com a preocupação de se constituir um formato de educação capaz de promover o diálogo entre os conhecimentos escolares e os variados conhecimentos tradicionais produzidos pela comunidade.

Considerando os processos educativos escolares e não escolares,o processo de construção da problemática da pesquisa partiu da investigaçãodos sujeitos da educação quilombola em seu processo direto ou indireto, no Quilombo Pinhões, Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte- MG. As experiências e práticas educativas, as políticas culturais de fortalecimento da identidade quilombola (coletivas e individuais) e os contextos multiculturaisdevem ser valorizados pois integram o conjunto de saberes tradicionais produzidos pelos sujeitos quilombolas em suas experiências cotidianas. A partir de um olhar de fora para dentro da escola, ou seja, em interlocução com profissionais que estiveram dentro da escola, e educadores sociais, moradores do quilombo procuramos identificar experiências de vida e atividades em diálogo com a educação escolar que podem se configurar importantes

estratégias a fomentar diálogos intergeracionais entre os anciões e as novas gerações de Pinhões, principalmente os inseridos na Escola. Neste sentido, percebemos a possibilidade de aprofundar os estudos sobre a história do lugar, seus costumes e modos de viver, e já é sabido que as comunidades quilombolas, que produzem conhecimento sobre si, têm conseguido se fortalecer tanto nos aspectos culturais quanto sociopolíticos, bem como em sua identidade quilombola.

Assim, procurou-se dar enfoque às vivências culturais, o Congado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, os festejos religiosos, a dança do Catopê no congado, o Congado da Guarda de Congo do Divino Espírito Santo e os saberes que representam, entre tantos, esta comunidade. Sendo a Escola Quilombola Estadual Padre João de Santo Antônio o centro do desenvolvimento deste trabalho, pode-se estabelecer entre os/as estudantes diálogos e ações que possam fomentar e reafirmar questões sobre a identidade quilombola, a partir dos olhares externos que por sua vez venham influenciar em seus ambientes e no territórios os que vão para o contexto escolar.

Essas devem ser trabalhadas de forma positiva para que os alunos, ao se depararem com narrativas preconceituosas que propaguem a discriminação e a anulação da identidade quilombola dos/das estudantes, possam se afirmar enquanto negros/as e quilombolas. E aliado a esta prerrogativa, compreenderem-se como sujeitos que trazem e são influenciados pelos saberes tradicionais locais.

Como percebemos o aprendizado das novas gerações em relação ao que é ser quilombola? Especialmente no Quilombo de Pinhões, onde a autora da pesquisa nasceu, vive e iniciou sua trajetória profissional, enquanto professora, a pesquisa buscou analisar a prática pedagógica sobre as relações étnico-raciais da escola quilombola a partir a perspectiva da comunidade, aprofundar os estudos sobre a história do lugar, seus costumes,saberes e modos de viver. Compreende-se que os saberes de um povo podem e devem colaborar para a construção de uma educação de qualidade em que prática, vivência e adequação possam contribuir para os melhores resultados, sobretudo de jovens e adultos inseridos neste contexto. Identificar as práticas dos movimentos sociais negros e suas atuações concebendo o ato educativo, no caso da educação escolar quilombola (MIRANDA, 2002, p. 379), torna-se um compromisso de quem reconhece o valor dos saberes quilombolas.

Assim, professores, funcionários e uma gestão preparados, com acesso às informações e conhecimentos e sobretudo de sua história e trajetória poderão responder com as ações não só de afirmação de suas identidades, mas colaborando para que a manifestação e a

perpetuação da própria cultura, da tradição, do modo de assimilação e da produção do conhecimento se efetivem no espaço e ensino-aprendizado.

Entendo que as práticas dos/asdocentes quilombolas e dos /as docentes que trabalham na Educação Quilombola necessitam de preparo compatível com esse compromisso, o que todos nós quilombolas, temos cobrado e buscado há muito tempo. Destacam-se pelo diferencial ao entenderem a linguagem e o contexto dos educandos, no dia a dia e nos estudos, mediando o conhecimento a partir das vivências.Assim, nos diz Gilvânia Silva(2021), a Educação Escolar Quilombola não pode fazer com que as nossas crianças não aprendam a falar e reconhecer a si mesmas e os seus territórios. Ela precisa fazer com que conheçam outras linguagens, sem esquecer a delas próprias, do seu jeito de falar, com sotaques, sem serem repreendidas porque os externos acham errado. Se a educação tem ajudado a silenciar as formas de organização e jeitos próprios, isso é uma violência. Se a escola tem contribuído para esse processo, nós temos a tarefa de desfazê-lo e construir uma educação para as relações étnico-raciais, uma educação antirracista e emancipadora, e seguir transgredindo, como nos afirma a pesquisadora freiriana Bell Hooks, que nos diz: “é possível transgredir pela educação”. Assim os professores e mestres devem ter como objetivo conduzir a uma educação como prática da liberdade.

Percebe-se ainda o isolamento dessas instituições, o que pode promover o rompimento entre o contexto e os sujeitos. O processo ensino-aprendizagem nessas escolas corre o risco de voltar para o sistema tradicional, ou seja, fugindo do que é proposto para essa modalidade de ensino.

O presente estudo tem a sua origem em trabalho de pesquisa realizado em 2020, comobjetivo de conhecer os resultados dos estudos relacionados à Educação Escolar Quilombola. Nele foi possível conhecer as abordagens e enfrentamentos de diversas comunidades quilombolas. Observamos que a maioria das escolas quilombolas e/ou escolas que atendem os quilombolas são municipais; enfrentam o desafio da implantação dessa modalidade, os professores não quilombolas são também a maioriaatuando nesses territórios, ocupando cargos por pleitos em concursos públicos.

Nos trabalhos localizados, foi possível mapear a diversidade de estratégias utilizadas por diversas comunidades, como luta e resistência, para a garantia de uma educação quilombola.Neste sentido, entendemos a possibilidade desta pesquisa contribuir com a identificação da existência, ou não, da implementação da educação escolar quilombola no quilombo Pinhões e a interlocução da mesma com os saberes e história deste com a escola A

escola, principalmente a que está no território quilombola tem um compromisso crucial com essa população e o dever de colaborar para que crianças e jovens, desde cedo,tenham direito de compreender os sentidos e significados da identidade quilombola, como forma de romper com os processos de destruição dos saberes quilombolas.Como afirma, Azevedo(2020,p.25), parto do entendimento de que o processo de se afirmar quilombola é educativo, pois nele aprendemos sobre política, os direitos dos povos remanescentes, nosso lugar no mundo e como transitamos por ele. Compreendo como um processo em que aprendemos a desconstruir preconceitos e reconstruímos nossa história e dignidade,pois é preciso romper, como afirma Miranda (2016, p.77) a produção de conhecimento e sua classificação que obedece a uma demarcação que desconsidera saberes tidos por subalternos, e que desperdiça a experiência social que está em curso.

O primeiro capítulo apresenta a autora, sua trajetória de formação no Quilombo de Pinhões. No segundo capítulo apresentamos a trajetória metodológica da pesquisa, seus desafios, impasses e alternativas construídas para a condução da pesquisa. No terceiro são abordados os saberes quilombolas e a educação no quilombo,explora a revisão bibliográfica para conhecer as pesquisas sobre a Educação Quilombola e sua implementação e oferta no Brasil, perpassando sua importância, as concepções do modo como se organizam nos quilombos. O quarto capítulo Quilombos e educação: o sentido histórico de uma luta; No quinto capítulo busca demonstrar como se dão as lutas sociais para a implantação da Educação Escolar Quilombola. Por fim serão trazidas as considerações finais, abordando os achados da pesquisa, contextualizando e concluindo a respeito da relação entre os saberes e história da comunidade quilombola Pinhões e a escola quilombola local sob o olhar da comunidade.

1. A PROFESSORA QUILOMBOLA PESQUISADORA

Quero apresentar-me como mulher negra quilombola e educadora, de escola quilombola e / ou de escolas locais que recebem os quilombolas, incansável lutadora por uma educação quilombola que reconhece as histórias e memórias do nosso povo é o que me define. E foi através da leitura do livro "Educação quilombola,territoriedade,saberes e lutas por direitos"[3], e após reflexões trazidas nas falas dos colegas professores, educadores, pesquisadores e estudantes, resolvi trazer neste capítulo um pouco de minha trajetória de quilombola e de vínculo com a educação por compreender que o processo de construção de uma educação deve estar em consonância com os conhecimentos da comunidade.

Minha ligação com o território de Pinhões localizado no município de Santa Luzia-MG, Região Metropolitana de Belo Horizonte, situado a aproximadamente 12 quilômetros do centro histórico da cidade, a 32 quilômetros da capital do estado de Minas Gerais, é a seguinte: sou descendente de negros escravizados valentes e corajosos, também de idade mais avançada, com característica de confiáveis, estes foram enviados da então Fazenda da Bicas, com a função de cuidarem da divisa entre dois territórios: a Fazenda de Macaúbas e a Fazenda das Bicas. Eram as Sesmarias,denominadas como um lote de terras distribuido a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens. Mais tarde, o território que era a extrema entre as duas fazendas fora doado a estes negros escravizados, conforme o resgistro abaixo:

> Pinhões se constituiu a partir dos trabalhadores e escravos de duas grandesterras vizinhas, situando-se na fronteira, ou melhor nas extremas, para utilizara categoria local, entre a sesmaria do Mosteiro de Macaúbas e a Fazenda deBicas. O Mosteiro de Macaúbas tem sua construção datada de 1714, o que revela uma longevidade no tempo de povoação da região. O Mosteiro fo iconstruído por dois irmãos vindos de Alagoas que compraram o terreno onde se localiza o Mosteiro e outros tantos alqueires de terra foram sendo conseguidos com a justificativa da realização de atividades para o sustento do Mosteiro. Os irmãos fundadores do Mosteiro vieram em comitiva com suas filhas e filhos bem como munidos de escravos. Antes mesmo da construção do Mosteiro este ob teve autorização para vestir o hábito de Nossa Senhora da Conceição, da qual os irmãos eram devotos (DIAS,2014,p.5).

Tambem nos conta Alvaro Diniz,

---

[3] Obra coletiva lançada em 2020 com o objetivo de evidenciar os trabalhos desenvolvidos pela I Jornada Nacional Virtual de Educação Quilombola mediante apoio da Universidade de Brasília (UNB) e da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), tendo como objetivo, entre outros, apresentar as estratégias efetivas de compreensão e fortalecimento da educação praticada nos quilombos, a colaboração com o posicionamento de luta e da cultura quilombola enquanto parte fundamental do enfrentamento ao racismo no Brasil, que remonta à tradição de resistência do povo negro desde a colonização.

> os adiministradoresda Sesmaria de Macaúbas, começaram a se desfazer das terras de Nossa Senhoa, principalmente, aquelas localizadas do outro lado do Rio das Velhas, hoje município de Lagoa Santa. Percebendo isso, já em meados dos anos 1800, os meus bisavós, então proprietários da Sesmaria de Bicas, passram a enviar e fixar nas divisas de suas terras com a de Macaúbas, aqueles escravos mais velhos e/ou mesmo aqueles mais fiéis e amigos, transferindo a estes pequenas áreas com a finalidade principal de guardarem suas terras e defenderem das invasões por meio dos vizinhos. Assim surgiu Pinhões. Às margens do Rio das Velhas e sobe a beira de um reacho na divisa com Macaúbas(DINIZ, p,83).

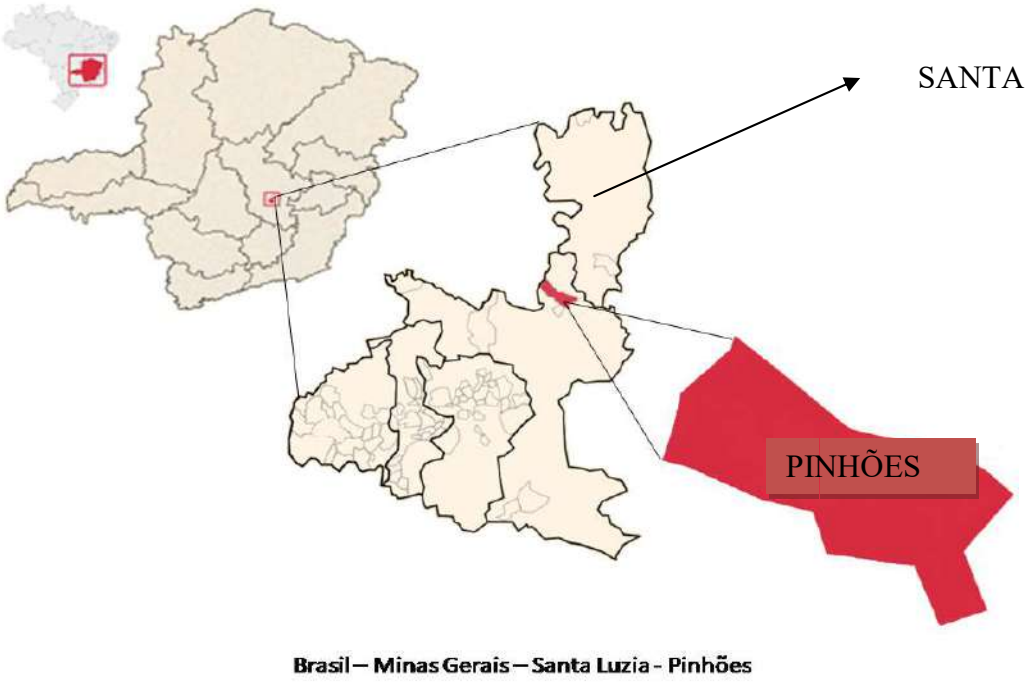

Figura 3. Mapa de localização da comunidade quilombola no estado de Minas Gerais

Naquela época, a cidade de Santa Luzia contava com grandes fazendas, podendo ser consideradas como marco do processo de colonização. Tem-se hoje em sua população mais de 50% de afrodescendentes. Foi pelas mãos de minha avó paterna, Manoela Maria da Conceição, que nasci. Ela foi uma das muitas parteiras da comunidade que desempenhavam o ofício com muita dedicação, fazendo chegar as dezenas de crianças à comunidade, pois o único hospital da cidade – Hospital São João de Deus - era de difícil acesso. A parteira em questão faleceu quando ainda era muito nova com apenas 50 anos.No entanto, o conhecimento geracional foi mantido por muitas outras mulheres no exercício da saúde dentro o quilombo de Pinhões. Saber passado para outras parteiras, fornece uma aproximação com o direito à manutenção da memória. A experiência de ser uma quilombola, cujos saberes atravessam a condição de exercício das ciências que concebem a condição de vida aos quilombolas, como na minha família, foi o primeiro impulso para descortinar a importância

do saber quilombola.

> As crianças todas de Pinhões foram nascidas em casa, eu mesma sou a mais velha de sete irmãos, todos nasceram em casa. A gente escutava o movimento, aquele cheiro de arruda dentro de casa. O umbigo da criança era curado com azeite de mamona e pó de arruda, e a criança enquanto não fizesse sete dias não saia do quarto. Ninguém podia visitar,por causa do mal de sete dias. A gente ficava estes dias todos sem ver a mãe porque não podia ir ao quarto. Era os saberes da comunidade. A parteira não deixava de ir enquanto o umbigo não caía.(Narrativa de Maria Geralda, 2022).

Várias pessoas foram emblemáticas no cuidado para com os valores que fundamentaram práticas educativas no cotidiano do quilombo. Desde os anos 2000, venho aprofundando os laços com minha ancestralidade, buscando contribuir para contar e preservar a história dos que viveram, vivem e viverão nesse território; entre tantos, as mulheres quilombolas guerreiras e inspiração para muitas gerações. Essas mulheres foram e têm sido homenageadas e lembradas até os dias de hoje, principalmente através da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões, hoje Associação Quilombola do Quilombo Pinhões, que ampliou suas atividades para representar o quilombo. Suas lutas e resistências nos inspiram e motivam a lutar e viver pelo fortalecimento de nossa história e memórias através dos tempos e espaços.

Estudei na escola local, instalada no primeiro prédio púbico da comunidade, o Grupo Escolar Antônio de Castro Silva, inaugurado noano de 1950. Finalizei a alfabetização na cidade de Ipatinga MG, cidade para onde meu pai fora transferido por iniciativa da empresa em que trabalhava. Mas a não adaptação de minha mãe naquele lugar nos trouxe de volta. Lembro que a escola sempre era o melhor espaço de encontro, criação de laços e amizades, que até hoje é perpetuado. A felicidade era percebida em nossos rostos. Trago na lembrança os momentos cívicos, as brincadeiras de pés descalços e das deliciosas merendas feitas pelas merenderias, assim nomeadas pelas pessoas de minha geração e pela comunidade. Aqui não nego a importância da formação na minha vida, pois a escola era dinâmica. Destacam-se os desfiles no Sete de Setembro pelas ruas da comunidade, todos com uniformes impecáveis, as gincanas, as quadrilhas com a participação de toda comunidade, as brincadeiras no fundo da escola no chão batido, peteca, esconde-esconde, pique-esconde,rouba bandeira, os auditórios,teatros, as feiras e tantos outros.Faziam parceiros, amigos, ágeis e sobretudo felizes. A diretora e as professoras todas eram da comunidade; o respeito por elas era

expressivo, como se fossem pessoas de nossas famílias! Conheciam cada um dos alunos pelos nomes e também os pais de cada um de nós.

Destaco a importância da participação da escola nos festejos,nas festas tradicionais da comunidade, como por exemplo, a de nossa padroeira, Nossa .Senhora do Rosário. A aproximação da comunidade e os valores comunitários do quilombo tinham tratativas especiais pela escola. A partir dessas lembranças, podem-se observar características que diferenciam a escola quilombola das quililombolas, pois estavam muito presentes o sentido de pertencimento e a formação,o fomento para produção e desbravamento de outros conhecimentos ofertados por sujeitos em condições diferentes, com o enfoque na realidade vivda pelos quilombolas de Pinhões.

Cursei a segunda etapa do ensino fundamental e o ensino médio no centro da cidade de Santa Luzia, por não serem oferecidos na escola local quando do processo de continuidade. Estudar fora era desafiador e inicio de um processo de luta e resistência, pois muitas crianças ficaram pelo caminho e/ou nem tiveram acesso.A comunidade era muito carente e muitos pais dependiam da ajuda dos filhos e filhas no processo das lavouras e outras produções de subsistência. Aprendi os ofícios de minha mãe e avós e deles tirava a manutenção dos estudos por vários anos em minha trajetória. Cursei o magistério na E.E. Professor Domingos Ornelas, pois, desde muito cedo, queria ser profesora. Lembro das minhas professoras de didática que foram fundamentais em minha vida profissional. No entanto, essa oportunidade de estudar fora da comunidade permitiu perceber a diferença de comportamento e possibilidades de ensino, quando a escola não se relaciona com o contexto quilombola que eu sou oriunda. Entendi a potência dos ensinamentos que obtive no conviver juntos aos semelhantes e aos distintos, e a percepção da prática da ciência abordada por diversas perspectivas.

O interesse por dar continuidade aos estudos emergiu e ingressei no curso de Pedagogia. Essa experiência forneceu luz ao pensar os processos pedagógicos com o cotidiano da comunidade, percebendo portanto, que é possível realizar uma aprendizagem e formação considerando os valores da comunidade e o público que a escola atende, entendendo o educando como parte fundamental do processo educativo, e em paridade de conhecimento para construção de um processo de aprendizagem saudável do ambiente escolar, independentemente de sua idade, classe e cultura. Todos os contextos são relevantes para munir de sentido o aprendizado.

Em paralelo, trabalhei como Conselheira tutelar, eleita pela comunidade. Este foi o primeiro Conselho Tutelar da cidade. Por meio dessa atividade, tive oportunidades de

compreender um pouco mais a condição de vida da criança e adolescente quilombola, ampliar os conhecimentos do contexto de educação e as relações de diferenças quanto a concepções de infância e juventude. Em um encontro coma experiência e o desejo de aprender, o encontro de gerações aconteceu quando da realização do trabalho na Pastoral da Criança; eu e a professora e ex – diretora da escola , a sra. Esther Azevedo, abraçamos a causa para erradicar a subnutrição entre as crianças do quilombo. Que trabalho lindo foi desenvolvido! Tivemos o encejo de compartilhar essa experiencia em outros bairros da cidade.

Em 2002 assumi a supervisão pedagógica na Escola Municipal Edwar Lima, na periferia de Santa Luzia, no distrito de São Benedito. Minha experiência já constituída foi fundamental ao me deparar com o desafio contínuo sendo cada dia uma nova situação.O desafio era principalmente motivar aquelas crianças a verem na educação a oportunidade de mudar as narrativas históricas que lhe eram apresentadas, reconhecendo seu lugar e espaço de convivência. O árduo caminho apresentava lágrimas e momentos de reflexão sobre o oficio. Apresentamos metodologias de orientação que proporcionavam aos professores buscar na formação local as ferramentas de engajamento, como a comunicação no processo de aprendizagem.

Ainda em minha formação, tive o desejo de cursar Engenharia Civil, outra paixão, que me oporunizou a ajudar dezenas de moradores do quilombo Pinhões e também do quilombo Matotição, no municipio de Jaboticatubas, através da construção de Fossas Sépticas Biodigestora, um projeto em parceria com a Associação Cultural. Além de resolver o problema do esgoto a céu aberto e a diminuição de doenças adivindas do mesmo, promovemos a capacitação dos moradores que passaram a gerar renda com a construção de outras fossas. Entender o contexto de formação de sujeitos quilombolas instrumentalizou uma exitosa ação na administração municipal por quatro anos. Compreendi as dinâmicas das políticas públicas e como engajar no tecnicismo as relações subjetivas das comunidades negras.

Trabalhei também no turno da tarde na Escola Estadual Pe. João de Santo Antônio,a nossa escola, lecionando a disciplina de matemática/geometria sendo que o inicio nesta escola ocorreu nos anos 1990 onde também lecionei uma disciplina chamada Cerâmica, esta disciplina fazia parte do currívulo diversificado, que segundo o Estado todas as escolas da rede de ensino básico, pública e particulares, deveriam adota-lo. Sendo o mesmo compreendido como disciplinas obrigatórias e optativas e inclui a educação informal e atividades extra-classe. Me oportunizou levar os saberes das ceramistas locais para sala de

aula, proporcinando muitas produções e vivências, além de valorizar esse trabalho, trazer a história de muitos homens e mulheres que sustentaram suas familias através desse ofício. Em parceria com a EMATER-MG, conseguimos ofertar várias oficinas para a comunidade, a utilização das matérias primas locais como o bambu e taboa para a produção de bancos, sacolas, redes e outros. Essa produção tornou meio de subsistência para muitas famílias e os jovens da comunidade, além de os manterem ocupados com coisas boas.

À noite trabalhava com o ensino médio, era o melhor momento do dia, onde me encontrava. Lecionava a disciplina de Física para a turma de Educação de Jovens e Adultos(EJA) e o ensino médio. As turmas tinham número reduzido de alunos por ser uma comunidade pequena, o que nos proporcionava uma aproximação maior com nossos alunos. A relação de pertencimento, respeito e familiaridade nos dava enquanto professores a condição de exercer uma função para além do ensinar e aprender. Não tínhamos problemas de falta de disciplina, evasão e outros. Minhas aulas eram quase sempre nos últimos horários e às sextas feiras. Mesmo assim, todos estavam ali presentes. A vontade de aprender e superar os obstáculos se evidenciavam em cada rosto cansado depois de uma jornada árdua de trabalho. Presenciei muitos resultados vitoriosos de meus alunos(as), incentivava-os a sempre prosseguirem, partindo da minha trajetória, que os contava, e também de outros tantos de nossa comunidade. Até me increvi para o exame do ENEM, a fim de acompanhá-los ao mesmo. Em minha trajetória pela escola local tive a gestão de dois gestores quilombolas, que em suas práticas compartilhadas com a comunidade, tinham a aprovação de todos, bem como os resultados evidentes.

Em 2014 tive que deixar o trabalho na escola da comunidade, pois o turno da noite, depois de longos anos de funcionamento, foi extinto. Nesse turno funcionavam as turmas do 6° ao 9° anos, a EJA e o ensino médio. A maioria dos professores da comunidade viu-se obrigada a migrar para outros bairros da cidade em busca de oportunidade de trabalho devido à formatação imposta pelo sistema adotado. Comecei a observar que muitos jovens deixaram de estudar por vários fatores, entre eles a necessidade de trabalhar durante o dia para ajudar na subsistência familiar, e a não condição de custear o transporte para escola do centro da cidade. Percebemos hoje um número muito grande de jovens que abandonaram os estudos. Muitos ainda se encontram ociosos, outros se entregaram a vícios diversos e pode-se perceber que após esse período a violência, a marginalidade, até então pouco vistos no bairro, vieram a revelar-se.

Figura 4- Professora Sonia em atividade do curso de formação para professores quilombola, promovido pela UFMG.

Retonei à Escola da comunidade em uma atividade proposta durante o curso de formação de professores quilombolas promovido pelo Pragrama Ações Afirmativas na UFMG. Após muita persistência e resistência, juntamente com duas colegas de curso, conseguimos realizar uma oficina com alunos do 6° ao 9° ano, turno da tarde. Durante a mesma os alunos manifestaram o desejo de conhecer mais sobre a história local, interagiram em todas atividades propostas. A maioria disse não ter conhecimento de sua identidade enquanto quilombola, e/ou não ouvir na escola sobre o quilombo, pelo menos naquele turno em que a atividade fora ralizada.

Na rede municipal, onde exerço o cargo efetivo, tive e tenho me deparado com várias crianças e adolescentes do quilombo, cujos pais os matriculam desde a etapa de pré escola ao 9° ano,em número expressivo, nos chamando à atenção para entender esse processo de êxodo à procura de educação. Atualmente exerço, na Secretaria Municipal de Educação, na coordenadoria de obras e projetos educacionais do município, a função de acompanhamento de obras e manutenção dos prédios escolares, com o olhar de professora, buscando o melhor para os alunos, professores, gestores e funcionários em geral.

A partir desse relato, percebo que a experiência na educação possibilita a oportunidade

de ofertar a implementação de um currículo que considere as especificidades de uma educação quilombola para o público quilombola que vise os conhecimentos comunitários no ambiente escolar, considerando portanto, os desafios administrativos, sociais e filosóficos do aprendizado em questão. Se eu deixar isso tudo acontecer sem registrar e lutar, minhas ideias, o que defendo, poderão ser enterrados, por isso não posso deixar isso acontecer. O tempo tem passado e junto dele as mudanças, os desafios e as lembranças. Fazer a pesquisa sobre a Educação Escolar Quilombola com os quilombolas é singular e especial, pois ninguém pode dizer e viver o que nós vivemos, sabemos e fazemos, num espaço nosso, com relatos e narrativas carregadas de um potencial e força, de uma resistência e experiência passada de geração a geração, fruto de nossa relação com o pertencimento ao território em lutas e conquistas pela comunidade. Essa relação é mais forte do que poderia imaginar porque, ao ir ao encontro dos meus nesse movimento de escuta, nos encontramos no fazer, no acreditar, na possibilidade de não deixar que nossa história se perca. Dessa forma, enquanto professsora dos anos iniciais do ensino fundamental e também do ensino médio,tento narrar esse processo, procurando entender os saberes, costumes e fazeres do quilombo e do ato de educar, num lugar que é meu, de muitas diversidade e igualdade, onde crianças, jovens, mulheres, homens e pessoas anciães habitam. É aqui que minha dissertação começa. Vamos lá.

2. DESAFIOS METODOLÓGICOS

O processo de construção da problemática da pesquisa partiu de uma de escuta de relatos feitos por ex-professores e moradores da comunidade quilombola de Pinhões acerca dos processos educativos presentes no território, bem como de suas contribuições para se refletir sobre a implementação da Educação Escolar Quilombola. As questões apresentadas apontaram para a necessidade de trabalhar com a comunidade quilombola, que aponta os saberes, fazeres, costumes, tradiçoes e processos de aprendizagem que consideram o contexto em que a escola se encontra inserida.

A abordagem qualitativa se constitui na inserção da análise do contexto, na interação social e os relacionam com a produção de sentido e significado do conhecimento na qual a realidade pode ser melhor compreendida pelo sujeito. Os fenômenos são percebidos de maneira holística com sujeitos que nela integram (GATTI, 2010).

Desse modo, a metodologia, fundamentada na abordagem qualitativa mediante análise documental e realização de entrevistas narrativas, buscou identificar no cotidiano quilombola práticas educativas que possibilitam à escola mobilizar outras formas de aprendizagem que atendam aos valores da comunidade onde essa se encontra inserida, e verificar o que tem sido colocado em prática ao longo desse período . É relevante destacar que o desenvolvimento dessa pesquisa teve a intenção de aproximar realidades distintas capazes de contribuir para a formação escolar com fundamento nas diretrizes da educação escolar quilombola. De acordo com referências no campo da metodologia de pesquisa,

> Na entrevista narrativa, pede-se ao informante que apresente, em uma narrativa improvisada, a história de uma área de interesse da qual o entrevistado tenha participado (...) A tarefa do entrevistador é fazer com que o informante conte a história da área de interesse em questão como uma história constante de todos os eventos relevantes, do início ao fim (HERMANNS,1995, p.183).

Através das entrevistas realizadas, o público escolhido foi convidado a narrar suas experiências, lembrar do que viveu e aconteceu, além de ser um espaço de escuta e de visibilidade. Essas narrativas evidenciaram saberes e fazeres da comunidade experienciados no dia a dia e sua importância para a educação e perpetuação da comunidade. Selecionamos os entrevistados em dois grupos: de professores e/ou gestores que atuaram na escola local e os moradores do quilombo, que atuam ou atuaram em movimentos e grupos ou trabalham na

unidade escolar local. Sendo os mesmos: Maria Geralda Gonzaga Carvalho,carinhosamente conhecida como Fia,liderança da comunidade quilombola, rainha perpétua do Reinado da Festa do Rosário e primeira presidente da Associação Cultural das Mulheres Quilombola de Pinhões, hoje Associação Quilombola e participante do grupo de Pastorinhas da comunidade. Maria Euleutéria Duarte Santos, a Dona Lilia, mãe de cinco filhas, uma das primeiras professoras da comunidade, que tem o respeito de todos. Janser Rodrigues, filho da ceramista Vagna (in-memória), mestre de capoeira e fundador da Associação Herança de Quilombo, de capoeira. Maria Aparecida S. Carvalho,ex-professora da escola do quilombo, aposentada, e artesã.Guerino Aparecido Pereira, mestre do Congado N.Sra. do Rosário, membro da AQQP. José Maria de Souza, ex-professor e gestor da escola do quilombo e aposentado, Cleud Valesca de Souza, ex- professora e gestora da escola do quilombo, Sonia A. Araujo, ex-professora da escola do quilombo, atuante na rede municipal, membro da AQQP e participante do grupo de Pastorinhas da comunidade. Maria Valdete Rosa, membro da AQQP, funcionária da escola do quilombo e participante do grupo de Pastorinhas da comunidade.

Desse modo, pudemos acessar diversas memórias e práticas, permitindo o mergulho no passado, presente e também aos anseios para o futuro em relação à educação. Conforme Mehy (2006,p.194), na história oral o pesquisador “acaba compreendendo para explicar, explicando para transformar”.Nesse sentido a troca de experiências, como simples instrumento de diálogo, de reconhecimento dos quilombolas nos mostra a possibilidade de produção da história e da educação, promovendo significados às histórias de vida dos que habitam o espaço quilombola.

Inicialmente, devido ao momento em que nos encontrávamos, de cuidados em relação à Covid-19, o contato foi realizado via telefone com os sujeitos escolhido, que ao confirmarem a participação e colaboração, receberam um roteiro de entrevista com perguntas abertas a partir da problemática e objetivos da dissetação a serem abordados em data e horário posteriormente divulgados para o encontro presencial. Desse modo, entende-se que “ele é necessário para construir uma trama flexível de questões que traduzem questionamentos concretos, os questionamentos da problemática e as hipóteses, singelamente formuladas, que devem ser feitas pelo interlocutor” (ALAMI; DESJEUX; GARABUAU-MOUSSAOUI, 2010,p.96), sendo o roteiro essencial durante a condução das entrevistas, possibilitando a coleta de informações dos moradores e ex- professores da comunidade sobre suas práticas e vivências no quilombo.

Um Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TCLE), em atendimento às exigências do Comitê de Ética da Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, foi igualmente enviado aos colaboradores virtualmente e devolvido conforme a orientação. As entrevistas foram gravadas e aparecem ao longo do texto em formato de citação, com recuo de 4cm e com letras em Times New Roman, bem como as falas dos moradores e ex- professores e/ou funcionáros na escola da comunidade. Os diálogos aconteceram na casa dos pesquisados, em ambiente tranquilo e em horários escolhidos pelos mesmos, para que não houvesse intervenção. Nesta o morador(a) narra suas experiências de vida, interação com o território e com a educação local, ou a não interação. Para tanto, foi utilizado o gravador do celular com intuito de conduzir a interlocução e registrar todas as informações fornecidas pelos mesmos. É notório que "não há boa entrevista aprofundada sem gravação" (BEAUD; WEBER, 2014, p. 137).

A participação dos quilombolas possibilita a investigação e os sujeitos envolvidos partilham seus saberes e experiências, bem como os do lugar onde vivem na construção do conheimento. Assim, as pessoas se fazem presentes para além de meros objetos de pesquisa.

Nesse sentido, procuramos ouvir vozes dos quilombolas de Pinhões, dos ex-professores, dos agentes sociais e entender como se dá o processo de construção de uma educação escolar quilombola numa comunidade quilombola, que aponta os seus saberes e fazeres a partir desses outros sujeitos quilombolass, destacando principalmente os que fazem parte do Congado local.

Inicialmente, cogitávamos investigar a interlocução ou não interlocução entre a escola quilombola de Pinhões, a educação escolar quilombola com os saberes, costumes e práticas locais, por entender a importância dessa relação no contexto da educação quilombola. Entretanto, devido ao período pandêmico que se aflorava a cada dia, às dificuldades de adentrar pelos portões da escola, mesmo que de maneira virtual, entendemos que não seria possível concluir se continuássemos aguardando os retornos às diversas solicitações. Cabe destacar aqui que foram contactados professores com atuação na escola local, bem como outros profissionais sendo estes selecionados e apontados pela direção para que a partir daí pudesse dialogar com os mesmos a fim de obter o consentimento e prosseguir as atividades. A maioria destes profissionais era novatos, ou seja, recém-chegados à escola, visto a alteração do quadro de funcionários, seja por substituição dos temporários, seja pela ocupação de cargos para preenchimento de vagas nas escolas a partir da realização de concurso público.Essa configuração ainda é uma realidade de muitas escolas públicas, que não têm seu

quadro efetivo permanente, condição esta que garante a continuidade e acompanhamento no processo de ensino aprendizado do alunado.

Algumas pessoas contactadas, após um longo tempo, manifestaram desejo de participar da pesquisa. Entretanto ao encaminhar suas respostas às perguntas elaboradas e enviadas virtualmente, traziam vagas contribuições utilizando frases curtas ou palavras soltas. Até mesmo a direção da escola, depois de várias tentativas, enviou um e-mail em que justificava a não participação por acúmulo de atividades, reconhecendo os professores como agentes capazes de contribuir com minha pesquisa. O acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola foi negado com a justificativa de que o mesmo estava em processo de construção juntamente com a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, e o acesso ao mesmo somente se dava com autorização da referida instituição. Foram várias tentativas virtuais até que depois de feito o contato com a Secretaria, recebi um email com o documento parcial,ou seja, não finalizado.

Por isso, optamos por ouvir apenas os ex–professores e moradores da comunidade, com o objetivo de analisar como a educação quilombola acontece entre os saberes e fazeres que se destacam através da música, da dança, da culinária, das rezas, das benzeções, das artes etc., bem como sua contribuição para a educação escolar quilombola no quilombo. Para alcançar tal objeto, buscamos averiguar como é abordada a temática quilombola no território de experiências, de diversidade racial e cultural. Por meio de suas falas, de suas histórias, aos poucos foram sendo narrados episódios de muito significado, por uma escuta atenta da pesquisadora, que também faz parte deste contexto. Aqui esses colaboradores dessa contrução trouxeram suas experiências vividas ao longo de suas trajetórias de vida com a comunidade e com a escola, seus anseios pela continuidade e preservação das memórias e vivencias, para garantir e perpetuar o lugar onde se vive, mostrando em fotos algumas das muitas passagens dessa caminhada histórica.

> Trazer para a pesquisa fotografias, exibidas durante os relatos, com autorização, foi muito importante, como nos relata “as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 183).

UM POUCO DE NÓS.....

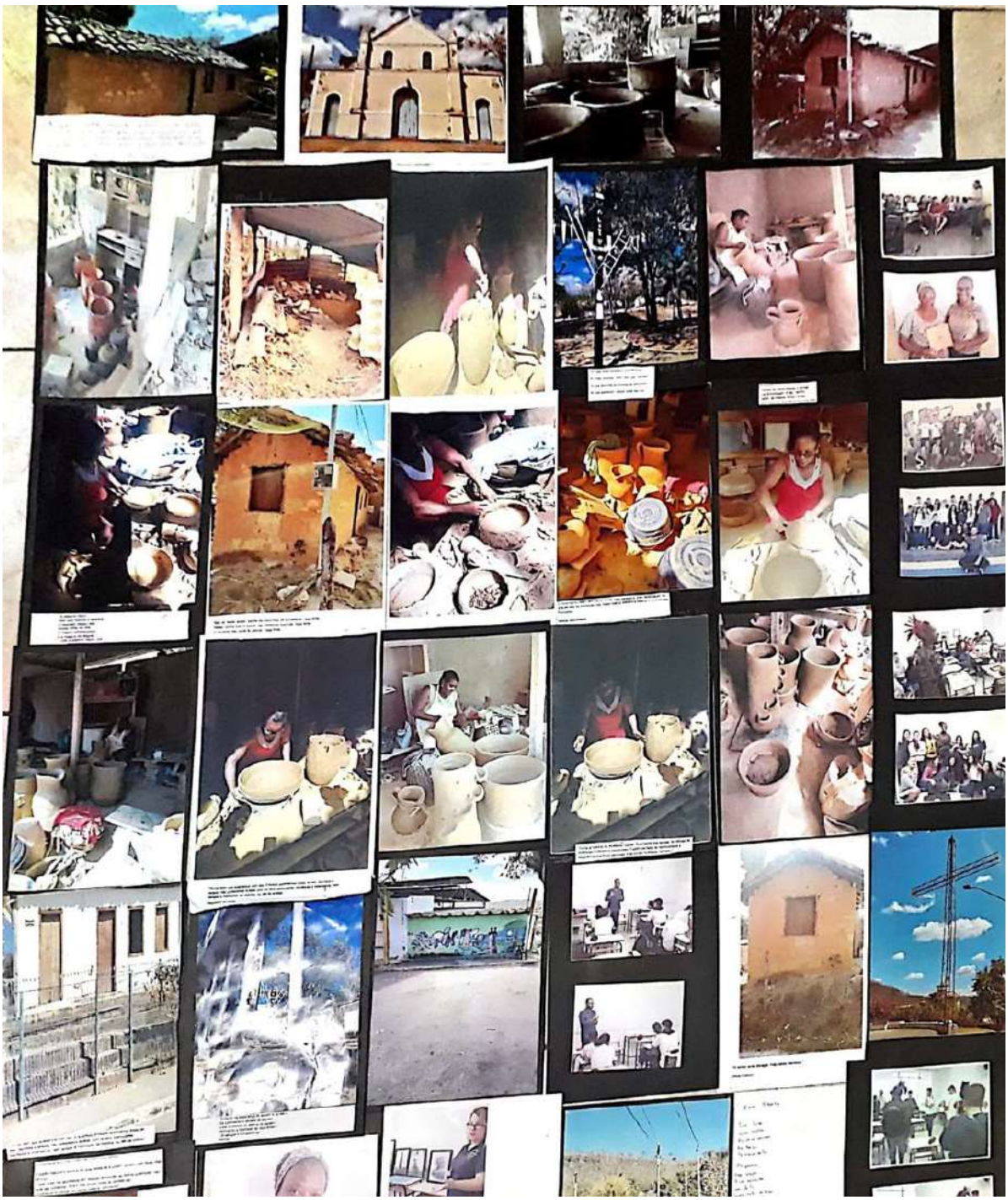

Figura 5: Painel de algumas atividades da comunidade

3. SABERES QUILOMBOLAS TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO.

> "Tal como, ainda há muito tempo, precisam de dividir a humanidade em escravos e senhores, as democracias liberais dependem, hoje em dia e para sua sobrevivencia, da divisão entre esferas dos semelhantes e a dos não semelhantes ou, ainda, dos amigos e "aliados" e dos inimigos da civilização".
>
> (Mbembe, Politicas da inimizade)

3.1 Disputas em torno do currículo

A resistência quilombola é o esforço contínuo de existir na situação concreta de vida. Neste esforço são muitos os processos educativos que legitimam a existência de um povo. Na construção da educação dos mesmos, a produção dos seus saberes não está separada dos seus fazeres cotidianos, pois saber e fazer se justapõem, dialeticamente, produzindo seus processos educativos. A educação e seus processos confirmam a existência de um povo, através de seus saberes, de sua vida cotidiana, das suas resistências, que vão se confirmando as origens. O esforço das lideranças quilombolas de Pinhões se dá na busca de reafirmar as procedências, a valorização desses saberes e fazeres como resistência do conhecimento ancestral que se conserva até os dias de hoje e demanda às novas gerações o cuidado e ressignificação.

Várias pesquisas têm apresentado contribuições para a necessidade de promover a articulação entre saberes tradicionais quilombolas e saberes escolarizados.[4] Citamos, como exemplo, os processos educativos que contribuem para a existência quilombola da Comunidade de Fojo[5], que foram sendo apreendidos no espaço tempo da luta pela sobrevivência. Desse modo, à medida que os processos educativos contribuem para a resistência, ela fortalecia seus processos educativos. E, nessa retroalimentação entre experiência, processos educativos e resistência, as famílias foram permanecendo, educando seus filhos, constituindo territórios – identidades e lá estão até os dias atuais.

---

[4]Saberes Escolarizados são constituídos em função de sua forma de estruturação nesses currículos, levando às diferentes disciplinas orientações que compreendem de maneiras diferenciadas ou mesmo são apreendidas distintamente, chegando a privilegiar e valorizar determinados conhecimentos e disciplinas em contrapartida. http: //www.gpef.fe.usp.br.

[5]A comunidade quilombola do Fojo, situada no município de Itacaré, Bahia, representa um remanescente de quilombo de grande importância para a história da resistência do povo afrodescendente. Para mais informações, confira Nascimento & Soares de Sá, 2020.

Como na Comunidade Quilombola do Fojo, a escola local de Pinhões é um espaço que parece silenciar a sua história, sua identidade negra e quilombola. Os saberes, os conhecimentos, lutas, histórias e memórias da comunidade têm sido vistos por quem está do outro lado com certo desconhecimento, tratados superficialmente, não inserindo em sua prática educativa questões inerentes à comunidade quilombola. Em sua pesquisa, Débora Rodrigues constatou que:

> Os saberes das mulheres da comunidade atravessam todo este trabalho de pesquisa. Conhecimentos transmitidos através da convivência, da observação e que trazem traços de aprendizados que só são possíveis através da observação, do estar presente e do fazer junto, o que Taylor (2013) chama de conhecimento incorporado. No trecho acima, Neide nos relata que foi dona Cleud, que foi professora na comunidade, quem a ensinou a costurar. Esses conhecimentos fazem parte dos processos educativos da Comunidade Quilombola de Pinhões, assim como de outras comunidades quilombolas (RODRIGUES, 2020, p. 129).

A autora destaca que os saberes e fazeres do cotidiano demonstram como a resistência do conhecimento ancestral perdura por anos, proporcionando uma forma tradicional de vida e organização da comunidade, fazendo dos processos educativos vividos base para o aprendizado de saberes que motivam pela sobrevivência diária. Conhecer e valorizar a epistemologia da natureza, a história coletiva da comunidade, o diálogo cotidiano, através das conversas, encontros, desencontros, a participação em grupos, faz com que os vínculos com as raízes ancestrais permitam a essa comunidade a afirmação de sua identidade e o direito à memória, ligando o passado e o presente dos negros de Pinhões, buscando ressignificar, recriar o que foi e tem sido invisibilizado ou negado sobretudo no campo da educação, pois ainda temos um modelo colonial, que persiste neste século.

Para que os conhecimentos, saberes e fazeres da comunidade ainda possam dialogar com a escola, é preciso que a escola se reconheça quilombola e entenda que a comunidade aprende e ensina o sentido de ser quilombola no território e fora dele, constroi conhecimentos em torno da resistência das práticas cotidianas afro-brasileiras numa luta social e política em defesa de sua história e o significado de ser quilombola no passado e na atualidade.

Desde 2010, quando a escola de Pinhões, foi reconhecida como escola quilombola, passando a ter um tratamento diferenciado a partir do censo escolar, justificava-se a necessidade de um novo diálogo com a educação para as relações étnico-raciais capaz de levar ao entendimento do ser quilombola, ressignificando o sentido da própria história do lugar às crianças, jovens e adultos. Para que isso possa acontecer dependerá do

autoconhecimento da história quilombola, tendo os vínculos com o lugar fortalecidos pela tradição cultivada pela Comunidade, incluindo os não quilombolas que escolheram este território para morar. Com esse objetivo, o currículo escolar deve dar importância às contribuições dos saberes quilombolas para a educação quilombola. Para além do silenciamento encontrado no currículo escolar, entendemos que este currículo representa uma força epistemológica que deve se articular com os conhecimentos cultivados historicamente pela Comunidade. Dialogar sobre a história local, as memórias, é também função do currículo escolar perante a comunidade.

Assim, torna-se uma necessidade pensar as práticas educativas escolares a partir da construção do projeto político pedagógico, com a participação coletiva, dialogando com os conhecimentos científicos e saberes educativos quilombolas, convertendo em possibilidades didático-curriculares, dialogando com a vida comunitária, com a ancestralidade, as famílias, os anciãos, as mulheres, com o ambiente, a natureza, de modo a envolver tudo que compõe o território.

A partir dessa percepção, busca-se interagir, respeitar e valorizar a experiência dos afro-brasileiros quilombolas, suas práticas culturais e suas identidades. E assim, a escola se encaminha para efetivamente implantar a modalidade da Educação Escolar Quilombola.

Entendemos que os processos educativos quilombolas produzem conhecimentos e saberes sobre a natureza e o ser humano. Entretanto, é primordial o fortalecimento e reconhecimento da identidade quilombola, através e com a escola, diminuindo assim a invisibilidade e distanciamento externo das políticas públicas para com a população quilombola e respeitando os modos de vida e a história do negro. Muitas vezes o Estado quer anular e apagar as memórias desse povo. Não queremos receber receitas e sim fazer a nossa própria receita. A adequação do calendário escolar ao calendário cultural e festivo de Pinhões, assim como a inserção de alimentos que são cultivados e consumidos no quilombo na merenda escolar são alguns dos exemplos do que mudou na escola a partir deste reconhecimento, na modalidade quilombola. Logo, a educação quilombola é o lugar que o quilombo tem como espaço do saber e não é uma tarefa fácil, por isso exige resistência e determinação, com intuito de descontruir e construir uma modalidade de ensino mais próxima da realidade dos que dela participam.

Na comunidade de Pinhões encontra-se presente uma das mais importantes expressões culturais do município de Santa Luzia: trata-se do Congado Catopê, da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, formado por integrantes masculinos com idades variadas entre 2 a 90

anos. Grande parte dos alunos da escola quilombola integra esse grupo. Trago alguns questionamentos: Como é a relação da escola com tal manifestação cultural da comunidade? Qual significado o Congado tem para a escola?

O papel desempenhado pelo Congado de Pinhões na preservação da tradição cultural, que se atualiza de geração em geração na comunidade, corre risco de se extinguir por ausência da valorização, partindo principalmente da escola. O desconhecimento, talvez, por parte dos gestores e professores faz com que haja uma separação, uma ausência de ressignificação, de interlocução com o fazer e ser quilombola, na escola e com a escola. Entende-se que o congado também é parte do currículo escolar.

> A relação das práticas sociais existentes em Pinhões com a educação no território e no ambiente escolar, mesmo diante do desafio de que os livros e registros oficiais de história não conseguem abarcar a riqueza das memórias que comparecem através das práticas, dos cantos, das festas e das vivências cotidianas que foram silenciadas (RODRIGUES, 2020, p.153).

Figura 6: Cortejo da corte durante a Festa da Padroeira no quilombo. (Outubro,2005).

A comunidade se organiza para os festejos durante todo ano e no mês de outubro realiza doze dias festivos que comprendem entre a novena e três dias finais festivos. Na imagem acima, a Rainha dos festejos daquele ano, Sara Araújo, é conduzida à Capela em uma Litera antiga por figurantes representando os negros escravizados da época. Ao chegarem ao adro, são conduzidos ao altar para a principal celebração. Assim nos conta sobre o inicio dos festejos:

> Contavam os antigos, como a dona Aramita, que na noite de Santo Antônio tinha fogueira. Ela criança ouvia os mais velhos contar que a meia noite quem estava na fogueira do dia 12 para o dia 13 de junho, ouviam bater o sino na gruta. Daí eles pensavam em construir uma Igreja no alto e ter como padroeiro o Santo Antônio. Neste alto já havia uma cruz e lá comemoravam a Festa de Santa Cruz no dia 03 de maio. Para esta festa faziam virgília ao redor da cruz, rezavam o terço com o canto da ladainha em latim e o candomblé. Um grupo de homens preparavam o local quando chegou o Pe. João de Santo Antônio e oferece ajuda para a construção da igreja e sugeriu que a padroeira fosse Nossa Senhora do Rosário. Em 02 de fevereiro de 1906 foi rezada a primeira missa em Pinhões pelo Padre João de Santo Antônio, quando foi escolhida Nossa Senhora do Rosário para ser colocada no trono, tornando a nossa padroeira. E em 1909 foi celebrada a primeira Festa do Rosário com rei e rainha: Sr. Marcelino Rodrigues e Sra. Maria Martinha Moreira... (Maria Geralda,moradora do Quilombo Pinhões,2022).

A comunidade se uniu para comemorar o centenário desta capela, que resiste às marcas do tempo. Nos dias de hoje ela não comporta o número de fieis que vêm de perto, dos arredores e de longe para os festejos. Por essa razão, é montado no Adro da igreja um grande palco, com tendas e ali acontecem as principais manifestações de fé e convivência deste lugar.

Figura 7: Visita do Congado às famílias dos ex- festeiros, durante a despedida da festa, que sempre acontece no último dia dos festejos.

A cultura popular, representada pelas manifestações de dança, música e religiosidade, expressadas através do congado, pastorinhas, capoeira, é presente no quilombo, além de sua forma de organizar em famílias, seu jeito singular de interpretar e lidar com o meio. É a presença epistêmica de suas origens. A ocultação das práticas sociais, como a capoeira, as rezas, benzeções e os banhos de folhas etc, e a invisibilidade epistemológica constituem um "desperdício da experiência social" (SANTOS, 2005, p. 37).

A busca permanente das lideranças para manter vivas e resignificadas as práticas vividas e passadas de geração em geração, compreendendo a resistência quilombola, é evidenciada nos movimentos de lutas internas frente àqueles que chegam e não reconhecem essa experimentação social centenária. Os mais velhos, através da tradição oral, deixaram um legado, e ainda é presente a importância de suas falas para impulsionar a nova geração a prosseguir lutando. Percebemos que as novas gerações necessitam exercitar a escuta como preparação para a tradição oral, que sempre esteve presente na vida da comunidade.

Na Comunidade Quilombola de Pinhões as pessoas gostam de falar, contar histórias, o que permite manter viva sua memória e ancestralidade. As memórias são consideradas como plenas de conhecimentos e sensibilidades relacionadas com o convívio, pois a história precisa ser pensada como um imenso campo de possibilidades que cria condições para que cada pessoa do quilombo se sinta pertencente à história da própria comunidade, contribuindo para formação de cidadãos que compreendam que, por mais humilde que sejam, também possuem memórias que são tão importantes quanto às outras memórias.

> Os saberes tradicionais não podem ficar fora do currículo, nem muito menos colocados como menores. Porém, nem sempre eles se encontram dentro das salas de aulas, mas precisam ser conhecidos e valorizados não apenas para contar a história de formação desse quilombo, mas remontar uma memória de luta e formação dos quilombos no Brasil e da resistência negra contra o sistema escravista (OLIVEIRA et all., 2016, p. 17).

Na comunidade quilombola de Pinhões, a oralidade está presente também nas rodas de conversas, no adro da Igreja, velórios, festas de casamento, de aniversários, no futebol, calvagadas, peregrinações, no ônibus e excursões e encontros diversos. Momentos que nos fazem fortes, neles nos organizamos para defender a comunidade. E é ai que temos que evidenciar nossas crianças, jovens e adultos para um espaço de trocas e convivência.

Para tanto, é necessária uma metodologia que leve à (des)construção de currículos

prontos, visando dar novos significados à cultura, à identidade quilombola e aos saberes tradicionais que são componentes curriculares podendo ser apropriados pelas crianças, jovens e adultos nos espaços escolares.

No entendimento de Edmara Soares (2016, p.6), a Educação Escolar Quilombola se constitui uma ação afirmativa visando quebrar o amuleto das injustiças históricas, de intervir e dissolver as marcas colonizadoras imbricadas nos saberes escolares, e, sobretudo, vislumbrar a possibilidade de imprimir uma carga de reparação cultural e material à população negra que arrasta uma situação de desvantagem social histórica. Mas uma ação afirmativa só terá efeitos práticos na vida dos sujeitos se tiver como objetivo central propiciar as condições efetivas para que as situações de desvantagem sejam superadas e eliminadas.

Por fim, o currículo deve preservar o patrimônio coletivo, de conhecimento próprio, familiar. E todos precisam entender que essa é nossa riqueza. Muitas vezes há uma depreciação e pode acontecer que o currículo contribuirá para uma aniquilação e isso não é o ideal. Este deve estar em constante diálogo com a Lei 10639/03, as Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-raciais e com o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana, conforme parecer CNE n°3/2004 e Resolução CNE/CP n° 1/2004). Apontado no Art. 7°, rege-se nas suas práticas e ações político-pedagógicas pelos seguintes princípios:

> XVII – direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento,valorização e continuidade;
>
> a – trabalho como princípio educativo das ações didático-pedagógicas daescola;
>
> b – valorização das ações de cooperação e de solidariedade presentes na história das comunidades quilombolas, a fim de contribuir para o fortalecimento das redes de colaboração solidária por elas construídas;
>
> c – reconhecimento do lugar social, cultural, político, econômico, educativo e ecológico ocupado pelas mulheres no processo histórico de organização dascomunidades quilombolas e construção de práticas educativas que visem à superação de todas as formas da violência racial e de gênero.

Dadas as diretrizes curriculares, percebo como demanda de uma proposta de implementação do currículo das escolas em contexto quilombola, métodos que atendam o diálogo com a comunidade e a oferta de ensino considerando os valores comunitários nos quais as escolas quilombolas estão imersas. Essa atitude política proporciona a incorporação das experiências vividas a proposta curricular capaz de mobilizar em suas práticas o contexto dos educandos imersos em harmonia com o currículo padrão das escolas, de forma que não

produza uma defasagem nos educandos no momento em que buscam inserção social advinda da formação básica escolar.

A comunidade está fazendo sua parte, mas a escola tem demorado chegar à comunidade. Nós lutamos para ter uma escola, desde o início da construção da comunidade, de seu reconhecimento, mas precisamos que essa escola esteja em diálogo conosco. Se tem no Projeto Politico Pedagógico, ela deve estar aqui e não dissociada. É preciso pensar a vida, os saberes em consonância com esse território ancestral, preservando a identidade, a cultura, o meio ambiente, produzindo alimentos. Isso tudo leva a sociedade a repensar o sistema de ensino, sobretudo a educação escolar quilombola.

A 5ª Geração[6]

A 5ª. Geração Com três mulher guerreira assim a história foi surgindo/ na fazenda independência vai ouvindo/
duas eram irmã e uma era prima Tia Luíza, Antônica e Marcelina/ cozinheira mãe de leite tá entendendo, nossa história é bem louca irmão vai vendo/
guerra preta estratégia Quilombola demorou vamos nessa é agora/ povoaram a fazenda uma pá de plantação defendendo o território e mantendo a tradição/
aqui tá nois a quinta geração somos a continuação.

A vida aqui no campo nunca foi fácil/ aqui também tem que ser H.aço/ meu povo fez história mas foi esquecido e como fênix estamos ressurgindo/ não temos nada de graça tudo é conquistado graças aos movimentos que sempre se organizaram/ da sua forma ,do seu jeito, da sua maneira aonde quer que esteja/ é o campo que planta pra cidade comer/ porque se o campo parar cidade come o que?/ queremos muito não suficiente tá bom, um cantinho no mato um pedacinho de chão/ você também faz parte dessa história guerra preta estratégia Quilombola.
Refrão:
Eu falo de paz,
Eu falo de amor
Eu falo dos manos e das minas que somou
Eu falo de um povo que lutou e não foi em vão
Aqui tá nós a quinta geração

De atenção é o que meu povo está precisando/ Realidade Negra vamo que vamos/ nessa conexão entre serra e mar/ do pescador artesanal ao agricultor família/ no manejo da vida ela nos ensina e nas consequências ela nos inspira/ entre o natural e o artificial/ do

[6]Música: Realidade Negra/ A 5ª Geração –https://www.youtube.com/watch?v=Oevm9...

tradicional versos industrial/ espalhados pelo mundo África segue chorando/ aqui no Brasil sangue vai jorrando/ a ferida ainda está aberta e não cicatrizo/ continua açoitando o chicote do feitor/ meu Deus, Deus meu eta vida dura/ é a mentira do progresso esmagando a cultura/ a sua e a minha, a minha e a sua é então segura.

Nois segue nessa lida Quilombo perspectiva de vida/ é o que nós quer muita fé assim que é / somos um único povo numa só voz/ vou te falar ouve aí não a diferença entre nois/ o Quilombo servia de abrigo pros negros acorrentados e fugitivos/ e hoje se torna resistência de permanência no local escolhido por moradia/ isso é fato é relato reais se liga rapaz salve todas as comunidades tradicionais.

Refrão

Eu falo de paz,
Eu falo de amor
Eu falo dos manos e das minas que somou
Eu falo de um povo que lutou e não foi em vão
Aqui tá nós a quinta geração

3.2 Narrativas quilombolas sobre os saberes da Comunidade Quilombola de Pinhões

A música, A 5ª Geração, nos fala de um povo, nossos ancestrais, que lutaram, sonharam e resistiram, nos garantiram o direito de fazer e continuar fazendo com que nossa história seja contata e vivida pelas gerações originárias.

Saber tradicional é todo o conjunto de saberes e práticas que na oralidade são transmitidos dentro de uma comunidade. Nessa seção trazemos alguns dos saberes e práticas do quilombo de Pinhões, que é rico neste conjunto e fazem parte da sua identidade cultural. Experiências importantes, vividas e compartilhadas no dia a dia,que ensinam para a vida e valorizam as formas de vida do povo.

Em entrevistas com moradores do quilombo de Pinhões, percebe-se que existe a expectativa de um modelo de educação que apresente a liberdade para expresão de saberes da comunidade, pois percebem a não apropriação de seus saberes, diminuindo a crença no que seus ancestrais construíram, invalidando as lutas,as resistências. Como nos apontam os autores abaixo:

> Na escola eles não constroem seus saberes pautados numa realidade rural, mas sim, no mito do progresso das cidades e na oportunidade de libertação oferecida pela ciência. Assistem pela mídia teorias e novas regras para alcançar qualidade de vida, perdendo cada vez mais a fé no que seus ancestrais puderam construir, pois acabam por nada ter na medida em que tudo que lhes é prometido, seja pela mídia seja pelos governos, não lhes cabem (FERNANDES, NAZARETH & REIS, 2008).

O morador Janser Rodrigues, mestre Guará do grupo de Capoeira “Herança de Quilombo”,filho da artesã Vagna Rodrigues (*in memorian*), que por 42 anos trabalhou com o barro, no quilombo, nos relata que cresceu vendo sua mãe criar panelas, vasos e outras peças de barro e seu pai, que era agricultor, cultivar divesas lavouras. Não seguiu o oficio de nenhum deles, trabalhou com seu pai por vários anos e com os mais velhos, ajudou sua mãe a quebrar o barro e queimar as panelas, assim relata:

> Meu pai foi sempre lavrador; plantou milho mandioca e outras lavouras aqui mesmo na comunidade, desde que eu me entendo por gente. Antes trabalhou no frigorifico em Santa Luzia, e ia todos dias de bicicleta até lá.Trabalhei com outras pessoas da comunidade, cortando cana, quebrando milho... ajudei minha mãe com as panelas de barro, fazer não, mas quebrando o barro,penerando, buscando lenha para queimar as peças. E isso não era só ela que fazia, tinha outras pessoas que faziam. Ela aprendeu com pessoas daqui. Hoje ela faleceu e meu irmão continua mantendo a

> tradição. A gente fica vendo as coisa acabando na comunidade,né, mas o conhecimento que eles passaram para mim não esqueço nunca. (Narrativa do morador do Quilombo Pinhões,2022).

A partir dessa narrativa, podemos perceber a importância de fomentar a disseminação de conhecimentos tradicionais da comunidade dentro da escola; além de analisar, de fato, as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula pelos professores, bem como a aceitabilidade dos alunos a essas práticas. Reconhece-se o quão necessária é a existência do diálogo entre as práticas escolares e as práticas próprias da comunidade quilombola na Escola Estadual do quilombo Pinhões. E segue sua narrativa dizendo:

> Nossa comunidade aqui as tradições vão se perdendo.Eu me lembro que a minha mãe fazia panela me colocava dentro da panela e não era no berço, eu não posso negar uma coisa que faz parte da minha história e de minha vida. Isso eu falo com muita gratidão pela minha mãe. Dona Neuza que a ensinou. E ver meu irmão hoje fazendo as panelas é muito bom, a gente fica pensando: depois dele quem vai fazer, muita gente sabe fazer, mas, não, ninguém quer. Sabe a dificuldade que é ficar debaixo do sol por 12, 13, 14 horas, buscar o barro e não é valorizado por isso ninguém quer isso. Às vezes muitas escolas de Santa Luzia levavam "ela"(sua mãe) para fazer um artesanato, mas aquilo ali era só para mostrar o trabalho. Mas tem uma pessoa que aprendeu com ela e foi embora paraBahia e lá faz isso. Ela chama Renata, do Bairro Bom Jesus. Eles fizeram a panela logo foi para Bahia, chegou lá venderam tudo e voltaram para cá venderam o terreno que tinha, deram a geladeira para minha mãe, e foram com a cara e coragem iniciar o negócio, além de fazer a panela faziam a vitrificação das peças. Hoje eles têm essa parte de identificação e artesanato e com o dinheiro disso, eles compraram um terreno e fizeram uma pousada lá na Bahia. Quando a minha mãe faleceu eles ficaram muito chateados por não poder vir, foi na época da Pandemia e enterrou muito rápido e infelizmente não puderam vir. Eu fico muito triste que as pessoas não querem aprender a mexer com a panela de barro porque dá muito trabalho, quando as pessoas chegam para comprar não querem pagar, querem de graça, é complicado as pessoas de fora não paga, não dão valor, mas a maioria das vezes desvaloriza uma pessoa e seu trabalho. Eu vi a minha mãe debaixo de chuva, frio, meu pai trabalha na lavoura com plástico na cabeça. Minha mãe fazia panela e ele levava para Belo Horizonte , mas ele levava desde a primeira esposa dele, que minha mãe é segunda. Levava para o Mercado Central e levava no Balaio, na cabeça. Essas peças também iam para Lagoa Santa a gente atravessava no barco as peças e lá colocava no caminhão de João e voltava atrás a pé passando por dentro. Com dinheiro das panelas traziamos mantimentos. A

> gente comprava aqueles pães, aquelas bisnaga grande e vinha comendo pelo caminho .Trazia aquele peso na cabeça, passavamos próximo das minas, eram muitas minas. Então, ele fez uma freguesia boa em Lagoa Santa e Belo Horizonte, lá o pessoal valorizava mais do que aqui, por isso muitos paneleiros pararam de mexer, mas graças a Deus ela(sua mãe) vendeu panela para o Brasil inteiro e também para o exterior. (Narrativa do morador Janser do Quilombo Pinhões,2022).

A expressão da realidade vivida pelos seus pais e a relação com o meio, este que também era fonte de subsistência, é forte para o entrevistado, bem como sua preocupação com o futuro e a valorização das práticas. O chamado "educar para a diversidade" significa fazer uso das diferenças de forma que a diversidade é explorada, criando-se a possibilidade de construção de novos conhecimentos e compartilhamento de diferentes pensamentos. Deve-se, portanto, considerar o diverso não como algo exótico, e sim como algo presente na realidade social, com reconhecimento dos diferentes modos de ser, agir e pensar no ambiente da escola.

Entendendo que a educação não está limitada ao espaço escolar, trazemos dados da comunidade voltados para os modos como as pessoas pensam, produzem saberes sobre a natureza, o território e os laços estabelecidos historicamente, que carregam valores educativos. Cada pessoa, grupos existentes, a seu modo e contribuindo para o todo, tem o papel educador num ciclo constante, cooperando para a formação de valores sociais, não formal, diferenciado, sobre a vida e seus espaços de interação, produzindo saberes, que não devem estar isolados da escola, onde crianças e jovens interagem. Cada um com sua bagagem de conhecimento, por vez reprimida ou deixada de lado no ambiente escolar.

> Hoje mesmo estava conversando com os meninos e falando, que fico pensando qual é o futuro que Mariana[7] vai ter. Do jeito que as coisas estão indo, a gente trabalha o dia inteiro, eu trabalho em dois empregos, dou aula de capoeira, trabalho de pedreiro, dou aula aqui na comunidade e na prefeitura no projeto.E fico pensando o que vai ser para ela. Antigamente cê podia ir no rio e pescar, pegar um peixe. A gente que mora em Pinhões ainda tem esse recurso, se eu sair aqui e ir lá ainda trago peixe, e quem não tem esse recurso que mora mais pra lá? E a gente deixando acabar tudo, igual está acabando. Isso que eu falo com os meninos, temos um ora-pro-nóbis, cansanção, couve, mandioca, banana...ainda dá para plantar, né? Cê vai ali compra um ovo, é branco por dentro e por fora, eu vou ao galinheiro pego uma galinha, como, tenho porco, ainda tenho espaço para isso, mas se eu não cuidar, não vai

[7]Mariana é a filha do Mestre de Capoeira Janser, de 9(nove) anos.

nascer, não vai ter. Estou com 42 anos, e agora que estou fazendo a faculdade, mas não tinha como fazer. A casa de minha mãe foi feita depois, eu fiz a casa dela e a minha. Os meninos hoje têm oportunidade de estudar e muitos não querem, A TV entrou em minha casa eu estava com 18 anos. Hoje Mariana tem uma no quarto dela. Informação cê tem toda hora, mas a pessoa tem que querer e a gente dentro de casa tem que incentivar. Às vezes eu estou assistindo uma reportagem ela está assistindo comigo, estou dando aula de capoeira, está junto. Estou dando palestra sobre nossa comunidade vai junto e está ali escutando. Tanto que no catecismo, encontrou com D. Lilia e eu falei: D. Lilia foi minha professora! Isso para mim é orgulho. Você também foi minha professora Soninha[8], você lembra?Temos que carregar nossa cultura, nossa tradição e não deixar acabar, mesmo que os daqui não quiserem vou continuar, tenho um aluno lá do Vale das Acácias que vem treinar.Arthur estava aqui treinando, foi à missa e voltou..Hoje temos muitas coisas que dificultam, igual o campo de futebol não podemos entrar lá mais, antigamente todo mundo podia entrar fazer caminhada. Hoje a gente chega lá está trancado. Nosso espaço está sempre aberto, vem aluno treinar aqui no horário que estão disponível, é só falar. Eu sou artesão mineiro, fiz cursos e tenho a carteirinha. Aqui tudo é reproveitado, reciclamos tudo. Os vidros é socado e colocado na massa para fazer piso, eu não ensino só capoeira. Igual na escola, não é da comunidade? Porque cê vai lá só falam com você que não, não pode? Vou te ser sincero, não basta escrever no muro Escola Quilombola e falar que é quilombola não. Aqui na minha casa está escrito Associação Herança dos Quilombos, mas quando você entra aqui cê vê, então a gente tem que repensar isso, o que que tem lá dentro que significa ser quilombola para uma criança hoje? Ensinam uma cerâmica, uma capoeira, isso lá? Eu nunca percebi, eu acompanho bem minha filha, seu falar que traz alguma coisa quilombola, ainda não vi. Português e matemática tem em toda escola, mas o que tem de quilombola para os meninos, nada. Mariana está aqui, o ensina sobre o quilombola na escola Mariana?

Filha _ Nada. Se minha filha está falando isso, criança é muito verdadeira. Igual eu te falei, o que é passado para ela é a gente, que já está no meio a muito tempo, e é isso que se vê. Uma crítica construtiva para que a comunidade possa ter dentro da escola quilombola, ter alguma coisa de quilombola a ser ensinado. Manter viva a tradição da comunidade, poderia ter uma aula com uma pessoa da comunidade. Isso é importante. Se levar uma pessoa para conversar. Igual o Sr. Geraldo, minha mãe que morreram, tem Guerino que fica andando para lá e para cá e ninguém faz nada, quando paro perto dele é meia hora de conversa e não estou perdendo, to ganhando. Se perder, os jovens não vai ter mais.Se tranca tudo e a comunidade é que perde...

Hoje só se consegue ir a algum lugar é estudando, não tem outro jeito. Ou você

[8]Soninha é uma referência à pesquisadora.

> estuda para não ser passado para trás e melhorar seu conhecimento para passar para a comunidade. Se a escola não passar esse conhecimento só nós não vamos dar conta não. Se na escola quilombola que deveria passar, não estão passando. Agora você vai na escola quilombola, dentro da comunidade e não encontra professor quilombola, aí não tem jeito de passar, como um professor de fora vai passar o que é do quilombola, chega e não sabe nem o que acontece em Pinhões, como vai trabalhar? Se você forma para trabalhar nessa escola, você sabe e vai trabalhar. Quando se tem um professor formado aqui e vai para dar aula, é barrado e isso cabe à comunidade se atentar para isso, não adianta só eu e você, lutar sozinhos. Precisa de mudar de postura...Falar da nossa comunidade deveria ser orgulho para todo mundo(Narrativa do morador Janser do Quilombo Pinhões,2022).

Segundo Janser a identidade quilombola é passada de geração a geração,cada um mantem seu saberes e fazeres, mas a escola tem seu papel fundamental. Passa também para seus parceiros da capoeira, que fora presente no início da formação do quilombo e após muitos anos fora resgatada por ele através de outro grupo. Além das atividades desenvolvidas pela capoeira, o Mestre Guará, assim chamado pelo grupo o Sr. Janser, procura envolver todos os membros em atividades ligadas ao meio ambiente com objetivo de cuidar da terra. Eles fazem vários tipos de reciclagens e aplicam os conhecimentos na modalidade da construção civil. O vidro, por exemplo, depois de triturado é adicionado ao concreto, para execução de pisos. E assim vão além das músicas, danças e lutas. Para ele os jovens têm a oportunidade de trabalhar vários valores, inclusive a disciplina, respeito e persistência. Já presenciou muitas experiências de resgate de jovens que se encontravam envolvidos com as drogas e até mesmo prostituição. No grupo são confeccionados os próprios instrumentos, o que opotuniza uma outra atividade de subsistência.

Figura 8- Panela de barro feita pela artesã Vagna.
Fonte: Acervo pessoal

Figura 9- Foto atual do muro da E.E. Pe. João de Santo Antonio.

No terreno da escola havia vários pés de pinhão, que deram o nome do quilombo. Esta árvore dava um fruto pinhão, que era utilizado para fazer sabão, prática cultivada até os dias de hoje. Mas não mais com a utilização do fruto devido a extinção de tal vegetação. Infelizmente a última fora cortada e não tem nenhum pé para contar às crianças a história do nome do lugar onde vivem.

> Dona Inês Gonçalves contou e até deixou uma lenda, uma escrita na escola sobre por que Pinhões tem esse nome. É uma fruta de pinhão que trazida da Zona da Mata, essa fruta, trouxeram e isso rodou aqui nesse lugarejo. Que o pai dela era empreendedor em animais, comprava e ia para essa região comprava, trocava, levava , vendia e comprava, e lá tinha muita fruta e ele trouxe para cá. E aí tinha muita então, o pessoal falava: lá nos Pinhão,Pinhões. Era assim , um modo de falar não explicado, depois foi consertando, Pinhões.(Narrativa da moradora Maria Geralda, 2022).

As lavadeiras produziam seu próprio sabão com o pinhão, utilizavam a folha do melão de são caetano[9], uma folha verde que dava um fruto amarelo. Para esfregar as roupas junto com o sabão, utilizavam também o cocô de vaca na retirada das manchas. Suas roupas ficavam tão brancas que de longe quem passava na baixada da mata, avistava aquele cordão branquinho. Também era e é utilizado no tratamento das pessoas. Assim enfatiza Rodrigues (2020):

> Lavar roupas sempre foi uma prática comum entre as mulheres de Pinhões. Antigamente a lavagem das roupas acontecia no Rio Vermelho, rio que corta o território na altura do Pau D'óleo, uma das muitas regiões que tem nome nativo em Pinhões. O referido rio encontra-se a aproximadamente dois quilômetros da entrada de Pinhões, pela MG-020. Esta prática nos diz das formas de sustentação da vida no quilombo, pois esta era a única forma possível de acessar a água para manter suas casas e seus familiares. Segundo Teresa Carvalho, ir ao rio lavar roupas fazia parte da "vida de luta, de dificuldade que a gente tinha aqui em Pinhões" (RODRIGUES, 2020).

Ainda sobre o pinhão que existia na frente da escola, nos diz,

> Então eu fico numa tristeza e não gostaria de morrer sem passar para muita gente que aqui essa escola nossa é uma escola rica de tudo, inclusive o nome daqui é porque tinha uma planta chamada pinhão, todo mundo vinha pegar para fazer sabão. A diretora que entrou na escola cortou o pé que tinha na escola,os meninos nem sabem o que é pinhão. Os meninos hoje em dia nem conhecem... (Narrativa da moradora Maria Eleutéria, 2022).

A entrevistada nos traz em sua fala emocionada o valor que o pé de pinhão tivera para ela e para a comunidade, e este teria papel fundamental no currículo escolar ao contar as crianças a origem do nome da comunidade. Este e outros elementos da comunidade fazem parte de sua trajetória e do processo único de aprendizado, haja vista que cada quilombo tem seu jeito próprio de viver, conviver, ou seja, com sua identidade única.

---

[9]Na medicina caseira as folhas são usadas na forma de infusão para hemorróidas e diarréia. No Caribe contra febres e como vermífugo, anti-reumático, hipotensor e hipoglicemiante, bem como o uso das raízes como afrodisíaco e para combater pedras nos rins.

Figura10-Grupo de Capeira Herança de Quilombo, do Quilombo Pinhões.

> A trajetória da capoeira foi longa, com muito aprendizado. Em 2012 foi registrada, e em uma roda eu falava com os meninos um pouco de nossa história, vocês estão vendo esse vale aqui, que existe até hoje, divide certinho o território da comunidade com Macaúbas. Para dar o nome ao grupo, demos o nome de Associação de Capoeira Herança dos Quilombos, pensando em Pinhões e Matotição. Tivemos muitos alunos, de todas as regiões: Taquaraçu de Baixo, Industrial Americano vindo de vários lugares para nossa comunidade. Hoje nós temos 12 alunos, deste 5 ou 6 estão comigo desde que comecei. Infelizmente muitos param...A comunidade muitas das vezes não abraça, já ouvi uma menina dizer que a mãe disse que quem toca atabaque, abre as portas do inferno..., mas não vou fechar as portas enquanto tiver um aluno, isso é importante((Narrativa do morador Janser do Quilombo Pinhões,2022).

Seguindo essa perspectiva de trabalho dos assuntos relacionados à realidade das comunidades quilombolas brasileiras e da comunidade local, a Escola "Quilombo dos Palmares" participa de um projeto desenhado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, denominado Projeto Ubuntu[10], no qual existe a preocupação em reconhecer os elementos da comunidade quilombola onde a escola se insere, trazendo para dentro do

[10]Projeto Ubuntu é uma iniciativa desencadeada pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais na gestão 2014 – 2018, que selecionou projetos de 94 escolas estaduais mineiras para desenvolvimento de ações pedagógicas e desenvolvimento de metodologia de pesquisa na área da educação das relações étnico-raciais.

ambiente escolar os conhecimentos advindos das práticas tradicionais locais e abordando a temática quilombola sob o viés da comunidade que também educa.

Ingrid Fraga (2018), a partir da análise acerca desse projeto, se pergunta sobre quais mudanças aconteceram na relação entre escola e comunidade. Essa prática por muitas vezes se torna pontual, não tendo continuidade, principalmente por se aplicar aos alunos do ensino médio do 3° ano daquele ano escolar, que ao saírem da escola perdem o vínculo, levando consigo as experiências e aprendizados vividos. Alguns se envolvem em atividades coletivas no cotidiano da comunidade, outros simplesmente desaparecem. Não seria interessante que este tipo de proposta abrangesse toda a escola e/ou os alunos do fundamental dois, que ao adentrarem ao ensino médio possam construir narrativas interacionais com a comunidade e a escola?

Segundo o entrevistado, não basta que a escola traga no muro a inscrição “Escola Quilombola”, e sim o que tem lá dentro, que significa ser quilombola para uma criança quilombola hoje. E que a escola tem que cumprir o seu papel, pois não basta só a comunidade cumprir o seu.Para ele, ao entrarmos na escola, temos que ver acontecer a educação quilombola. Diz que não deixará morrer suas raízes, por isso ensina tudo que sabe e aprendeu para sua filha Mariana, em casa.

> Na experiência da política de educação escolar quilombola, as escolas que contenham esse tipo de modalidade de ensino demandam, de forma mais contundente, reconhecer a história dos quilombos no Brasil e da luta dessas comunidades na construção de uma sociedade antirracista, trazendo para dentro das unidades escolares modelos de ensino que se assentam no fortalecimento da identidade étnico-racial, da história e cultura afro-brasileira e africana ressignificada nos territórios quilombolas. Valendo-se, dessa forma, de elementos da “memória coletiva, línguas reminiscentes, marcos civilizatórios, práticas culturais, acervos e repertórios orais, festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio das comunidades quilombolas de todo o país” (BRASIL, 2012).

Outro saber presente na comunidade é a arte de cozinhar. Desde muito cedo, as meninas aprendiam a cozinhar e os outros afazeres da casa, isto se dava a fim de ajudar os pais que trabalhavam muito para manter as familias com caracteristicas numerosas, saindo muitas vezes pai e mãe cedo para o trabalho. Com isso a comunidade tem fama de realizar comida com um toque especial e diferenciada na região. Esse oficio hoje é fonte de sobrevivencia de muitas familias, as quese tornaram empreendedoras. Cozinhar em conjunto também é algo comum na comunidade. Nos casamentos, aniversários, calvalgadas, quadrilhas e nas festas religiosas, durante a festa do Rosário, juntam-se todos os saberes culinários em preparação do almoço a ser servido a todos que vêm para os festejos. Os alimentos para tal

são doados, em sua maioria, por toda comunidade. O espaço também é de convivência, de reencontro, de partilha, de aprendizado. Muitos passaram por esses eventos, deixando o legado estendendo de geração a geração.conforme nos aponta Dias(2015).

> O ato de servir comida durante os dias de festa é uma tradição na comunidade, assim como em outras festas de Nossa Senhora do Rosário, em Reinados e Congados. Ao oferecer comida gratuitamente para os moradores evisitantes o ritual toma uma dimensão de comensalidade instaurada dentro da forte dimensão do sagrado produzida durante a festa,como afirma mas cozinheiras: *A gente faz comida é pra Nossa Senhora, é uma benção fazer essa comida*. Comer junto instaura uma noção de *comunidade* e a une a uma dimensão do sagrado,é a comida de Nossa Senhora.(DIAS, 2015,p. 118).

Figura11: Almoço servido à Guarda de Congo do Divino Espirio Santo de Pinhões

Fonte: Debora Rosdrigues (2018,p.110).

Segundo Debora Rodrigues,

> Essa reunião das cozinheiras para as festas é um acontecimento muito antigo na comunidade que viabilizou em diversas famílias a realização de festividades. Segundo relatos de várias pessoas de Pinhões, antigamente as famílias isoladamente não tinham condições financeiras de realizar uma festa,então as famílias do quilombo sensibilizavam doando algum mantimento para comida.Os frangos e galinhas eram criados no terreiro e levados para serem limpos no Rio Vermelho. Depois dos frangos limpos, elas cozinhavam em grande panelas de barro colocadas sobre fogareiros que eram montados para essa finalidade (RODRIGUES, 2020, p. 108).

Figura 12: Cozinheiras preparando o almoço da Festa do Rosário

Fonte: Acervo pessoal.

No Brasil, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é uma das politicas mais antigas e se constitui em uma estratégia de Segurança alimentar e nutrucional para estudantes de escolas públicas. A Resolução CD/FNDE n° 26/2013(BRASIL,2013c), que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos estudantes da Educação Básica no âmbito do PNAE, determina atendimento diferenciado aos estudantes quilombolas como estratégia de promoção doDireito Humano da Alimentação Adequada (DHAA).

A escola da Comunidade de Pinhões passou a receber os benefícios financeiros pelo programa de alimentação mesmo antes da comunidade ser reconhecida como quilombola. Foi inserida no censo e ao responder afirmando-se como quilombola através de um questionário direcionado aos alunos, veio o reconhecimento. Cabe destacar que esta foi uma das conquistas de luta da comunidade, através da Associação Cultural das Mulheres. Neste momento é opotunizado aos moradores locais e produtores a integração e geração de renda , previstas pela Resolução CNE/CEB n° 8/2012, no artigo 12, que afirma que os sistemas de ensino deverão organizar um programa de alimentação escolar, mediante cooperação entre União,o Estados e os Municípios, e por meio de convênios entre a sociedade civil e o poder público, dando prioridade à aquisição de alimentos oriundos da agricultura familiar das comunidades

quilombolas. Segundo os princípios:

> I. Garantir a alimentação escolar, na forma da Lei e em conformidade com as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas;
>
> II. Respeitar os hábitos alimentares do contexto socioeconômico-cultural- tradicional das comunidades quilombolas;
>
> III. Garantir a soberania alimentar assegurando o direito humano à alimentação adequada;
>
> IV. Garantir a qualidade biológica, sanitária, nutricional e tecnológica dos alimentos, bem como seu aproveitamento, estimulando práticas alimentares e estilos de vida saudáveis que respeitem a diversidade cultural e étnico- racial da população;
>
> Art. 13- Recomenda-se que os sistemas de ensino e suas escolas contratem profissionais de apoio escolar oriundos das comunidades quilombolas para produção da alimentação escolar, de acordo com a cultura e hábitos alimentares das próprias comunidades (BRASIL, 2012 a).

As comunidades quilombolas são exemplos de devoção, respeito e convivência com o território onde é produzido seu alimento e reproduzidos os símbolos e significados da sua cultura. O nosso viés de produção de alimento é a sustentabilidade do território e da pessoa e a garantia da dignidade humana, que todos tenham comida, que todos tenham seu alimento de verdade no seu dia a dia. Esse processo, segundo informações dos moradores, tem acontecido, mesmo que timidamente, em nossa comunidade. São fornecidas hortaliças à escola, por um dos moradores.Esssa prática poderia ser mais evidenciada para motivar as famílias a voltar ao plantio, presente há décadas, sendo evidente em todas as moradias.

A Educação Escolar Quilombola das comunidades quilombolas rurais ou urbanas implica na garantia de uma alimentação específica. Para isso, os programas deverão ser elaborados por intermédio do diálogo e consulta à comunidade, pois precisam estar em consonância com as especificidades socioculturais e os hábitos alimentares do quilombo., assegurando que a mesma seja coerente com as realidades. É impressindível que se considere a possibilidade de inclusão de alimentos produzidos pelas pessoas da comunidade, o consumo de certos alimenos caracteristicos ao modo de vida, de forma a identificar como vivem, adoecem e também morre sua população, reconhecendo a situação de saúde e também a qualidade de vida. Assim, faz-se necessário estabelecer ações de prevenção às doenças recorrentes nas populações negras ou afrodescendentes, como a hipertenção, o diabete, a anemia, a anemia falciforme, entre outras.

A merenda escolar é trazida à memória dos entrevistados como parte importante, mesmo quando ainda era escassa , como se pode observar a partir da narrativa abaixo:

> A gente estudou na escola, que era muito pobre, não tinha merenda, não tinha nem filtro para colocar água para as crianças, ninguém tinha filtro. A gente buscava água na biquinha em potes de barro. Nós saiamos da escola e ia lá a casa dela e os meninos iam ao mato mesmo. Então a escola não tinha merenda e na hora do recreio, a gente com aquela fome de manhã, quem morava perto da escola o professor deixava a gente dar uma corrida em casa para comer um mexido ou até mesmo o almoço, porque o recreio era 30 minutos (Narrativa da moradora Maria Geralda, 2022).

Aqui a moradora Maria Geralda relata aprecariedade das instalações da escola em seu início na comunidade, sem infraestrutura necessária, mas a adaptação para garantir a permanência do alunado e suas aprendizagens.

> Eu lembro, eu falei que quando eu estudava lá naquela escola que tinha uma sala que era separada, separada da escola, que é o antigo Grupo perto das paneleiras. A gente na época tinha que trazer, cada um tinha que trazer um legume, recolhendo os legumes. A bacia passava para fazer a sopa e depois os outros. A gente tinha que subir para merendar e esse trajeto todo mundo ia e voltava e ninguém dispersava só vim merendar. Merendava e chegava na hora certinho. Que tempo bom, né ? Tempo que tinha o mingau também... Vou falar com você, eu lembro que era uma sopa muito boa, tinha um mingau que era interessante porque o governo não dava legumes, não, então e a gente era muito pobre a gente não tinha os legumes às vezes e levava uma batata,uma cenoura, uma couve, cebolinha era só isso e muitas vezes era trazido da própria horta de casa. Com certeza da própria horta da casa, da comunidade não é? (Narrativa de Maria Aparecida, 2022).

É representativo o relato de Maria Aparecida Carvalho para explicar as práticas ao redor do fazer alimentar. Práticas de sustentação da vida que têm relação direta com asobrevivência. O sistema de cooperação e a proximidade com o dia a dia dos alunos também falam da produtividade familiar, referindo-se aos legumes vindos da horta de casa.

As rodas, sejam de conversa, dança, histórias, trocas de experiências, aprendizado são marcantes e características deste lugar. Os moradores, quando se dão por conta, se veem em roda pois essa é significante e representam um ciclo do tempo, tempo este que compreende nossa oralidade, nossa ancestralidade, nossa cultura afro-brasileira, nossos saberes e fazeres,nossos homens e mulheres quilombolas e nossa territorialidade. E tudo isso deve fazer parte da Educação Escolar Quilombola, porque se não estivermos presentes, não teremos futuro.

O conhecimento pelas plantas é algo bem rico. Não é raro ouvirmos alguém indicando um chá aos doentes. Através da utilização das plantas, é mantido o costume de fazer diversos xaropes, sendo estes distribuídos à comunidade e muitos visitantes, saídos de longe em busca destes que relatam as curas advindas dos mesmos.

As narrativas revisitaram espaços da memória que perpassaram muitas vezes o segredo e até mesmo o cuidado para que tudo aconteça em seu devido tempo e estão presentes nas falas da moradora do quilombo de Pinhões, Maria Geralda. Ela nos faz refletir sobre esses saberes em torno de atividades que asseguram a reprodução da vida no território, demonstrando a fragilidade das comunidades quilombolas dispersas pelo Brasil, que privadas de seus direitos e de infraestrutura mínima, sobreviviam e ainda sobrevivem.

As rodas também aparecem nos projetos de resgate de nossos saberes. A Associação Quilombola de Pinhões vem realizando com as crianças e jovens o Projeto "Criança na Praça", que tem como objetivo o resgate das histórias, cantigas, brincadeiras ensinadas sobretudo pelas mulheres, as lavadeiras principalmente que iam e vinham das fontes cantando e contando histórias às crianças. Cabe lembrar aqui o grupo de Pastorinhas, que teve início nessas rodas, bem como os artesanatos de crochê, tricô, costuras, pintura, bonecas de palha, balaios, sacolas e tantos outros.

Figura 13: Foto da atividade, do projeto Criança na Praça- Resgate das cantigas e brincadeira

As crianças são sujeitos e produtoras das histórias do lugar em que habitam, já que elas dinamizam as práticas culturais do lugar que as constituem" (MIRANDA, 2013, p. 152).Para

a pesquisadora, as crianças são sujeitos desse processo. E ressalta que, através das brincadeiras, as crianças absorvem a cultura, os laços, as identidades, daqueles mais vividos. A produção dos conhecimentos é fruto da convivência, ressignificada no momento externado nas ações das novas gerações.

As músicas e cantos, as danças e brincadeiras desenvolvidos nos espaços diversos, escolhidos para cada convivência, são cheios de significados para os que se propõem a experimentar, significando, sobretudonossas tantas lutas, do ontem e do hoje. Remetem ainda às vitórias quilombolas, do quilombo Pinhões. Os saberes, que nos identificam quilombolas vão sendo transferidos e ressignificados, para relevância de um currículo, construído em conjunto, buscando valorizar os bens culturais da comunidade local, as memórias, as diversidades, a fim de fortalecer as raízes de pertencimento. Preservando a memória ancestral, construída pela coletividade, num processo de enfrentamento das dificuldades e também do racismo, este tende a tirar nossa capacidade de construirmos e afirmarmos como pessoas negras de direitos e valores iguais a qualquer outro cidadão brasileiro.

Figura 14: Foto de uma atividade realizada durante a 1ª. Conferência Municipal da Igualdade Racial, que ocorreu no quilombo de Pinhões, 2017.

A Primeira Conferência Municipal de Igualdade Racial, realizada no quilombo de Pinhões em 2017, foi um fato político de grande relevância para a comunidade. Durante esse evento, foi possível conhecer outros grupos afro descendentes da comunidade luziense,

invisibilizados por um sistema de exclusão, com características semelhantes de persistência, luta e resistência. Foram elaboradas propostas à gestão municipal e para a conferência Estadual. Ainda não tivemos nenhuma resposta municipal. A caminhada continua, como parte do movimento negro:

> Essas ações se encontram em um campo mais complexo: à medida que o Movimento Negro aprimora a sua luta por emancipação social e pela superação do racismo, mais se intensifica a variedade de formas de opressão e de dominação contra as quais ele tem de se contrapor, bemcomo se amplia a multiplicidade de escalas (local, nacional e transnacional) das lutas em que ele se envolve (SANTOS,2006). Esse processo exige a construção de outras formas de organização política, que produzirão novos conhecimentos e pedagogias (ARROYO,2011).São questões presentes na trajetória do Movimento Negro e que nos colocam diante do desafio de entender ainda mais a complexa relação entre diversidade, desigualdade e relações étnico-racial no Brasil (GOMES, 2017).

Figura 15: Roda com as mulheres para troca de experiências,2019.

As mulheres quilombolas de Pinhões,desde sempre têm presença marcante para essa comunidade, que se destacam na identidade local. Se encontram para quase tudo, e é raro deixar passar um momento importante do lugar. As rodas de convesa permitem alcançar resultados satisfatórios através da interação e envolvimento das participantes. São dadas visibilidade e voz às mulheres, que têm trilhado o caminho da formação, trazendo informações e articulando, integrando à roda discussão de problemas e soluções entre as envolvidas, consequentemente com suas famílias. Assim, diversos assuntos são abordados.

O evento também chama atenção dos homens.Nas rodas de conversa desenvolvidas com o grupo de mulheres da comunidade de Pau D'arco foi possivel refletir sobre o processo agroecológico e a importância de reestruturação das atividades desenvolvidas em uma horta cultivada às margens da lagoa. Foi possível repensar com as participantes o espaço de trabalho e as possibilidades de reformulação ou migração da horta. As conversas sempre acontecderam de forma articulada, integrando a discussão de problemas e soluções entre o grupo de mulheres de Pau D'arco e o de Parateca (SANTOS, 2021, p. 132).

Os Congados na comunidade Pinhões estão representados em cada casa. Também conhecido como Congada ou Reinado, é uma mistura de tradições religiosas e cultura africana, tendo originado com a história de Chico- Rei, em Ouro Preto, Minas Gerais.

> Não estranhem os senhores o criarem (os escravos) os seus reis, cantar e bailar honestamente alguns dias do ano e o alegrarem-se inocentemente à tarde depois de terem feito de manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito"(ANTONIL,1710).

O autor se refere aos negros escravizados do nordeste,dos engenhos, que apresentavam aos reis. Segundo Alvaro Diniz, o congado se realizava em Santa Luzia desde 1777, data da fundação da Irmandade do Rosário. Com o veto da igreja por proibição do páraco local, houve um hiato de 50 anos em tais festejos. Com o desaparecimento dos velhos congadeirosdeixou de atuar a transmissão oral, sua dinamica, cantigas,falas e embaixadas.

"Oh virgem do Rosário...
Vó me dá licença...
Oh virgem doRosário...
Vó me dá licença...
Nós pretim devoto
Veio fazer vossa festa!
Nós pretim devoto
Veio fazer vossa festa!
Oooohhhhh....
Nós pretim devoto
Veio fazer vossa festa!
Oooohhhhh...."

(Letra de uma das músicas cantada e tocada pelos congadeiros.

Fonte : Mestre Guerino-2022)

Figura 16- O Congado Catopê Nossa Senhora do Rosário de Pinhões

Este é um dos pontos centrais de nossa pesquisaquando falamos dos saberes, costumes, fazeres, sabedorias do quilombo, por não só representar o quilombo mas também fazer parte de sua construção, quando ainda era uma dança chamada Candomble. A irmandade do Congado[11] vem passando de geração a geração há mais de 100 anos. Com características próprias, tem em sua formação a participação somente de homens, com idades variadas. São guiados por uma comissão de frente composta pelos Capitães e suas violas, os tocadores e as vozes principais, os puxadores assim chamados, compondo quatorze vozes essenciais para a apresentação, que conduzem o grupo de participantes e dançantes em duas filas, possibilitando que a dança seja feita em duplas. A vestimenta é composta por calça,camisa e sapatos brancos, saia e capas azuis e capacetes enfeitados.O catopê é a dança do congado de Pinhões, como nos relata o Mestre Guerino:

> Quando eu cheguei até o Catopê, porque é Catopê até hoje...eu faço questão de manter essa palavra Catopê, porque éo congado de Nossa Senhora do Rosário, a dança é o Catopê! Chegou para nós aqui como Catopê, e não sei por qual razão, passô pra Congado Nossa Senhora do Rosário devido à padroeira nossa (Narrativa der Mestre Guerino, morador da Comunidade)

O Catopê encontra-se representado em quase todas as famílias da comunidade, ligando as pessoas numa só linguagem de fé e cultura. Também dizrespeito à preservação de nossas raízes. Assim, cada morador traz em suas memórias os efeitos produzidos por esse movimento do congado na comunidade, como aponta a moradora Maria Geralda:

> Têm muitos alunos que participam da Guarda de Nossa Senhora do Rosário, que é uma guarda respeitada na comunidade, uma entidade forte que nós temos que iniciou na década de 1940 e até hoje aí esta. As crianças precisam entender, participar porque essa guarda foi criada na nossa comunidade (Narrativa de Maria Geralda, 2022).

Segundo a entrevistada, a escola recebe muitos alunos que participam do congado,

[11]De origem africana, das áres do Congo, Mocambique e Angola, o congado chegou ao Brasil com os negros escravizados e passou a ser também uma manifestação católica. Algumas pessoas acreditam que a história do congado em Minas Gerais começou coma vinda do Chico Rei, que era rei na África, e veio pra cá, na metade do século XVIII. Fonte: www.favelaeissoai.com.br/noticias/1823/a-tradicao

levam uma rica vivência dessa cultura para dentro da escola. Traz um significado ímpar para cada criança,jovem e adulto, ou seja de valor inestimável, necessitando ser reconhecido e preservado pela escola e pelas gerações futuras. Segundo o mestre Guerino, há um ritual a ser conhecido, respeitado e mantido pelos que participam e deseja que a escola perceba sua importância:

> O congado é uma irmandade do rosário...é espiritualidade, é vivência. Têm cinco palavras que faz dela sua religião- viva, creia, ame, faça e respeite. Quando os pais traz uma criança para participar, vamos dizer assim, não traz uma criança, traz uma familia. Quando faz uma promessa, uma ação de graças, ela já está trabalhando a espiritualidade dele...A mãe da gente orfertava nós pra Nossa Senhora do Rosário, eu fui ofertado numa ação de graças.. Mas perguntamos quando chega, já fez a primeira comunhão? Então ele pode ser um acompanhante, assim como os que ainda não fizeram. O dançante só depois de sete anos passa a ser dançante. Esses sete anos é um compromisso com a guarda e tá ali presente como soldado guerreiro de Cristo,é uma disciplina que a genteprecisa ter lá dentro. Hoje a gente tenta passar isso, mas tá dificil, vamos levando. Eu esperava que a escola ajudasse nós, contando nossa história, os saberes dos mais velhos que passaram e nos deixaram esse legado (Narrativa do Mestre Guerino, 2022).

Nesse sentido, a articulação entre os conhecimentos escolares e as histórias dos mais velhos pode ser um caminho para a afirmação da cultura e da identidade locais. Um currículo que atenda a essa articulação para conduzir os trabalhos na escola quilombola é importante e necessário. A comunidade faz seu papel, como nos diz Maria Geralda:

> O meu tio, Reduzindo, era o mestre do congado. Faleceu aos 80 anos e me contou todas as histórias. Foi lá em casa e falou comigo: Eu quero que você escreva tudo que vou contar, porque precisa ter isso, precisa ter essa escrita para tá ensinando para os jovens que vão vir, para eles assumir o mesmo que nós estamos assumindo. Eu estou na guarda desde os 8 anos e quando eu for embora eu quero que os jovens assumam (Narrativa da Maria Geralda, 2022).

Assim são contadas histórias aos moradores e também aos que chegam à comunidade, num movimento externo à escola. Os moradores têm desejo de estar na escola para contar a história do quilombolo, confirmando o que nos diz Paulo Freire:“a escola é uma construção com as pessoas e não para as pessoas. Caso contrário, será uma espaço que

corrobora a alienação das pessoas de sua realidade.”

A escola precisa e deve tocar as pessoaspara que as mesmas se identifiquem com ela. Se isso não acontece, a escola não é quilombola.A nossa escola não é igual a que esta aí, posta para os quilombolas; ela possui particularidades que devem ser respeitadas e reconhecidas. Portanto, a escola não pode estar dissociada da comunidade, segundo Sandra Barroso:

> A festa estudada por meio dos rituais africanos, em sua realidade cultural, ressalta novos contornos para o entendimento de seus conteúdos religiosos. Daí a importância de articular o dueto religião e festa.Ou melhor, tentar estudar a partir da articulação das relações que se estabelecem entre religião, festa e cultura. Penso que o estudo da religião pode ser visto pela análise da tradição oral do Congado da Comunidade de Pinhões, em seu festar ritualístico(BARROSO, 2015).

Para a autora, a festa vai além por ser uma interlocução entre a religiosidade e a cultura.Expressa em todos envolvidos, seja direta ou indiretamente, a prática da oralidade, permitindo a compreensão dos sujetitos e de suas vidas.Em preparação às festividades, a comunidade tem como prática visitar todas as famíliasque professam a fé católica, numa corrente de fé e solidariedade, tendo como principal objetivo a oração acompanhada de uma prática de oralidade, acolhimento,solidariedade, convivência, escuta e partilha. Neste período, é possível também fazer um mapeamento da realidade da maioria dos moradores. São quatro meses de caminhada no quilombo e em comunidades vizinhas. Este movimento social quilombola é marcado novamente pela presença das mulheres, sobretudo das mulheres da associação, que procuram se envolver com o conjunto das demandas da comunidade. Essas atividades servem também como norteadores para a ação da associação junto à comunidade. Cabe também destacar que a prática de confraternizar, marcante no quilombo, também é transportada para essa caminhada. No último dia é preparada pelos donos das casas uma mesa com muitas iguarias produzidas pelos moradores, que vem acompanhada de uma boa prosa. E esse ciclo se renova no ano seguinte, compondo a identidade cultural, que tem sua trajetória e elementos desse lugar que a constitui.

Assim, podemos compreender que a educação acontece no cotidiano dos quilombolas, nas relações sociais e políticas estabelecidas com o mundo e com outros sujeitos sociais, sendo que essa educação não presume um planejamento ou uma estruturação, é uma educação da vida, sendo nosso dever, enquanto quilombolas que somos, contar o que os livros não contam sobre nós e a nossa história.

4. A EDUCAÇÃO NO QUILOMBO NARRADA PELOS PROFESSORES QUE PASSARAM PELA ESCOLA

Nesse capítulo trataremos de experiências, vivências e convivências de ex- professores da comunidade com a escola local. Buscaremos compreender os possíveis diálogos entre a educação informal e formal na construção de uma proposta de Educação Escolar Quilombola na comunidade de Pinhões.

Sempre me vi inquienta com a movimentação de pessoas diversas adentrando nosso território em busca de pesquisas. E o inapropriável, vinham e iam sem nos deixar nada, só podíamos ouvir de algumas pessoas que receberam e conversaram com estudantes e ora pessoas representantes de um projeto que vieram saber sobre nós. Então, percebi a necessidade de não continuar assistindo e, até mesmo, reproduzindo as dinâmicas com as quais desejava desfazer. Ao acompanharmos e colaborarmos para pesquisa de uma mestranda,que permaneceu entre nós por um longo tempo a fim de pesquisar sobre "Ser Quilombola e Ser de Pinhões: dinâmicas e experiências de uma produção do lugar", tive então a certeza de que nós, da comunidade, temos condições e competências, bem como o dever de falar e produzir sobre nós mesmos. E falar de educação, sobretudo da educação transmitida por mim e pelos meus, com pessoas que são minhas referências e inspiração no campo educacional e de vida.

Estar diante dos professores, que ensinaram e ainda continuam ensinando com seus saberes e fazeres pela comunidade, poder adentrar no lar de amigos e companheiros, que também lutam e fazem histórias, que não deixam a "peteca cair", como dizem por aqui, não desistindo diante de qualquer dificuldade ou tropeço, me motivou a realizar esse percurso de pesquisadora. São essas pessoas minhas referências de vida, que me encorajaram a buscar mais conhecimento para dar continuidade ao legado já iniciado por gente daqui.Não poderia deixar de mencionar as incansáveis da associação, que não têm medido esforços para defender a educação e os saberes da comunidade.

O ingresso ao mestrado visa à produção de conhecimentos enquanto mulher negra e quilombola de modo a relacionar a teoria com nossa prática a fim de contribuir com e para nosso povo, os de perto e os de longe. Junto com essa noção que

> (...) ela é uma experiência e vivência de vida, da escolarização e da profissão, ou seja, a prática do/da professor(a) ocorre pela vivência com a realidade, que acontece primeiramente, consigo enquanto sujeito do mundo e, posteriormente, com seus alunos e alunas. Com isso, fica evidente a necessidade de esse/a docente estar imerso/a na comunidade quilombola para que as práticas dele/a estejam firmadas na Educação Escolar Quilombola (SILVA,2021,p.96).

Acreditamos que a emergência de novas narrativas, advindas do território, irão proporcionar a percepção das estruturas racistas, de desigualdades, exclusão, impostas nesta sociedade. Levar a comunidade à reflexão de que é necessário apropriarmos dos assuntos que nos envolvem, promover o encontro das práticas vivenciadas presentes no dia a dia da comunidade, é também o encontro com o currículo e práticas educativas presentes nas temáticas da comunidade.

Portanto, que o pertencimento tende a contribuir com a proposta de investigação, escrita e desenvolvimento da pesquisa. Neste caso, nossa relação de pertencimento ao território, o conhecimento das experiências e até mesmo dos problemas, lutas e conquistas da comunidade, contribuíram fortemente para coleta de dados, com o desenvolvimento e delineamento da pesquisa (SILVA, 2012,p.103).

A necessidade da escrita deste capítulo surgiu no decorrer da pesquisa, quando do meu primeiro contato com a direção da Escola Estadual Pe. João de Santo Antônio, fui direcionada a alguns professores, sendo somente um quilombola e os demais vindos de outras localidades que trabalham na escola, que levaram um tempo extenso para responderem e confirmar a colaboração com a pesquisa, mesmo sendo na modalidade virtual. De modo semelhante, ocorreu com a devolução das respostas ao roteiro de entrevista proposto inicialmente para o levantamento de informações acerca dos desafios da educação quilombola vistos a partir da escola.

Além disso, houve a dificuldade de acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola que, de acordo com a direção, estava em processo de construção seguindo o modelo da Secretaria de Estado de Educação. No decorrer do longo tempo de espera, percebi que os sujeitos da pesquisa com os quais me propus trabalhar inicialmente, os professores e funcionários da escola local, necessitavam ser alterados, o que implicou na redefinição do problema da pesquisa e dos sujeitos a serem ouvidos na pesquisa.

Em contextos de tensões, exigem-se cuidados por parte dos pesquisadores, principalmente num território onde aconteceria os trabalhos. A partir de relatos de ex-professores e moradores da comunidade, iniciamos as investigações, buscando entender a

história da escolarização no quilombo Pinhões.

Conversar com o professor José Maria de Sousa, um dos primeiros professores, que carinhosamente é chamado por todos os moradores de "professor", foi uma iniciativa tomada em função das dificuldades encontradas na relação com a escola. Este aceitou prontamente meu convite, e sentado no sofá começou a falar sobre sua trajetória.

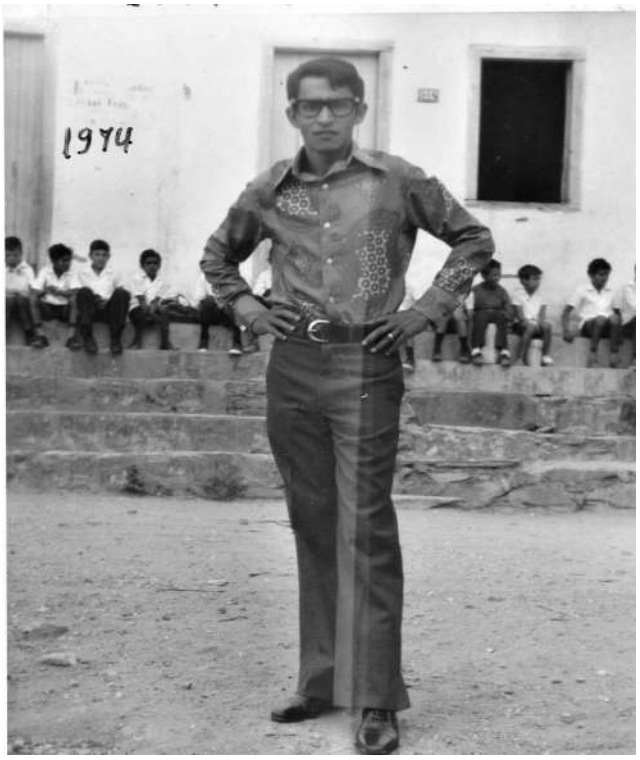

Figura 17- . José Maria de Sousa (1974)
Fonte: Acervo pessoal do Professor José Maria de Sousa

> Comecei no magistério aos 21 anos, numa fazenda chamada Garanjanga, que não é muito longe daqui, são poucos quilômetros.E lá permaneci por três anos e por um capricho do destino era por Pinhões que passava para ir a Santa Luzia, então passava por várias vezes de bicicleta, ia participar das reuniões pedagógicas com a inspetora Inês Diniz. E em uma das minhas idas, ao parar em uma venda existente próximo onde é hoje a pracinha, chegou até mim um senhor chamado José Norberto Diniz e me interrogou, perguntando se era professor lá do Garanjanga e se não tinha vontade de trabalhar mais próximo , em Pinhões, pois estavam precisando de um professor formado para expedir o diploma. Os professores da comunidade não tinham o magistério. (Narrativa do Professor José Maria de Sousa, 2022).

A educação sempre foi assunto de interesse e de relevância para a comunidade sendo que os mais velhos não mediam esforços para garanti-la. O Sr. José Norberto Diniz,

descendente de uma das famílias-raíz da comunidade, era incansável, principalmente nas questões sociais, as quais desempenhava através da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP). Com sua influência, conseguiu a transferência do professor José Maria de Sousa para Pinhões, onde trabalhou por mais de 30 anos. Nessa trajetória alfabetizou crianças, jovens e adultos. Foi diretor da Escola e conta o quão prazeroso é o ofício de educador e o vínculo com a comunidade, que denomina carinhosa e acolhedora. Ansiavam por ter uma escola estadual, pois sabiam que através desta poderiam os alunos ter o diploma do 4° ano.

Figura 18: Grupo Escolar Antônio de Castro Silva, inaugurado em 1950.

Este foi o primeiro prédio escolar da comunidade de Pinhões - Grupo Escolar Antônio [12]de Castro Silva - tendo suas atividades iniciadas em 1966 após a comunidade utilizar várias casas para que as crianças tivessem acesso à educação escolar. Ainda nesta escola, os alunos faziam um deslocamento até o prédio novo para realizar as refeições, todos os dias. Assim relata o professor:

> A merenda era simples, mas feita com muito carinho por Tereza Carvalho, a mãe de Eliete você lembra dela Soninha? Os alunos contribuíram com legumes, os que podiam, pois eram todos muito pobres, cultivados em suas próprias casas. Iam em filas e retornavam, sem nenhum problema (Narrativa do Professor José Maria de Sousa, 2022).

[12] Grupo Escolar Antonio de Castro Silva, foi inaugurado noano de 1950 eficava localizado na rua Manoel Felix Homem. Grupo mantido pelo município passou a ser de responsabilidade do estado noanode1962.

Essa narrativa confirma o que foi constatado na pesquisa desenvolvida por Débora Rodrigues acerca das páticas educativas presentes no quilombo de Pinhões:

> A relação das práticas sociais existentes em Pinhões com a educação no território e no ambiente escolar, mesmo diante do desafio de que os livros e registros "oficiais" de história não conseguem abarcar a riqueza das memórias que comparecem através das práticas, dos cantos, das festas e das vivências cotidianas que foram silenciadas (RODRIGUES,2020).

Esse movimento de ida e vinda, a disciplina, o respeito, o desejo por degustar a merenda também retratam a sintonia de cada indivíduo com o lugar. Estar na escola era realização e possibilidade de dias melhores, o que os mantinham fiéis e cúmplices desse contexto.

Figura 19: Casa dos Bahia, 1906. Onde funcionou a primeira sala de aula da comunidade.

Fonte: Ermínia Bahia

Figura 20: Quadro da Casa da Fazendas dos Bahia, que é conser vado até os dias atuais em Belo Horizonte.

> Lá embaixo você tinha o casarão de Naná Bahia , igual D. Herminia contou para gente e que lá na casa dela era uma hospedagem das pessoas que vinham de longe, hospedavam na casa dela. (Maria Geralda,2018,p.12 Do livro: Pinhões- Histórias e Sabedorias do Quilombo).

A família dos Bahia exerceu papel relevante no território de Pinhões. A fazenda situava-se em ponto estratégico, próximo à divisa com Macaúbas. Além de acolher viajantes como aponta a moradora do Quilombo Maria Geralda, acolheu as crianças para o início de aprendizagem escolar. Na família havia duas professoras, Hermínia e Huda, que doaram mais tarde uma porção de terra para a instalação da Praça Naná Bahia, com uma recomendação ao poder público de construir no local uma sede ampla para que a comunidade desenvolvesse atividades diversas, entre elas a catequese para todas as crianças e jovens.E lá foi construida uma sede para uma associação. As atividades escolares na comunidade tiveram uma trajetória de resistência. Sem prédio próprio, houve outras residências que serviram de instalação escolar. O senhor José Laurinda tambem cedeu sua casa, onde foi a segunda escola, conforme nos relata, Debora Azevedo coma fala de sua entrevistada:

> Cada prefeito que entrava vinha uma professora diferente, mas a escola não ia muito adiante não, então nesta casa de, na casa de Naná Bahia, lá já tinha sido escola do tempo de papai; aqui na casa de Zé de Laurinda, aqui já foi escola no tempo que eu era menina com 5anos, 6anos ,entendeu? (EstherAzevedo-2020).

Figura 21: Casa do Sr. José Lourindo Funcionou também como sala de aula da comunidade.
Fonte: Acervo pessoal

Figura 22: Terezinha Azevedo, uma das primeiras professoras da comunidade, sala de aula do Grupo Escolar Antônio de Castro Silva.

Fonte: Professor José Maria de Sousa.

Terezinha Azevedo foi a primeira professora de Pinhões a lecionar na comunidade. Juntamente com a professora Alvina Alves (em memória), trabalharam com o Professor José Maria. Estas só tinham estudado até a quarta série na Escola Estadual Modestino Gonçalves, em Santa Luzia. Por isso, não poderiam assinar o diploma dos alunos. Foi com a D. Terezinha, minha primeira professora,que aprendi a ler as primeiras palavras e ainda me lembro dessas carteiras em que sentávamos em dupla, também da pequena vara em cima da mesa, que nunca a vi usar, mas que impunha respeito. Hoje, com 86 anos de idade, temos a satisfação de ainda tê-la em nosso meio.Sobre a escola Modestino Gonçalves nos relata,

> Sabemos que a primeira escola dessa região foi em Macaúbas, onde hoje está o Convento, inclusive diz a história que ali, como uma das principais de Minas, serviu de casa de ensinamento às filhas da famosa Chica da Silva, figura por demais conhecida da história mineira. Posteriormente ficamos sabendo também que a primeira escola pública do município foi criada em Pinhões pelo então presidente da Câmara Municipal Coronel Modestino Gonçalves, onde a famosa professora Ceçota Diniz transferiu seus conhecimentos de mestra a diversas pessoas, isso no início do século passado (ALVARO DINIZ,2008,, p. 18).

Figura 23- José Norberto Diniz- Falecido em 2010, aos 93 anos. Filho de família raiz do quilombo.
Fonte: Professor José Maria de Sousa.

O Sr. José Norberto Diniz teve papel fundamental no processo da educação no Quilombo de Pinhões, sendo lembrado por dezenas de pessoas que expressam sua gratidão aos seus feitos. Mesmo depois de se mudar para a capital, Belo Horizonte, mantinha o apoio às atividades desenvolvidas na comunidade principalmente através da Sociedade São Vicente de Paulo, como vicentino atuante lá e cá, juntamente com seu irmão Geraldo Diniz (in-memória), carinhosamente chamado de Geraldo Careca por não ter sequer um fio de cabelo na cabeça, por força de uma doença adquirida ainda em sua infância. Este era um educador social

que conhecia cada canto da comunidade e tinha o respeito de todos. Era guardião das festas religiosas e de todos os parâmentos que compunham o acervo do conjunto arquitetônico religioso da comunidade. Também vendia leite para quase todas as familias da comunidade, que do seu curral ia direto para a casa da senhora Alzira Diniz sua cunhada, que distribuía o produto todas manhãs, e tudo anotado na famosa caderneta a ser pago ao final de cada mês. É raro encontrar uma familia que não tenha criado seus filhos com o leite do Sr. Geraldo. Naquela casa, também era o ponto de encontro das mulheres, aproveitavam o tempo de espera colocando os assuntos em dia, articulavam, criavam e planejavam. Em sua casa estava a D. Maria Armaneli esposa do Sr. Geraldo, que seduzia a criançada com suas deliciosa quitandas, e a que destacava era o biscoito de nata, este até sumia em nossas bocas. Muitas mães aprenderam suas receitas.

Os Festejos, usos e outros elementos apontados pela comunidade como constituintes de suas tradições culturais são divididos em os que devem ser conhecidos pelos educandos, já que não existem mais na prática: a dança do “Candomble”(batuca na mesa), segundo relato dos moradores, e era tocado aos pés da cruz e deu origem ao Congado Nossa Senhora do Rosário. A memória coletiva da comunidade quilombola está embasada nas histórias de vida, nas histórias sobre os locais e territórios e na dimensão afetiva e simbólica de relação com o espaço, com a paisagem, com a nomeação dos lugares, a relação com os animais, com as formas de sociabilidade, do brincar, do lúdico, do fazer versos, do cantar, das sensações corpóreas que são apreendidas por todos os sentidos e não somente pelo racional. São saberes que a comunidade reconhece e deseja que sejam valorizados na escola.

Observa-se que a mobilização da memória por meio da oralidade, corporificada nas histórias, narrativas, contos e “causos” dos moradores do quilombo Pinhões, perpassa pelas lembranças sobre como aprenderam, prática em que o ensinar e aprender cotidiano se dão pela observação, o estar junto, o convívio daqueles que educam com a sua presença, não separando a teoria e a prática.

Figura 24: Desfile Cívico pelas ruas da comunidade.
Fonte: Professor José Maria de Sousa.

A falta de infraestrutura, como ruas, não era impedimento para as atividades cívicas e escolares. O professor José Maria promoveu o desfile de 7 de setembro pelas ruas da comunidade com todos os alunos, que faziam questão de participar. Essa prática foi mantida por várias épocas, eu mesma participei dos desfiles quando cursava a 3a. série do fundamental. A escola fazia parte de nosso cotidiano, levando parte de nós para dentro e nos permitindo trazer ao dia a dia o que aprendemos, assim a sintonia se fazia significativa para a vida dos alunos. Dessa forma,

> Uma escola quilombola, em um território quilombola, certamente ultrapassa os limites de assegurar a aprendizagem dos estudantes e sua progressão escolar.É fato a necessidade imperiosa de assumir a implementação das Diretrizes da Educação Escolar Quilombola com todos os desafios e possibilidades que essa modalidade de ensino requer, é um passo importante. No entanto, requer lisura e comprometimento com uma educação emancipatória de seres/sujeitos sistematicamente ocultados e de saberes/conhecimentos desqualificados e invalidados pelo conhecimento canônico/hegemônico (GONÇALVES, 2019).

Figura 25: Visita ao Teatro da cidade para apresentação
Fonte: Professor José Maria de Sousa

> O prefeito mandou condução(ônibus) para buscar eu e os alunos. Nós iamos apresentar no teatro. Trabalhar com música e representação era o que mais gostava, trouxe tudo que aprendi no internato para cá (Narrativa do Professor José Maria, 2022).

Músicas e a oralidade desde cedo destacam-se no quilombo, pois esse povo é alegre e festeiro, e sempre estão dispostos aos desafios que lhes são colocados. As familias ficam radiantes ao presenciar os filhos se destacando em eventos que ocorrem na comunidade.Por isso, ir até a escola para vê-los e ouvi-los fazia parte do cotidiano desta comunidade. É de suma importancia identificar esses momentos como fundamental para fortalecer a história enquanto comunidade. Resgatando nossos fazeres para que a história não se perca.

Figura 26: Visita do Prefeito Dr. Oswaldo Ferreira à Escola.
Fonte: Professor José Maria de Sousa

Nessa foto, temos a presença do então prefeito de Santa Luzia, Dr. Oswaldo Ferreira, em cujo mandato ocorreu a construção inicialmente de duas salas, tendo sido prefeito por dois mandatos, de 1967 a 1971, e de 1973 a 1977. Com o crescimento da população a escola foi ampliada para ofertar mais vagas e as modalidade de ensino fundamental (5a. a 8a. série) e ensino médio.

> Eu ensinei muitos adultos a ler e a escrever e sempre partindo de suas realidades. Os meninos e meninas também cantavam em um lindo coral, que criamos na escola. (Narrativa do Professor José Maria, 2022).

Ao falar sobre a importância da comunidade para a escola, o professor José Maria, nos diz que,sem a comunidade, a escola não tem sentido, e que aprendera muito com ela assim como trouxe seus conhecimentos, pois desde sua chegada lá fixou residência; casou-se com Cleud Valesca, esta estava ao seu lado e a entrevista aconteceu com a participação do casal, sendo ela professora aposentada,que viu a escola surgir no quilombo e dera sua contribuição. Segundo a mesma:

> Iniciei minhas atividades juntamente com Esther, Alaide, Lilia, Aparecida e tinha muita vontade de continuar aprender. Aí fui para a facudade estudar Letras, trabalhava e estudava, depois de velha, né? Mas me formei e continuei trabalhando até aposentar. (Narrativa de Cleud Valesca, 2022).

A realidade vivida pela professora Cleud é recorrente a muitos professores que buscam a formação continuada em efetivo exercício de suas funções, sendo na maioria dos casos não recebendo apoio ou incentivos por parte dos governos, que não têm apresentado oportunidades aos mesmos para essa formação, conforme o seguinte apontamento:

> Há necessidade de que as formações também busquem responder questões sobre: de que tipo de conhecimentos os professores quilombolas necessitam para responder às necessidades de preservação da dimensão do patrimônio cultural brasileiro que se localiza nos territórios quilombolas, levando-se em conta os "elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país?" (COSTA, 2016, p. 30).

Para eles, a comunidade é muito rica, com muitas memórias e que tudo isso é de suma importância para as gerações atuais e futuras.Por isso, a escola ocupa lugar de destaque nesse processo necessário a esses que devem aprimorar os seus saberes.

> Essa criança e esse jovem, qundo adentram os muros do prédio escolar, não chegam vazios. Mesmo que não saibam ler, escrever ou efetuar cálculos escritos, utilizando as quatro operações, ele e elas vêm para a escola com um aparato de saberes, de vivências, de reconhecimento dos territórtios. Trazem conhecimento das plantas, das espécies de bichos, das gentes diversas, do local espacial e geográfico, dos rios, das ervas, sementes, técnicas de plantio, entre outros. A escola deve ser o espaço de valorização do que o/a estudante traz consigo, aquilo que o/a compõe, que o/a integra. Esse espaço deve cumprir a função de pontecializar e não de apagar e reescrever uma outra concepção de conhecimento sobre o já existente(DIAS, 2020, p. 137).

A ex- professora Maria Euleutéria, a D. Lilia, me recebeu em sua casa e emocionada em falar de educação e da escola local, me diz:

> Eu nasci em Ravena, mas eu sou quilombola aqui de Pinhões porque meu marido é raiz aqui de Pinhões e minha mãe também é quilombola porque é do Rio Vermelho, que faz parte do quilombo de Pinhões. Nasci em 20 de fevereiro de 1946, fomos criados lá no Rio Vermelho, onde havia uma usina que fornecia energia para Pinhões. Viemos para Pinhões porque meu pai mexia com a CEMIG. Não era Cemig,vinha uma luz de uma fazenda do Rio Vermelho,depois quando entrou a Cemig não precisou mais vir e eu estudava em Santa Luzia. Quando eu fui começar a trabalhar, comecei a trabalhar no Mobral aqui, depois eu dei aulas em Macaúbas no Convento. (Narrativa de D. Lilia,2022).

A entrevistada reafirma a construção de sua identidade quilombola, e nos dias atuais, é uma das principais lideranças que a comunidade tem como modelo e inspiração, de resistência, persistência e integração. Aponta o Convento de Macaúbas, que mesmo ao deixar a função de escola no passado, através da direção das irmãs que vivem em regime de clausula mantiveram a função de educar, cederam parte das dependências para o funcionamento da

escola atendendo os moradores do entorno. Esta foi porta de entrada para várias de nossas professoras.

> Eu tenho um grande amor por Pinhões, e como nós somos quilombolas, minha mãe mexia com panela, também do Rio vermelho e com algodão. Minha avó, tecia coisas de algodão. Minha avó, minha bisavó, que era negra e trabalhava para os fazendeiros de lá perto de, não era Engenho, era um outro nome. Dei aula de Educação Artística, e tive vontade de aprender e ensinar os meninos a fazer balaios. A gente ensinava os meninos a fazerem balaios na escola, a gente fazia na escola, fazia panelas de barro. Até agora se alguém quiser aprender já sei e posso ensinar. Os pais daqui e de Macaúbas, que eram todos pretos, tinham uma história com os professores. Falavam ai minha professora!minha professora! E também em Pinhões era assim, mas foi acabando,porque chegam outras pessoas de fora e não dão valor e os meninos daqui de Pinhões, merecem e merecem. Hoje, coitados nem aula direto tem, não sabem o que é um quilombo, o que nós lutamos para eles. O aprender e ensinar, que a gente também aprende com os meninos, só dos sofrimentos deles que vão contando, nós aprendemos e vou passando para os mais novos que estão chegando (Narrativa de D. Lilia,2022).

Sobre as vivências da comunidade e a escola, a professora nos conta que eram unidas, caminhando juntas, mas demonstra preocupação com os dias atuais,assim apontado,

> Tudo na escola, tudo contado. Que dia vai ser? Que dia vai ser? Os meninos ficavam todos alegres. Toda vida teve comemoração, não passava uma data. Até de carnaval. Os meninos faziam máscaras para os meninos, aqueles batucadinhas. Batiam em latas, garrafas, eles faziam chique-chique com tampa de garrafa para fazer aqueles barulhinhos, enchiam garrafascom pedras para falar que eram os chique-chiques. E todo mundo brincava emtodas comemorações. Eu fico triste porque hoje em dia os meninos não sabem nada, nada, pergunta alguma coisa para eles não sabem nada. Mas como eu dou catecismo para eles e vou na Igreja, mostro para eles quem eraPadre João de Santo Antônio, que tem o nome da Escola e foi o padre que fundou aqui nossa Igreja e até morreu aqui(Narrativa de D. Lilia,2022).

Quando perguntei à ex- professora sobre a construção da identidade quilombola, sobre o processo de aprendizado, bem como sua importância para o quilombo, me falou que nos dias atuais acompanha o processo do seu bisneto mais de perto:

> Então, não é meu neto, é meu bisneto. Ele fica aqui comigo porque estou sozinha e eu vi que ele estava com muita dificuldade de aprender e a gente aprende é vivenciando. Aí eu mostro para ele uma casinha: CASA, e ele vai falar comigo assim: mas vó essa letra aqui é o que C. e vou mostrar um monte de coisa com a letra C. cabelo, casa, etc. E esse aqui? Esse é o I… tudo para que comece a aprender e, derepente aprendeu a ler.
>
> Eu tenho uma tristeza aqui em Pinhões, que o povo da comunidade, porque tem muita gente que não é da raiz de Pinhões e por isso não dá valor, ao fato de ser quilombo. Pode até ser casado, mas não quer ser quilombo, porque é preto. É branco, não tem nada a ver porque preto ou branco é raiz de quilombo. Do lado do meu marido, todos eram do quilombo, nasceram em Pinhões, faziam panelas eram considerados escravos. O povo daquele homem era? Não era, não? Aquele povo da dona Aninha, trabalha até hoje para os povos de Naná Bahia.

> Agora, no meu caso. Meus filhos casaram com pessoas que não eram daqui e tornaram quilombolas por morarem aqui e casaram com quilombolas.
>
> A nossa escola era uma escola que vinha gente de todo lado. Dia de Mãe, tinha festa, tinha tudo para as mães. Dia 7 de setembro tinha marcha para rua a fora, os meninos marchavam com aquelas roupas verdes. Não tinham nem dinheiro para comprar pano, mas faziam com papel crepom… Depois, quando vinha a Festa do Rosário,os meninos queriam vestir para dançar... Tinha um Candombe, além do candomblé, um que eles iam nas casas pediam esmolas. Chamava Maruto. Batiam nas portas para receber um dinheiro para ajudar. Isso faziam na festa do Divino, do Rosário. Sempre teve. Quando era no Carnaval, que vinha a quaresma no sábado da aleluia tinha a queima do Judas e os meninos ficavam todos alegres por que enchiam a barriga do Judas com balas e amendoim e estourava para eles e todo mundo ficava feliz. Os pais vinham de fora, de Macaúbas, Rio Vermelho, esses lugares todos.Os pais vinham.
>
> Então, não tem pé de pinhão na escola. Para eu arrumar uma folha do pinhão para aquele livro, que a associação reunia com os mais antigos, fizemos um livro contando a história de Pinhões. Para esse desenho tivemos que procurar em outros lugares. Acho que resta um ali embaixo. Mas foram cortados lá da escola, que tinhavários pés, que ensinava os meninos o porquê de Pinhões, que poderia chamar Pinhão, mas é por causa do pé de Pinhão. Os meninos ficavam todos entusiasmados querendo saber tudo. Só que agora cresceram, estudaram, foram trabalhar fora. E quem não teve o direito de trabalhar aqui, muitas pessoas formaram, estudaram português, matemática, sociologia, biologia querendo uma oportunidade de trabalhar aqui. Mas quem é a direção? A direção da escola não quer ninguém daqui de Pinhões trabalhando aqui, ninguém, só tem de fora. E os daqui ficam a ver navios. Ou trabalha fora e às vezes ainda passam lá para fora ou porque queriam trabalhar aqui e prosseguir com a nossa comunidade (Narrativa de D. Lilia,2022).

A ex-professora aborda a questão da missão do professor (a) que independe de estar na ativa ou não.Para ela este ato acompanha quem dele se apropria em sua trajetória de vida. Também expressa um sentimento de pertencimento e a importância do reconhecimento do lugar e de tudo que o compõe. Traz em suas memórias as atividades desenvolvidas pela escola em consonância com o cotidiano da comunidade.

Destaco o apontamento para a árvore do pinhão, que deu origem ao nome do lugar, pois é importante para contar a história a partir da escola. Se nos dias atuais a árvore não mais existe na escola, cabe o resgate através do replantio, de forma a dar um novo sentido e recomeço, ou seja, um novo ciclo de construção dessa identidade quilombola pela escola quilombola, com a ajuda da comunidade. Sobre as atividades desenvolvidas na escola, a professora Maria Aparecida nos diz:

> Sim, eu gostava de trabalhar essas vivências da comunidade.A supervisora era Patrícia, não sei se você conhecia, mas ela era muito autêntica. Nós trabalhávamos com vários projetos, visitamos as paneleiras, levava argila para sala de aula para que os meninos tivessem contato com argila; visitava as hortas, inclusive a de papai. Tem até foto, foram ver como era a horta, viram como é, e depois fizemos a horta na escola. Eu mesma fiz com eles.Eu lembro dessas hortas na escola e os meninos adoravam pois cada dia um era responsável para olhar, e quem tinha esterco levava pra colocar nos canteiros. Também minha filha tinha os projetos que a gente

> trabalhava com os penteados, quem sabe fazer trança,né? Músicas, tudo isso tinha apresentação. E essa apresentação era sempre na hora do recreio. Os meninos amavam, amavam mesmo! Mas era assim: uma escola viva! Você tinha que ver. Os povos chegavam na minha sala, da Superintendência. Tenho saudade do cantinho da leitura na minha sala.Todos os dias eu chegava, porque todos os dias cada um já sabia pegar seu livro e cada um pegava o seu livro para levar para *casa para ler.* Trabalhava de todos os jeitos, trabalhava em grupo. E os meninos terminavam as atividades e não faziam bagunça; já sabiam que iam para o cantinho de leitura.Lá ficavam as cadeiras. Eram grupos de 4, de 6.Vai ficar juntinho para as leitura e eu falava assim: anotava menino por menino, aluno por aluno, que estava valendo ponto por mês e eu premiava, tinha que fazer o reconto.Como eu ia saber se ele leu ou não, eles chegavam tinha hora de fazer o círculo e cada um ia lá apresentar o livro que lia.Nessa época já era a Paola e ela me dava os brindes, lápis, caderno,borracha,. prêmio. Às vezes eu comprava um dominó, eles amavam o incentivo. E eles iam com prazer para escola (Narrativa de Maria Aparecida, 2022).

Ambas entrevistadas trazem em suas falas o retrato de uma comunidade inserida à escola, e nos chama mais uma vez atençao para a necessidade de um currículo ajustado às perrrogativas da Educação Escolar Quilombola, que se articule com a comunidade. Esse desejo fica evidenciado em cada morador(a) que participou da pesquisa apontando como deveria ser a escola da comunidade:

> No meu modo de pensar, ainda mais que não estou lá, eu imagino assim: uma que voccê leve mesmo, que desenvolva os projetos, que leve para dentro da escola a cultura, mostre para eles a importância dos projetos a serem desenvolvidos. Como eu te falei, os cortes de cabelos, os penteados...que seja uma escola autêntica,dinâmica, que tenham umas aulas assim na prática, que ensinem a eles o profissionalismo. Porque às vezes, e lá de dentro da escola possa sair uma pessoa que vai cuidar do seu próprio cabelo, ganhar seu próprio dinheiro. Por exemplo, também bordadeira, a comida, tem muita coisa que podemos falar. Que seja uma escola viva, dinâmica, que trabalhe mesmo. Que não fique lá só no quadro, sabe? Teoria, teoria.. escreve, escreve, sabe? Tem que ter prazer de estudar, que sai de casa para estudar e tem que mudar e a gente que é professor acredita.Quando eu fiz a minha monografia, eu fiz sobre o lúdico, o aprender brincando (Narrativa de Maria Aparerecida, 2022).

> Então, hoje em dia, [a escola] não está próxima por que a diretora não dá abertura para os pais nem para os professores. Os pais ficam tristes, eu já não tenho mais ninguém na escola, só tenho bisnetos na escola. minhas filhas trabalham fora,não trabalham aqui. Eu tenho duas filhas que têm tristeza de falar do quilombo com elas, pois já foram na escola, levaram tudo para trabalhar, mas na hora são recusadas. Então, tiveram que trabalhar fora, porque aqui dentro de Pinhões não têm direito. Balaios, peneiras, cestas, tudo isso os meninos daqui sabiam fazer.E a gente pode fazer de palha de milho e até lustre a gente fazia.Aprendeu tudo na escola. Isso tudo eu fazia com os meninos para enfeitar. Mas agora ninguém interessa mais para no quilombo. Isso é porque só tem gente de fora, eles não interessam. Pra que vão lutar para continuar, para eles vem trabalhar e receber o dinheiro de volta. Agora, quem quer, queria, trabalhar é gente de Pinhões mesmo. Mas não tem oportunidade e nem tem oportunidade de chegar à direção. Porque se alguém aqui chegasse à direção, eu creio que nossa escola ia voltar ao que era há 30 anos atrás (Narrativa de Dona Lília, 2022).

Corroborando as perspectivas acima,entendemos que os sujeitos envolvidos no processo de escolarização, bem como suas culturas,saberes,memórias, relações familiares e coletivas, tradições,diversidades, opressões e resistências não estão separados desse processo em construção da Educação Escolar Quilombola. Confirmando isso, nos diz Barbosa (2021), a Educação Escolar Quilombola se assenta nos movimentos de construções coletivas, referenciada no ideário da cultura negra ancestral, que concebe a emergência da perspectiva intercultural como mecanismo de sustentação de ações que se manifestam no campo do diálogo entre sujeitos em processo de escolarização, reconhecendo a presença de uma ecologia de saberes tecidos nas relações de trocas realizadas entre escola e território.

Em linhas gerais, fica evidenciado que, embora a Educação Escolar Quilombola seja uma categoria em permanente construção, se trata de uma complexa novidade no campo da educação no país, que assume, desde já, o debate contra-hegemônico em relação à educação tradicional e assume a centralidade da perspectiva da educação popular, decolonial e intercultural, comprometida com o princípio do direito às aprendizagens significativas, com a emancipação popular quilombola, com a superação das desigualdades raciais e com a luta antirracista no país.

Encerramos este capítulo com as indicações marcantes da relação das práticas sociais existentes no quilombo de Pinhões com a educação no território,e no anseio do ambiente escolar, que ainda não consegue abarcar a riqueza dasmemórias, dos saberes da terra, dos antepassados, dos ofícios, da oralidade, das festas e outros que foram silenciados e ainda continuam silenciados.

5. QUILOMBOS E EDUCAÇÃO

Para iniciar esse capítulo, trago o indicativo da quantidade de municípios brasileiros que têm a presença das comunidades quilombolas e localidades no Brasil.O IBGE, registrou a existência de 5.972 localidades quilombolas em 2019, onde há1.133.106 pessoas residentes em localidades quilombolas no Brasil. Mas essa estimativa não condiz com a realidade como mostrou o trabalho da CONAQ submetido ao Supremo Tribunal Federal em posicionamento em relação à Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 742, que trata da questão quilombola em nosso país.

Figura 27: Mapa de localização dos municípios com presença quilombola- IBGE.

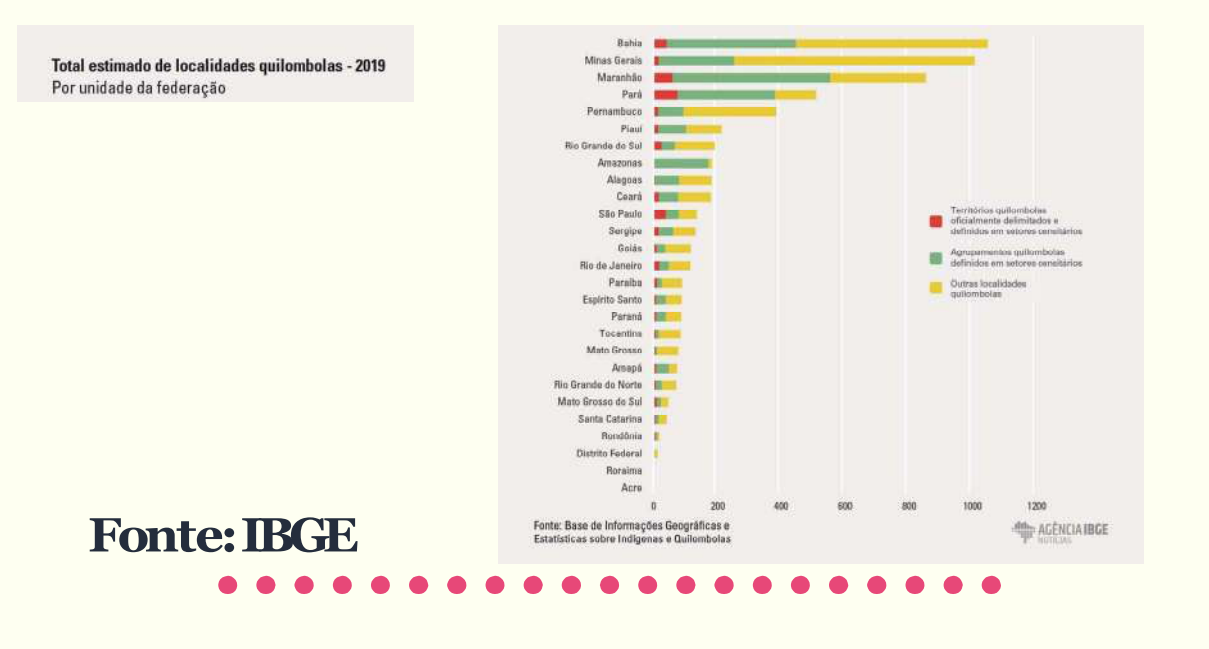

Figura28: Unidades da federação com localidades quilombolas- 2019.

5.1 O sentido histórico de uma luta

O reconhecimento das comunidades quilombolas por parte dos poderes públicos, com a demarcação das terras e registro de titularidade, é uma condição fundamental para a implementação de políticas públicas nessas comunidades. Por isso, a luta pela educação escolar quilombola se alia a outras frentes de luta em que essas comunidades encontram-se inseridas. Nesse sentido, discutir as proposições que fundamentaram as diretrizes nacionais para a educação escolar quilombola tem uma importância política capaz de proporcionar uma reflexão crítica sobre a situação histórica de abandono a que essas comunidades têm sido relegadas pelo poder público.

De acordo com Brito, “a luta pela educação escolar quilombola encontra-se aliada a diversas frentes de lutas das comunidades, sendo o reconhecimento dessas comunidades pelos poderes públicos, mediante demarcação de suas terras e do registro de titularidade condição fundamental para implementação de políticas necessárias para as mesmas” (BRITO, 2018, p. 139). Proporcionar uma reflexão crítica acerca da situação de abandono histórico dessas comunidades por parte do poder público, de acordo com o autor, é uma necessidade para que se possa compreender os processos de lutas por reconhecimento desencadeados pelas comunidades quilombolas em várias partes do país.

A Comunidade Quilombola de Pinhões, localizada no município de Santa Luzia, Minas Gerais é parte dessas lutas. Ela foi certificada em 2017 pela Fundação Cultural Palmares. Desde então, não se viu nenhuma ação do poder municipal que reconheça e inclua ações efetivas para esta comunidade centenária. E não diferente de outras tantas comunidades quilombolas, vê-se atualmente ameaçada pela especulação imobiliária, pelas ações isoladas do poder público que consente que sejam implementados projetos como a retirada do território da área rural e inserida na expansão urbana, sem a participação de audiências públicas entre outros enfrentamentos. Como nos aponta Dias (2015).

> Dentre esses contextos identificados pela presidência da associação estão, por exemplo, o forte movimento de especulação imobiliária que atinge a *comunidade* desde as décadas de 1970 e 1980, reforçado pela instauração de um projeto de urbanização do município de Santa Luzia que define Pinhões como área de expansão urbana, identificada como Zona de Interesses Especiais (ZIE), o que possibilitaria a construção de conjuntos habitacionais nos limites da *comunidade,* a partir de então definida como bairro. A aprovação desse projeto de urbanização pressupõe alterações no projeto de uso, ocupação e parcelamento do solo, possibilitando também a construção de condomínios de luxo e lazer nas mediações da *comunidade*, o que reforçaria o movimento de especulação imobiliária no local (DIAS, 2015, p. 53).

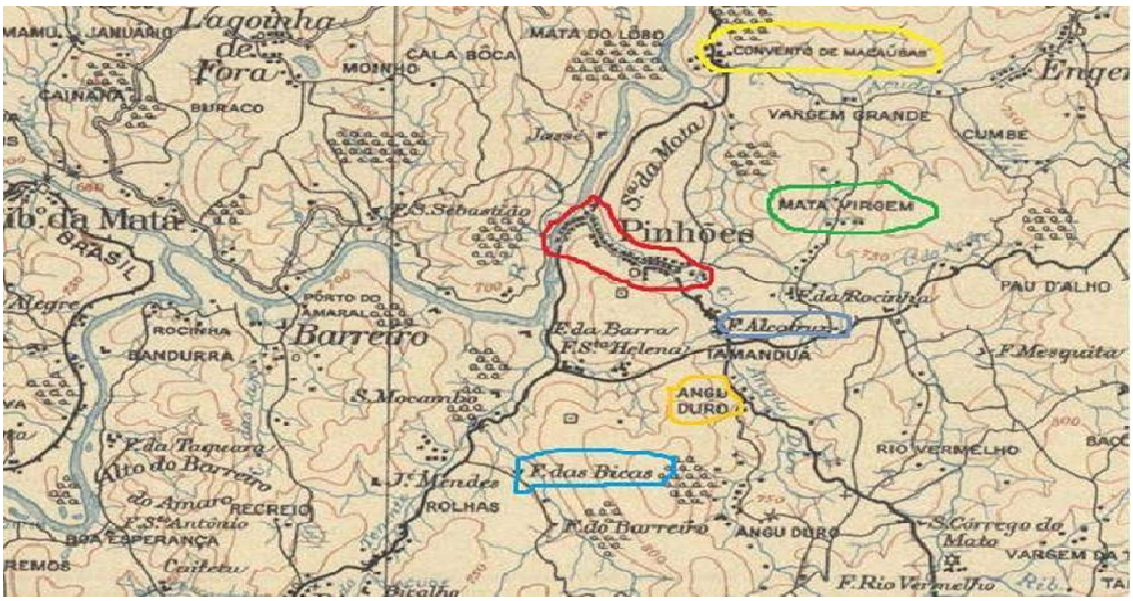

Figura 29- Mapa de Santa Luzia 1950 (Recorte do mapa de Santa Luzia 1950[13].

[13]Em vermelho Pinhões; em amarelo o Mosteiro de Macaúbas; em verde Pau D'óleo ou Mara Virgem; em azul-claro a indicação da Fazenda das Bicas; em azul-escuro a Fazenda Alcatruz; e em alaranjado Angu Duro. Todas localidades serão, em alguma medida, apresentadas ao longo da dissertação em razão de suas relações com Pinhões.Disponível em:http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=43.

Figura 30–Imagem de satélite do Quilombo de Pinhões

De acordo com Miranda, a partir de dados sistematizados em 2008 e atualizados em 2011, no caso de Minas Gerais, constata-se a presença de 403 comunidades quilombolas, das quais 145 se encontram certificadas, e apenas uma alcançou a titularidade. Esse dado coloca o estado de Minas Gerais em terceiro lugar nacional em relação ao número de comunidades certificadas até 2011. O atendimento escolar em áreas remanescentes de quilombos sinaliza um total de 140 escolas, entre estaduais, municipais e privadas (MIRANDA, 2012, p. 375).

O Censo Escolarde 2014 aponta a existência de 191 escolas em Minas Gerais localizadas em comunidades remanescentes de quilombos, sendo 23 escolas estaduais, 165 municipais e 3 instituições privadas /comunitárias. Os dados possibilitam a reflexão sobre a quantidade de escolas quilombolas em comunidades presentes em territórios de quilombos.

Como podemos verificar, há uma presença maior de escolas municipais em relação às estaduais. Isso pode ser explicado pelo fato de que a maior parte das escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos possui apenas o ensino fundamental, com concentração nos anos iniciais. De todo modo, esse quadro demonstra a necessidade e urgência de uma ação mais incisiva por parte dos municípios, tanto no que se refere ao atendimento dessa população, quanto em relação às propostas de formação continuada de professores.

Das comunidades quilombolas existentes em Minas Gerais há um número ainda muito baixo de comunidades que contemplam escolas situadas em seus territórios. E que existem

muitas em funcionamento precário. Poucas com certificação e outras que atendem os alunos oriundos das comunidades certificadas. É o caso da comunidade quilombola de Pinhões, onde muitos alunos saem da mesma para buscar cursos profissionalizantes, ensino médio, superior e ainda se recolocar na trajetória educacional através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que atualmente a escola local não atende mais. Estes alunos, em grande maioria, trabalham nos arredores da comunidade e dentro da mesma no período diurno, exercendo várias atividades oriundas dos costumes das famílias raízes, como o cultivo de lavouras, criação de gados, artesanatos, prestação de serviços em fazendas, sítios, pousadas, restaurantes, auxiliares de serviços gerais em trabalho doméstico, dentre tantos. Essas modalidades de trabalho, muitas vezes, impedem essas pessoas de frequentarem a escola no período proposto nos últimos anos pela gestão escolar. Muitos abandonam os estudos, seja pela dificuldade financeira ou pela inviabilidade de acesso devido ao precário atendimento de transporte público local para se deslocarem, às condições físicas e emocionais que se somam a tantos problemas.

Destaco a vulnerabilidade de crianças e jovens expostos a diversas violências sociais e domésticas, entre elas as drogas. A presença dos entorpecentes, antes não vistos nas comunidades quilombolas, indígenas e tradicionais, tem sido cada vez mais recorrente. Como consequência vemos abandono e evasão escolar.No entanto, as comunidades quilombolas são herdeiras de um passado de resistências e lutas entre elas por uma política educacional que permita a reparação do que lhes foi tirado e situar a dinâmica desses territórios em relação ao mercado de trabalho que ainda os colocam em situação de subordinação.

Conforme as autoras Vanda Praxedes e Silvia Miranda (2017, p.156), os movimentos negros e quilombolas estão em um contexto de lutas por visibilidade, reconhecimento, representação, educação, direitos em suas demandas, inclusive jurídicas, sendo uma das estratégias de combate ao racismo, e às desigualdades na sociedade brasileira.

> A defesa de uma Educação Escolar Quilombola diferenciada se instaura nessa necessidade, como forma de reconhecer na política educacional os elementos constitutivos dessas comunidades remanescentes de quilombo, que um dia representaram (e representam) espaços de luta e resistência cultural do país (FRAGA,2018).

Conforme será abordado no próximo tópico, a educação escolar quilombola é resultado de lutas históricas das comunidades por acesso a direitos e ao reconhecimento. A implementação da educação escolar quilombola vem firmar-se em um conjunto de desestabilização de estigmas que ao longo da história se definiram sobre a inserção subalterna

da população negra do Brasil e também do Sistema Escolar. Com base nesse arcabouço jurídico-educacional, ficou evidenciado que a Educação Escolar Quilombola constitui uma política educacional que exige interface com outras políticas – como políticas de desenvolvimento social e combate à fome, transportes,saúde,moradias, acesso à terra, direitos humanos, cultura e patrimônio cultural, entre outras. E sua efetiva implementação requer investimentos na formação continuada de professores/as que atuam em escolas localizadas em territórios quilombolas e aquelas que atendem alunos oriundos de quilombos e na formação inicial de professores. Para tanto, são necessários esforços coletivos que envolvam diversos atoressociais em razão das singularidades e particularidades que abarcam o atendimento educacional destinado a essa população e da complexidade do tema dos quilombos no Brasil (PRAXEDES & MIRANDA, 2017, p. 158). A viabilidade dessa educação começa pela formação dos professores quilombolas e dos não quilombolas que atuam nesses territórios, pois não é possível dizer e fazer sem conhecer dos que são pertencentes ao territorio onde a escola se encontra.

Nesse contexto, percebemos que é necessário um conjunto de medidas dando continuidade às lutas anteriores de um povo cuja história e protagonistas ainda são pouco conhecidos. E de outros que continuam insistindo e acreditando que mesmo diante de tantos confrontos se torna um desafio para a escola, os educadores, o currículo e também a formação docente, o desenvolvimento de ações que possam ter como resultado o reconhecimento de direitos da população quilombola em nosso país.No Brasil, essa discussão acerca da escolha de uma política educacional de respeito aos diferentes grupos é relevante pelo fato de o país se constituir como uma das maiores sociedades multirraciais do mundo. Nesse grupo populacional diverso sobressai-se um contingente significativo de descendentes de africanos dispersos em diáspora, como aponta Nilma Gomes (2011).

Por isso há uma emergência diante desse maior quantitativo populacional, de se pensar em uma política educacional que contemple negros e negras e os seus processos de construção de identidade no país.Passando também pelos quilombos, importantes elementos do processo de formação da história brasileira, essa dispersão tem várias interpretações econômicas, políticas e sociológicas, sendo importantes elementos do processo de formação da história brasileira.

> Em sociedades cada vez mais plurais em termos da quantidade de povos e culturas distintas que fazem parte delas, o que se exige em termos de reconhecimento não é apenas que as diferentes culturais possam defender a si próprias e sobreviver, mas que, no limite, se atestem seu igual valor e seu direito de existir e de participar politicamente da sociedade como um grupo coletivo (MOEHLECKE, 2009, p.464)..

Assim sendo, as comunidades quilombolas vêm se organizando na busca por direitos e reconhecimento. Como resultados, têm sido colhidos frutos mesmo que timidamente em diversas instâncias até então proibidas à população negra. Portanto, a Educação Escolar Quilombola é um instrumento de luta, de identificação, de acolhimento dos conhecimentos locais e universais, de valorização da pessoa, da afirmação enquanto sujeitos de direitos. Educação Escolar Quilombola é a que valoriza as sabedorias locais não escritas, nem lidas por meio dos símbolos da grafia, mas as reconhece e as transforma em projeto, o que consegue fazer com que conhecimentos não universais sejam conhecidos também. Que faz com que avida não perca a essência, que recebe e partilha, que valoriza e é valorizada (SILVA,2012,p.166-167). Trata-se de pensar uma educação que ensine o valor e riqueza da diversidadequeé onde se forma a consciência, pensando numa educação cidadã.

Fazem parte dessa luta eventos históricos como, em 1995, ano em que aconteceu a Marcha Zumbi dos Palmares e o I Encontro Nacional dos Quilombos; em 1997 aconteceu, na UnB, o I Encontro Nacional de Educação e Educadoras da Reforma Agrária, responsável pela escolarização, em diversos níveis, de mais de 90 mil camponeses, quilombolas, indígenas e povos ribeirinhos brasileiros; em 2003 a política de cotas para afrodescendentes foi aprovada na UnB, sendo a primeira instituição a adotar a medida. Em 2004 aconteceu um projeto na área alimentar; em 2005 um evento na área de geografia,Geafro,reunindo lideranças quilombolas; em 2007 surgiu a licenciatura em educação do Campo, com presença quilombola progessiva, em Planaltina.Na maioria dos casos, a relação dos quilombolas é caracterizada pela coletividade, entre processos de acumulação e socialização de conhecimentos que geram reações múltiplas, trocas de saberes e laços de solidariedade. Em 2020, ocorreu a I Jornada Virtual Nacional de Educação Quilombola, com iniciativa da CONAQ em parceria com o Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto aos Povos e Territórios Tradicionais (MESPT), expondo o acúmulo das experiências da luta pela Educação Quilombola.Sendo um importante marco do movimento quilombola, como resiliência diante das ondas fascistas que assolam nossa terra de tempos em tempos, esse evento, mesmo sendo virtual, oportunizou não somente aos organizadores e colaboradores, mas milhares de militantes e também comunidades a se voltarem à discussão, reflexão e aprendizados. Vozes foram ouvidas e conhecidas, sendo uma formação de grande proporção em nossa história.

5.2 Lutas sociais para a implantação da Educação Escolar Quilombola

Anteriormente à Lei 10.639/03 e ao Governo Lula, a reforma educacional iniciada na década de 1990 no Brasil, que teve como marco mais representativo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei 9.394 de 1996), tangenciou questões relativas à cultura e à formação do povo brasileiro no ensino de história, possibilitando uma brecha importante à construção de uma política de educação para as relações étnico-raciais, expressa pelo Artigo 26, inciso 4º da respectiva legislação, a saber: "o ensino da História do Brasil deve levar em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia" (BRASIL, 1996).

As políticas de diversidade alcançaram visibilidade dentro do espaço político-governamental brasileiro a partir dos anos dois mil. No governo de Lula foram sancionadas algumas leis, das quais destacamos a Lei Federal 10.639 de 2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afrobrasileira e africana em todas as escolas do país, possibilitando a ampliação do debate público e acadêmico acerca da educação em comunidades quilombolas.

Foram também criadas duas secretarias para formulação e implementação de políticas de ações afirmativas relativas à população negra do país, sendo: a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), criada em março de 2003 e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), criada em 2004 que, dentre as coordenações, continha a Coordenação Geral de Diversidade e Inclusão Educacional.

Em maio de 2010, aconteceu a Conferência Nacional de Educação (CONAE), que apontou a necessidade de formulação de políticas específicas na educação para atender demandas das comunidades quilombolas. Essa conferência gerou a formação de um Grupo de Trabalho de Educação Quilombola no Conselho Nacional de Educação, que teve como demanda a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Em julho de 2010, foi publicada a Resolução nº 4, definindo Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e institucionalizada a Educação Escolar Quilombola como modalidade de educação. Em novembro de 2010, realizou-se em Brasília o I Seminário

Nacional de Educação Quilombola tendo como objetivo “construir os alicerces do Plano Nacional de Educação Quilombola” e “subsidiar o CNE na produção das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola”.

Em 14 de dezembro de 2010 foi publicada a Resolução da CEB/CNE, nº 7/2010 que, ao fixar Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, inclui as especificidades da Educação Escolar Quilombola.

Assim, as Diretrizes, aprovadas em junho de 2012 e homologadas pelo Ministro da Educação em novembro do mesmo ano, têm a função de orientar os sistemas de ensino para que eles possam implementar a Educação Escolar Quilombola, mantendo um diálogo com a realidade sociocultural e política das comunidades e dos movimentos quilombolas.

A demanda para a implantação e reconhecimento da modalidade da Educação Escolar Quilombola se faz presente em todas as regiões do país. De acordo com Kalyla Maroun & Edileia Carvalho (2017), o debate sobre uma educação escolar quilombola em Campinho da Independência, por exemplo, emerge de um contexto de luta identitária travada em um primeiro momento com a escola ali localizada e, em um segundo momento, com a própria Secretaria Municipal de Educação de Paraty. Uma relação marcada por um histórico de conflitos em torno da demanda por um modelo educacional que contemple e legitime sua cultura local, suas demandas políticas e seus modos de vida (MAROUN & CARVALHO, 2017, p. 93).

Assim como a comunidade de Campinho da Independência, a Comunidade de Pinhões, situada no município de Santa Luzia, Minas Gerais, certificada em 2017 pela Fundação Cultural Palmares como território quilombola, vem lutando desde 2010 por um ensino que contemple os anseios da comunidade e que, sobretudo, legitime sua cultura e atenda às leis vigentes. É importante destacar que a escola local foi reconhecida como quilombola bem antes da comunidade. Se antes o quilombo era visto como algo pejorativo pude acompanhar durante a pesquisa algumas atividades realizadas na escola da comunidade que desconstroem essa percepção. A escola se tornou reconhecida pelo estado como escola quilombola em 2008. SegundoValquíria Soares, secretária da instituição, ela recebeu um telefonema da Secretaria Estadual de Educação orientando-a a marcar no Censo Escolar a opção Escola Quilombola. Ou seja, o poder público identificou a escola como quilombola mesmo antes da comunidade reclamar essa certificação.

Nesse processo, é importante destacar as mobilizações da comunidade em torno desse

reconhecimento. A Associação Cultural das Mulheres de Pinhões (ACMP), hoje denominada Associação Quilombola do Quilombo Pinhões (AQQP), foi fundada tendo como um dos principais objetivos lutar pela preservação da cultura local e valorização do território. E promover a educação nos mais diversos espaços, dando o direito aos quilombolas, sobretudo as crianças, à memória para que aprendam a valorizar sua história, fazendo criticas e construitivas e entendendo os direitos quilombolas. Afinada com os discursos dos movimentos negros, buscou conhecer as Diretrizes para educação quilombola, participando de reuniões com o Grupo de Trabalho criado pelo governo do Estado de Minas Gerais, e, nesse processo de implantação da Educação Escolar Quilombola, teve embates com a escola local que se tornaram acentuados, uma vez que não sucedia interesse da gestão, sendo esta a reprodutora de um sistema colonialista, em expor tais informações à comunidade escolar. Sendo assim, mudaria pouco o que se repetia como modo de organização e gestão da escola na sequência dos anos. Nesse sentido, não houve, e ainda há pouco espaço para a comunidade e lideranças na participação da construção de um projeto comum com a escola, que seria importante para a valorização dos saberes e valores tradicionais, pelas crianças quilombolas, nos dias atuais. Essa demanda continua como pauta de luta.

> No ano de 2009, algumas mulheres constituíram a Associação Cultural das Mulheres de Pinhões com o intuito de promoverem ações voltadas para a valorização da cultura local, como também manterem o debate relativo às questões quilombolas. A Associação mantém um calendário anual com três eventos fixos: Dia da Mulher, Dia das Mães e Dia da Consciência Negra. Outros eventos são promovidos para arrecadação de fundos para o custeio da organização. Reúnem-se mensalmente a fim de programarem ações junto à comunidade como: palestras em parceria com o posto de saúde, instituições de ensino superior, ainda possuem um Telecentro instalado nas dependências do Centro Catequético (GONÇALVES, 2019, p. 24-25).

A experiência de implantação da Educação Escolar Quilombola na Comunidade de Campinho da Independência também apresenta a luta dos movimentos sociais na pressão exercida sobre o poder público. Ainda segundo Kalyla Maroun & Edileia Carvalho,

> Em relação à construção dessa escola quilombola, as jovens lideranças começam a pressionar a escola para que viabilize a formação continuada para o corpo docente, com ênfase na temática quilombola, tendo como principais articuladores de tal formação as próprias lideranças. Para tanto, contam com a parceria de professoras do departamento de educação das universidades UFRRJ e UFF (campus de Angra dos Reis), bem como com pesquisadores parceiros da comunidade e movimentos sociais do município. Dessa forma, podemos observar que, apesar da classificação da escola como quilombola não significar literalmente uma mudança no seu fazer pedagógico, bem como no seu currículo, a atual gestão, tanto da escola quanto da Secretaria de Educação de Angra, entendem que este avanço exige um comprometimento político-pedagógico de todos os envolvidos (MAROUN & CARVALHO, 2017, p. 98-99).

Segundo Arroyo (2012), grupos como as comunidades quilombolas, ao se afirmarem sujeitos de saberes próprios, de outros processos de aprendizagem, de formação,de conscientização política e cultural, passam a resistir a esse modelo educacional hegemônico predominante, sobre a qual a instituição escolar ainda está fundamentada. Isso ocorre justamente porque eles se afirmam por meio de suas diferenças. Nesse sentido, entendem que ao longo da história de formação da sociedade foram submetidos a relações desiguais de poder/saber/dominação, submetidos à destruição de seus modos de pensar e de pensarem-se. Além disso, por não terem suas culturas, identidades e memórias reconhecidas, não se reconhecem como produtores da história da produção intelectual e cultural.

> Num segundo momento, a AMOQC passa a compreender que uma "escola quilombola" se fundamenta num processo de construção coletiva, algo que seja pensado pela própria comunidade, ainda que em parceria com a escola. Tal modelo educacional aponta para, dentre outras coisas, a contemplação e legitimação tanto dos seus saberes tradicionais, como de suas próprias pedagogias. Nessa perspectiva, eles fazem uma crítica aos saberes legitimados pela escola, às suas práticas descontextualizadas da realidade local e de suas lutas fundiárias, ao racismo ainda presente no contexto escolar, às incipientes políticas públicas que reconheçam, reparem e garantam o direito das comunidades ao trabalho e a uma educação voltada para suas especificidades. Lutam por uma escola que seja de fato, do quilombo e, não, no quilombo. A recusa atual da comunidade por esse modeloeducacional hegemônico ou por qualquer tentativa de diálogo com a escola local pode ser explicada, também, pela forma com que a Secretaria de Educação de Paraty concebe a Escola Municipal localizada em seu território (MAROUN; CARVALHO & OLIVEIRA, 2013, p. 11).

Compreende que ainda há uma atenção diferenciada para as escolas em territórios quilombolas. Embora muito já tenha sido feito, o silêncio e a negação de uma cultura está presente no espaço escolar. Sequelas do racismo, sobretudo o estrutural ainda presente em nosso país.

> Desse modo, a principal forma de repensar a escola inserida na comunidade vem sendo representada pelo desejo das lideranças políticas de inserção do jongo no currículo escolar. Toda essa questão teve como aporte principal o fato do jongo ter sido um elemento fortemente apropriado no processo de construção e reafirmação identitária entre crianças e jovens quilombolas de Santa Rita do Bracuí (MAROUN; CARVALHO & OLIVEIRA, 2013, p. 13).

5.3 Processos de implementação da educação escolar quilombola

A partir da aprovação da Lei 10.639/2003, temos presenciado a realização de uma série de estudos que analisam os processos de implementação da educação das relações étnico-raciais em várias partes do país. Considerando que os estudantes da Educação Básica são, em sua maioria, afrodescendentes, de acordo com o Censo Demográfico (IBGE, 2010), torna-se fundamental conhecer os conteúdos, as políticas e práticas pedagógicas e curriculares relacionados à matriz africana e afrodescendente, uma vez que, historicamente, a educação assumiu uma visão eurocêntrica. Esse modelo pode ter repercutido nas sucessivas reprovações reveladas nos dados de distorção idade-série das crianças e jovens negros, conforme analisado em pesquisa desenvolvida no estado de Pernambuco, buscando também uma comparação com os resultados educacionais nacionais e municipais que historicamente têm apontado desigualdades para a população negra em relação a outros segmentos (REIS, SILVA & MARTINS, 2015, p. 4).

As relações étnico-raciais significativas, que permitem identificar a importância da história e cultura negra, se orientam no sentido de promover a tomada de consciência para toda a sociedade.

> A divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade etnicorracial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (BRASIL, 2004).

Ainda de acordo com o Censo Demográficorealizado pelo IBGE, os dados apontam que as taxas de alfabetização nos territórios quilombolas são inferiores às encontradas no Brasil e revelam uma situação histórica de desvantagem dos jovens e adultos residentes nos territórios quilombolas. Segundo Arruti (2017), a taxa de alfabetização da população de 5 a 9 anos nos Territórios Quilombolas (TQ) é de apenas 49,5%, contra 72,0% nos municípios em que estão localizados e 68,5% no total nacional. Essas diferenças são ainda mais gritantes se forem comparadas às populações de TQ das áreas urbanas e rurais. Enquanto nas primeiras a porcentagem de crianças de 5 a 9 anos alfabetizadas é de 68,7%, nas segundasela não passa de 47,1% – a taxa mais baixa em comparação, inclusive, com as taxas observadas no Brasil rural (55,1%) e nas áreas rurais dos municípios estudados (53,3%).

> Assim, ainda que o problema do atraso escolar subsista em todos os grupos sociais e de idade, em diferentes modalidades de ensino e em diversas localidades geográficas, os dados oficiais apontam para uma situação de maior vulnerabilidade das populações que vivem em domicílios localizados no interior dos territórios quilombolas, mesmo entre as crianças, que possuem maior acesso ao sistema educacional que seus pais e avós tiveram (ARRUTI, 2017, p.124).

Esses dados nos revelam a extensão e a importância da educação quilombola e nos leva à reflexão sobre a situação escolar brasileira. Por isso, tal modalidade deve ser implementada em estabelecimentos localizados em comunidades quilombolas ou em escolas que atendam a estudantes oriundos dessas comunidades. Na comunidade quilombola de Pinhões, a trajetória escolar, desde os primórdios, é marcada por lutas, resistência e perseverança. Nossos ancestrais acreditavam que a educação era o caminho para dias melhores. Pensando assim, não mediram esforços para implantar escola na comunidade. Mesmo sem um espaço específico, as crianças tinham em casas de parceiros a porta de entrada para o conhecimento, como nos apresenta Débora Rodrigues:

> Percebemos um longo trâmite para a instauração de uma escola pública: passando por iniciativas dos moradores, através de conversas, negociações – que devem ter acontecido inclusive com a Cooperativa de Leite – e chega até a instituição da escola pública estadual. Os dados nos revelaram que a comunidade se manteve mobilizada e utilizou os recursos que tinha disponíveis para garantir que a formação na escola do quilombo fosse certificada. A comunidade teve uma incessante agência nesse reconhecimento (RODRIGUES , 2020, p.140).

De acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Educação n° 8, de 20 de novembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, essa modalidade

> deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas (BRASIL, 2012).

Além disso, a referida resolução indica que a Educação Escolar Quilombola "deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade" (BRASIL, 2012).

Portanto, para garantir a efetiva implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, no Estado de Minas Gerais constituiu-se o Grupo de

Trabalho da Educação Escolar Quilombola (GTEQ), instituído pela Resolução n° 2796/2015, representando uma inovação no campo das políticas públicas desenvolvidas para a modalidade de ensino. Esse Grupo propunha pensar coletivamente diagnósticos, desafios, organização, planejamento, implementação, monitoramento e avaliação. Este Grupo era composto por representantes das comunidades quilombolas, profissionais ligados à temática, pesquisadores e outros.

A Comunidade do Quilombo de Pinhões se organizou, através da associação e enviou indicação de representantes assim que tomou conhecimento, vindo os mesmos a participar de algumas reuniões. Isso se deu devido às informações serem concentradas, num movimento contra a expansão de conhecimentos que promovem a emancipação. Participei dessas reuniões e o nosso objetivo era entender mais da questão paramudar a realidade de nossa escola, em favor de nossas crianças e adolescentes. Deste trabalho foram estabelecidos eixos norteadores das ações de desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola. Como resultado, a SEE/MGestabeleceu uma normativa para a especificidade do processo de escolha de servidores ao cargo de diretor em escolas estaduais localizadas em territórios quilombolas, desde 2016.

As legislações educacionais contemporâneas têm sido preponderantes nesse sentido, obrigando a realizar a leitura e a crítica dos modelos antigos e excludentes de educar, de modo a construir novas pedagogias com práticas escolares anti-racistas e anti-descriminatórias contra o/a negro/a brasileiro/a, de modo que estes/as venham a reconhecer e a afirmar seu valor que foi desaprendido devido a uma educação que desumanizava, dominava, colocava o branco como superior e ideal a ser conquistado e o negro apenas como descendente do escravoe submisso, revestindo a educação de novos significados.

Porém, mesmo sabendo que muitas ações estão sendo efetivadas, o chão das escolas ainda precisa ser investigado para diversas intervenções políticas do Estado. Ainda é possível encontrar nesse espaço, que deveria ser prazeroso para todos seus estudantes, principalmente para as crianças e adolescentes, situações preconceituosas, desiguais e racistas. Podem ser citados, como exemplo, estudantes negros sendo os últimos a comporem grupo de estudos, estudantes negras ficando de fora dos pares das festas juninas e sendo ridicularizadas por seus cabelos e penteados.

Dados sistematizados na pesquisa coordenada por Shirley Miranda (2011) revelaram que Minas Gerais contava com quatrocentas e três comunidades remanescentes de quilombo, das quais cento e dezessete encontravam-se certificadas e apenas uma tinha obtido

titularidade, colocando este estado em terceiro lugar nacional em relação ao número de comunidades certificadas. O atendimento escolar em áreas remanescentes de quilombos sinalizava um total de 140 (cento e quarenta escolas), entre estaduais, municipais e privadas.

> No que se refere à situação de funcionamento das escolas, Minas Gerais reproduz os indicadores nacionais. A estrutura física, na maioria das vezes, é bastante precária. Há escolas funcionando ao ar livre, ou em prédios adaptados cedidos por igrejas. É comum que estudantes das comunidades remanescentes de quilombos frequentem escolas em outras comunidades, povoados e sede de municípios, caso que se ampliou no estado após o processode nucleação de escolas. Esse deslocamento é ainda feito a pé, sendo que em algumas comunidades a distância em relação à escola ultrapassa vinte quilômetros, percorridos diariamente, num percurso de ida e volta. Nos casos de transporte escolar a condição dos veículos é arriscada, com superlotação, desgastes de lataria, pneus e motores (MIRANDA, 2011, p. 8).

Em suma, afirma que Minas Gerais encontra-se em desvantagem em termos de construção de política educacional voltada às comunidades quilombolas, o que também reflete na precariedade da formação dos profissionais da educação e nos indicadores de atendimento escolar e na educação ofertada a essas comunidades. Isso se confirma na pesquisa de Carmen Gonçalves, que investigou a situação da escola estadual instalada na Comunidade Quilombola de Pinhões:

> Na escola não há a oferta da Educação Infantil, as crianças em idade escolar precisam ser deslocadas para Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI que fica no bairro Industrial Americano a caminho do centro de Santa Luzia e cerca de 6 Km de Pinhões. Não existe a oferta da Educação de Jovens e Adultos como também da Educação Profissional. Essas modalidades são oferecidas em escolas de Santa Luzia, sendo que no município tem um Instituto Federal de Educação Minas Gerais (IFMG/Santa Luzia) e SENAI (Sistema Nacional de Aprendizagem da Indústria), neste último vários jovens de Pinhões realizam cursos como complementação do ensino médio (GONÇALVES, 2019, p. 61).

Desde então, a comunidade permanece sem o atendimento da Educação Infantil e da Educação de Jovens e Adultos. As lideranças vêm buscando diálogo com a Secretaria de Educação do Município, que até o momento não apresentou uma proposta favorável de atendimento ao público infantil. Algumas crianças são atendidas na Unidade de Educação Infantil (UMEI) mais próxima cujo atendimento se dá através de sorteios. Os não sorteados ficam fora da escola e/ou são atendidos pela rede particular, sendo estes de famílias com maior poder aquisitivo.Essa situação reforça a exclusão de parte da população quilombola do direito garantido pela Lei. Quanto à modalidade da EJA, tivemos um retrocesso com o fechamento de atendimento aos jovens e adultos que era ofertado no período noturno sendo que a Secretaria de Educação do Estado não respondeu às demandas apresentadas, até os dias atuais. Por sua vez, é urgente olhar para tal realidade e agir por meio de políticas públicas

contemplando essa clentela desprotegida na sociedade brasileira por anos de governos pouco comprometidos com os povos tradicionais. Existem atualmente – como já informado – segundo dados do Censo Escolar 2017, 2.470 escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos no país, constituindo 253.989 matrículas nessas escolas. No estado de Minas Gerais, existem 30 escolas estaduais quilombolas, concebendo um número de 8.129 matrículas, também deacordo com dados do Censo Escolar de 2017. Assim nos aponta:

> No contexto de Minas Gerais a modalidade de ensino " Educação Escolar Quilombola" ainda precisa ganhar visibilidade, insvestimentos financeiros, além de formação de agentes escolares- sobretudo dos professores/as, no intuito de eliminar o despreparo para trabalharem as culturas e saberes quilombolas, de maneira que possam associar o currículo escolar a esses saberes, promovendo aquilo que Boventura de Souza Santos denominou de uma " ecologia dos saberes"(SANTOS,2010).

Assim entede-se que a participação ativa das comunidades quilombolas enquanto agentes e protagonistas do conhecimento dentro das escolas desta modalidade com um diálogo horizontal é a proposta. Requer tambem investimentos, como o cuidado com os estudantes e familias do território quilombola, para que esta educação escolar quilombola seja acolhedora garantindo a permanecia e a conclusão de todas as etapas da educação básica com qualidade e plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho de campo da pesquisa sobre educação escolar quilombola no estado de Minas Gerais, identificamos que, frente a ausências ou insuficiências de medidas visando ao desenvolvimento sustentável dessas regiões, percebe-se uma tendência à desagregação das relações sociais que estruturam e conferem identidade às comunidades que habitam territórios quilombolas.

Espalhados pelo país, os descendentes ou remanescentes desses domínios negros vivem hoje em busca do reconhecimento da posse de suas terras coletivas. Mesmo que a origem desses territórios não tenha sido de negros escravizados, ela está diretamente ligada ao passado escravista e seus desdobramentos políticos, econômicos e sociais que excluíram da nova ordem social o povo negro, empurrando-o para a ocupação de terras devolutas, compradas ou doadas.

A comunidade de Quilombola de Pinhões faz parte dessa história; surge a partir do interesse de donos de uma fazenda, os quais pertenciam alguns negros escravizados, que para demarcar suas terras os enviam para cuidar e defender de invasores na extrema entre a fazenda das Bicas e a fazenda de Macaúbas, tambem nomeadas como Sesmarias. Após se instalarem nesse pedaço de terra, começam aí constituir familias e organizar seu território. Nos dias de hoje, a maioria não tem a posse de suas terras, que segundo relatos dos mais velhos teria sido colocada em nome da igreja católica. Ainda é possivel ouvir de alguns anciões que moram nas terras de " Nossa Senhora do Rosário".

Nos embates cotidianos das organizações de resistência vão sendo construídas formas de relacionamento por meio de um modo específico de conhecer e por meio da regulação e da emancipação do sujeito político cultural quilombola. A resistência é sinonimo de persistência de uma comunidade que não deixa seus princípios, seus costumes, crenças, práticas culturais mesmo em meio a tensões constantes que lhes são apresentadas.

Durante os diálogos realizados com esses(as) moradores, muito me foi revelado sobre a relação entre a comunidade e a escola local. Todos esses relatos são provenientes de suas próprias experiências pessoais e coletivas, que expressam uma trajetoria que perpassa pela dificuldade de ir, estar e permanecer na escola e do prazer em aprender. Diante desse fato, cabe refletirmos que não é a escola que deve ensinar o plantar, o benzer, o dançar, o cantar, mas pode e deve fomentar o diálogo entre essas dimensões, valorizar saberes tradicionais quilombolas específicos de cada lugar e com vários pontos em comum, estabelecendo uma

ligação com a Educação Escolar Quilombola e a comunidade de modo a ocupar esse espaço, que é também espaço de lutas, resistências e conquistas. Por isso procuramos entender como a comunidade participa da vida escolar e se a escola participa da vida da comuinidade, na percepção dos ex-professores e moradoresdo quilombo Pinhões.

Por fim deseja-se, sobretudo, que mesmo diante das inúmeras limitações apresentadas ao longo desse estudo e exercício de escuta, que as informações trazidas pelos colaboradores possam contribuir para inspirar quilombolas de Pinhões e de outras terras, bem como aos novos olhares e diálogos com pesquisadores que acreditam e lutam pela Educação Escolar Quilombola, reparadora, igualitária, digna e que responda aos anseios emancipatórios desse povo preto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rogéria Cristina e CERQUEIRA, Karla Cristina. **A educação escolar quilombola em Minas Gerais: identidade e resistência**. Caderno de história. Belo Horizonte, v. 21, n. 34,2020-ISSN 2237-8871.

ARRUTI, José Mauricio. **Conceitos, Normas e Números: Uma introdução à educação escolar quilombola**. Revista Contemporânea de Educação, vol.12, n.23, jan/abr de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Plano Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2003.

_____. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 2003b.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 1996.

_____. **Plano Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília: MEC/SECAD, 2003.

_____.**Resolução n° 8,** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

BRITO, José Eustáquio. **Desigualdades regionais, trabalho e educação na implementação da educação escolar quilombola**. SILVA, Santuza A. & PRAXEDES, Vanda L. (orgs.) **Educação e relações étnico raciais: desafios, limites e possibilidades**. Belo Horizonte: EdUemg, 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão, "**Ser professor/ hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas**". **EDUCAÇÃO** (Porto Alegre, Impresso) V.37 n.1 p.33-41, jan./abr. 2014.

DEALDINA,Selma dos santos, Oganizaddora. **Mulheres quilombolas**: territórios de exitencias negras femininas.JANDÍRA,2021.

DIAS, Lúnia Costa. **Ser quilombola e ser de Pinhões; dinamicas de autonomia, ressitencia e territorialização**. 29a. Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RN,2014.

DIAS, Lunia Costa. **Ser quilombola e ser de Pinhões[manuscrito]; dinamicas e experiencias de uma produção do lugar.** Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciencias Humanas, 2015.

FRAGA, Ingrid Vitória Carvalho. **A Política de Educação Escolar Quilombola no Estado de Minas Gerais:** como prover uma educação para a diversidade em uma Escola Quilombola da rede estadual. Fundação João Pinheiro de Minas Gerais,Belo Horizonte, MG, 2018.

GARCIA, Carlos Marcelo. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre

aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n.9, set/out/nov/dez., 1998.

GARCIA, J. **25 anos de Movimento Negro no Brasil: 1980 – 2005**, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas,1999.

GOMES, L. G. F. F. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998. 137 p.21. (Coleção Antropologia e Ciência Política, 15). Bibliografia: p. 131-132. ISBN 85-228-0268-8.GOMES, Nilma .L. Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação Sociedade**, vol.33, n.120, set./2012, p.727-744 (Campinas).

GOMES, N. L. **Para entender o negro no Brasil de hoje**: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, N.L. **O Movimento Negro educador**. Saberes construidos nas lutas por emancipação.VOZES.2017.

GOMES, Nilma L. (Org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na perspectiva da Lei 10.639/2003**. Brasília: MEC / Unesco, 2012.

GOMES, Nilma L. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade**. Cadernos Pagu,** vol. 6-7, 1996. Disponivel em: https//periódicos.sbu.unicamp.br/índex.php/cadpagu/article/view/1862.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira**: desafios, políticas e práticas. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação. RBPAE. v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

GONÇALVES, Carmem Regina Teixeira. **Ser quilombola, mulher e negra [manuscrito]: a agência do coletivo de mulheres Empodere Se do Quilombo de Pinhões**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019. 193 f.

GONÇALVES, Matheus H.Veloza.**O processo de construção da educação escolar quilombola em uma comunidade no município do serro:** Diálogos com professoras, Comunidade e outros sujeitos sociais.2019.

MANSON, A.K. **EJA e mulher negra: vencendo pedras no caminho à emancipação**,2009.

MAROUN, K.; CARVALHO, E. Experiências de educação quilombola: as relações entre escola e comunidade. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 26, n. 49, p. 87-102, 31 out. 2017.

MAROUN, K; OLIVEIRA, Suely N.; CARVALHO, Edileia. **Educação escolar quilombola: diálogos e interfaces entre experiências locais e a institucionalização de uma nova modalidade de educação no Brasil**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

MEHY,J.C.B. **Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro**. Revista de História, São Paulo: Departamento de Hiatória da USP,v.2,n.155, p.191-2032006. Disponivel em: http://www,revistas.usp.br/revhistoria/artcle/view/19041/21104. Acesso em: 20jun.2015.

MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Educação. Resolução 2945/16.Estabelece normas

para escolha de servidores ao cargo de diretor e à função de vice-diretor para exercício em escolas estaduais localizadas em territórios quilombolas. Disponível em: ww2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/2945-16-r.pdf .

MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Educação. Resolução 3677/18 Dispõe sobre critérios e define procedimentos para inscrição e classificação de candidatos e/ou concursados à designação para o exercício de função pública nas escolas localizadas em território remanescentes de quilombo da rede estadual de ensino da Secretaria Estadual de Educação. Disponível em: http://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/3677-18-r%20-%202%C2%BA%20Republica%C3%A7%C3%A3o.pdf.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Quilombos e Educação: identidades em disputa. Educar em Revista**, [S.l.], v. 34, n. 69, p. p.123-150, june 2018. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/57234>.

MIRANDA, Shirley Aparecida et al. **EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS:** Entre ausências e emergências. **Revista Brasileira de Educação**. V.17, n. 50, maio/ago de 2012.

MIRANDA, Shirley Aparecida. ***Dilemas do Reconhecimento*: a escola quilombola "que vi de perto**". *Revista da ABPN*. v. 8, n. 18. nov. 2015 – fev. 2016, p.68-89.

MIRANDA, Shirlei Aparecida.(organizadores). **A Educação da relações Etnico-Raciais:** O estado da arte. 2018,p.379.

NASCIMENTO, G. P. M.; DE SÁ, T. C. S. **COMUNIDADE QUILOMBOLA DO FOJO, ITACARÉ-BA**: por uma adequação no currículo escolar, pela decolonialização dos saberes e das práticas pedagógicas. **Revista Encantar**, v. 1, n. 2, p. 441-447, 19 jun. 2020.

O'DWYER, E. C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

OLIVEIRA, Marcelina, SILVA, Cleid Maria; SANTOS, Paulo Inácio; SANTOS, Pedro Fernando. **Educação de Espaços Outros: História e Concepções Quilombolas**. **Opará:** Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v.4,n.6,p.09-26,jul./dez.2016.

RODRIGUES, Débora. **A Artesania das práticas sociais e a existência inventiva das mulheres do quilombo de Pinhões.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG.Belo Horizonte, 2020.

SANTANA, Jose Valdir Jesus, EUGENIO, Benedito Gonçalves, OLIVEIRA, Nakson Willian Silva, PEREIRA, Claudia de Jesus. **A educação escolar quilombola na ANPED: análise da produção do GT21- Educação e relações étnico-raciais. ACENO**, Vol.3,n. 6,p.137-158.Ago. a Dez. de 2016.

SILVA, Gilvânia Maria da. **Educação como processo de luta política**: a experiencia de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas.2012.199f. Dissertação(Mestrado em //educação)- Universidade de Brasília, 2012.

SILVA, Gilvania Maria et all. (Orgs.). **Educação Quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Educação escolar quilombola: reafirmação de uma política afirmativa**. Reunião Cientifica Regional da ANPED,2016/UFPR-Curitiba / Paraná.

SOUZA, Gilmara Silva. **A Juventude Quilombola de Santo Isidoro e os deslocamentos de uma pedagoga/pesquisadora negra em formação**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2014.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

DINIZ,Alvaro. **Santa Luzia,Minha terra,sua história, histórias de minha terra**.2008.

GATTO,Bernadete Angelina. **Por uma política de formação de professores**.2010.

HERMANNS,. **Os elementos da entrevista narrativa**, 1995,p.183.

HERMANNS,Flik. **Introdução à pesquisa qualitativa otimizado**.1995,p.183.

MERHY, José Carlos. **História e o ensino de história**,2006,p,194.

ALAMI, Sophie; **DESJEUX**, Dominique; **GARABUAU-MOUSSAOUI**, Isabelle,Pesquisa qualitativa:distanciamentos. , 2019,p.96.

BEAUD,Stéphane;WEBER,Forence. Guia para a pesquisa de campo, 2014,p.137.

BOUGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação- uma introdução à teorias e aos métodos. Porto: Porto Editora**,** 1994. P.183.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade. 2002.**

SANTOS, Boaventura de Souza. A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência para um novo senso comum,2005,p.37.

Soares, EDMARA, Orientações e práticas pedagógicas paa educação quilombola.p.6,2016.

https://www.youtube.com/watch?v=Oevm9... Música: Realidade Negra/ A 5ª Geração

FERNANDES, R. L. da S.; **NAZARETH**, H. D. G.; **REIS**, M. A. G. de S. Negritudes e aprendizagem cotidiana. Revista África e Africanidades.

FRAGA, Ingrid. **política de educação escolar quilombola no estado de Minas Gerais**:,2018.

BRASIL,Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Quilombola. Brasilia.ME+CEB,2012.

BARROSO,Sandra Helena. **Festejar em Pinhões/MG: Do Divino a Nossa Senhora, fé no Rosário**,2015.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE) Profissionais- da Educação maiores de 18 anos COEP-Nº

Prezada(o)Professora(r),

É com imensa satisfação que convidamos você a participar da construção de nossa pesquisa "A Interlocução entre os saberes do Quilombo de Pinhões, a história da comunidade e a escola". Com a pesquisa é por meio da colaboração de vocês, investigar as relações entre prática pedagógica em escolas quilombolas e as relações raciais presentes na escola instalada no território de Pinhões.Para participar da pesquisa, você não terá que pagar nada, e nem receberá nenhum dinheiro ou qualquer tipo de vantagem em troca, da mesma forma que não lhe será cobrada nenhuma quantia financeira. A sua contribuição com a pesquisa é totalmente gratuita evoluntária.A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que será atendida pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionai de sigilo.

Se for de seu interesse contribuir com o nosso trabalho, convidamos para participar dasetapas de entrevistas e de validação dos dados, a serem realizadas entre os meses de outubro e dezembro de 2021. Entretanto, caso não tenha interesse ou não tenha disponibilidade, a sua decisão será respeitada sem nenhuma obrigação.

Considerando o contexto de Pandemia da Covid-19 a necessidade sanitária d eisolamento social, as entrevistas serão realizadas por meio remoto, sendo gravadas, a partir doseu consentimento no inicio do processo. Caso ao longo do período destinado à realização desta etapa da pesquisa as medidas de isolamento venham a ser suspensas, as entrevistas poderão ser realizadas de modo presencial,sendo as mesmas gravadas também mediante o seu consentimento.

A data e horário da entrevista serão combinados com você de acordo com sua disponibilidade. Caso precise alterar a marcação por qualquer motivo, sua disponibilidade será sempre respeitada. Durante a entrevista, caso não se sinta à vontade com alguma pergunta, ounão queira responder por qualquer motivo, ou

ainda, se estiver sendo cansativo para você pode interromper a qualquer momento. Não descartamos a possibilidade de riscos na pesquisa, mas faremos o máximo possível para que seja o menor possível. E deixaremos você à vontade para que possa ter a liberdade de desisti da pesquisa a qualquer momento,sem te causar constrangimento.

Você também poderá acionar os pesquisadores responsáveis para esclarecimentos gerais sobre o estudo bem como, acionar o CEP-UEMG para dúvidas éticas e estar á livre para participar ou recusar-se a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. Pode retirar o consentimento de guarda e utilização do material que será guardado na sala do Pesquisador responsável,valendo a desistência a partir da data que você assinou este documento.Para que

Documento em branco após os contatos.Impressão apenas na frente das laudas.Necessária a rubrica em cada página

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

possa participar da pesquisa, solicitamos que assine abaixo, para que possamos dar prosseguimento à etapa destinada às entrevistas.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo queuma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os materiais a serem coletados no decorrer da pesquisa,serão de uso exclusivo para a pesquisa, sendo arquivados com o pesquisador responsável Professor Doutor José Eustáquio Britopor um período de 5 (cinco) anos na sala , da Faculdade de Educação da UEMG e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão sua identidade com padrões profissionais desigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 510/16 e complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu,_____portador (a) do documento de Identificação_____fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa"A Interlocução entre os saberes, imagens e histórias sobre a educação, na voz dos ex-professores e membros do Quilombo Pinhões", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termode consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____

Assinatura do/a do profissional da educação

Belo Horizonte,_____de_____de 2021.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

Prof.Dr .José Eustáquio Brito	Sônia Aparecida Araujo
Pesquisador responsável	Pesquisadora Mestranda

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

PROF.DR. JOSÉ EUSTAQUI DE BRITO
Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Rua Paraíba, 29- Funcionários
30130-140 - Belo Horizonte, MG - Brasil - Caixa-postal: 123
Telefone: (031) 32395900 – (031) 996660007
Fax: (031) 36624335
URL da Homepage: http://www.uemg.br
LinkdocurrículoLattes: http://lattes.cnpq.br/8417738767350749

SONIA APARECIDEA ARAUJO
Rua Paraíba, n.232. Bairro Funcionários, Belo Horizonte FaE/UEMG. Belo Horizonte, MG –Brasil.
E-mail:soniaaraujo.eng@gmail.comLinkdocurrículoLattes:http://lattes.cnpq.br/4285315276162466

CEP-UEMG-ComitêdeÉticaemPesquisa da UEMG
Cidade Administrativa Presidente Tancredio Neves
Rodovia Papa João Paulo II,4143
Ed.Minas -8° andar
Belo Horizonte –MG
Cep: 31630-900
+55(31)3916-8696/3916-8697

Documento em branco após os contatos.Impressão apenas na frente das laudas.Necessária a rubrica em cada página.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Ex- Professoras(es) da Escola Estadual Padre João de Santo Antônio

Comunidade Quilombola de Pinhões

Nome:
Idade:
Sexo:
Cor (de acordo com as categorias do IBGE): Branca ( ); Preta ( ); Parda ( ); Amarela
( ); Indígena ( ).
Local de Nascimento:
Tempo em que mora na Comunidade Quilombola de Pinhões:
Escolaridade:
Curso:
Instituição de Ensino onde concluiu o curso:
Tempo de Exercício na Profissão:
Período em que esteve vinculada (o) à Escola da Comunidade:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA DA COM EX-PROFESSORAS(ES) DA ESCOLA

1. Para dar início à nossa conversa, gostaria que você falasse um pouco de seu vínculo com a Comunidade de Pinhões e contasse de sua experiência de trabalho na escola e como você percebe a relação da Escola com a comunidade quilombola de Pinhões.
2. Nossa Comunidade é muito rica em práticas diversas. Aqui se fazem presentes muitos saberes e práticas que contribuem para dar vida à Comunidade. Você pode me dizer como esses saberes e práticas são trabalhadas na escola? Como a escola tem contribuído para a afirmação e fortalecimento da cultura quilombola?
3. Em seu dia a dia na Escola, que ações ou projetos você desenvolveu tendo por referência os saberes da Comunidade? Em que medida é possível trabalhar os saberes da Comunidade como um conteúdo curricular na formação de crianças e adolescentes?
4. Desde o ano de 2012, a Educação Escolar Quilombola se configura uma modalidade de ensino. O que significa para você uma Escola Quilombola? Na sua opinião, o que a Escola da Comunidade de Pinhões tem feito para a implementara Educação Escolar Quilombola?
5. Para concluir essa nossa conversa, gostaria que você falasse um pouco sobre como você imagina o funcionamento de uma escola que tenha o compromisso de fortalecer a identidade quilombola de seus alunos.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE) Profissionais- da Educação maiores de 18 anos COEP-Nº

Prezada(o) Moradora(r),

É com imensa satisfação que convidamos você a participar da construção de nossa pesquisa "A Interlocução entre os saberes do Quilombo de Pinhões, a história da comunidade e a escola". Com a pesquisa é por meio da colaboração de vocês, investigar as relações entre prática pedagógica em escolas quilombolas e as relações raciais presentes na escola instalada no território de Pinhões.Para participar da pesquisa, você não terá que pagar nada, e nem receberá nenhum dinheiro ou qualquer tipo de vantagem em troca, da mesma forma que não lhe será cobrada nenhuma quantia financeira. A sua contribuição com a pesquisa é totalmente gratuita evoluntária.A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que será atendida pela pesquisadora, que tratará a sua identidade com padrões profissionai de sigilo.

Se for de seu interesse contribuir com o nosso trabalho, convidamos para participar dasetapas de entrevistas e de validação dos dados, a serem realizadas entre os meses de outubro e dezembro de 2021. Entretanto, caso não tenha interesse ou não tenha disponibilidade, a sua decisão será respeitada sem nenhuma obrigação.

Considerando o contexto de Pandemia da Covid-19 a necessidade sanitária d eisolamento social, as entrevistas serão realizadas por meio remoto, sendo gravadas, a partir doseu consentimento no inicio do processo. Caso ao longo do período destinado à realização desta etapa da pesquisa as medidas de isolamento venham a ser suspensas, as entrevistas poderão ser realizadas de modo presencial,sendo as mesmas gravadas também mediante o seu consentimento.

A data e horário da entrevista serão combinados com você de acordo com sua disponibilidade. Caso precise alterar a marcação por qualquer motivo, sua disponibilidade será sempre respeitada. Durante a entrevista, caso não se sinta à vontade com alguma pergunta, ounão queira responder por qualquer motivo, ou

ainda, se estiver sendo cansativo para você pode interromper a qualquer momento. Não descartamos a possibilidade de riscos na pesquisa, mas faremos o máximo possível para que seja o menor possível. E deixaremos você à vontade para que possa ter a liberdade de desisti da pesquisa a qualquer momento,sem te causar constrangimento.

Você também poderá acionar os pesquisadores responsáveis para esclarecimentos gerais sobre o estudo bem como, acionar o CEP-UEMG para dúvidas éticas e estar á livre para participar ou recusar-se a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. Pode retirar o consentimento de guarda e utilização do material que será guardado na sala do Pesquisador responsável,valendo a desistência a partir da data que você assinou este documento.Para que

Documento em branco após os contatos.Impressão apenas na frente das laudas.Necessária a rubrica em cada página

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

possa participar da pesquisa, solicitamos que assine abaixo, para que possamos dar prosseguimento à etapa destinada às entrevistas.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo queuma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os materiais a serem coletados no decorrer da pesquisa,serão de uso exclusivo para a pesquisa, sendo arquivados com o pesquisador responsável Professor Doutor José Eustáquio Britopor um período de 5 (cinco) anos na sala , da Faculdade de Educação da UEMG e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão sua identidade com padrões profissionais desigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 510/16 e complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu,_____portador (a) do documento de Identificação_____fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa"A Interlocução entre os saberes, imagens e histórias sobre a educação, na voz dos ex-professores e membros do Quilombo Pinhões", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termode consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____

Assinatura do/a do membro da comunidade

Belo Horizonte,_____de_____de 2021.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE)
Profissionais da Educação maiores de 18anos
COEP-Nº

Prof.Dr .José Eustáquio Brito	Sônia Aparecida Araujo
Pesquisador responsável	Pesquisadora Mestranda

PROF.DR. JOSÉ EUSTAQUI DE BRITO
Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Rua Paraíba, 29- Funcionários
30130-140 - Belo Horizonte, MG - Brasil - Caixa-postal: 123
Telefone: (031) 32395900 – (031) 996660007
Fax: (031) 36624335
URL da Homepage: http://www.uemg.br
LinkdocurrículoLattes: http://lattes.cnpq.br/8417738767350749

SONIA APARECIDEA ARAUJO
Rua Paraíba, n.232. Bairro Funcionários, Belo Horizonte FaE/UEMG. Belo Horizonte, MG –Brasil.
E-mail:soniaaraujo.eng@gmail.comLinkdocurrículoLattes:http://lattes.cnpq.br/4285315276162466

CEP-UEMG-ComitêdeÉticaemPesquisa da UEMG
Cidade Administrativa Presidente Tancredio Neves
Rodovia Papa João Paulo II,4143
Ed.Minas -8° andar
Belo Horizonte –MG
Cep: 31630-900
+55(31)3916-8696/3916-8697

Documento em branco após os contatos.Impressão apenas na frente das laudas.Necessária a rubrica em cada página.

FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Membros da Comunidade Quilombola de Pinhões

Nome:
Idade:
Sexo:
Cor (de acordo com as categorias do IBGE): Branca ( ); Preta ( ); Parda ( ); Amarela
( ); Indígena ( ).
Local de Nascimento:
Tempo em que mora na Comunidade Quilombola de Pinhões:
Escolaridade:
Curso:

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM MEMBRO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PINHÕES

1. Para dar início à nossa conversa, gostaria que você falasse um pouco de seu vínculo com a Comunidade de Pinhões e contasse de sua experiência de trabalho desenvolvido na comunidade e como você percebe a relação da Escola com a comunidade quilombola de Pinhões.

2. Nossa Comunidade é muito rica em práticas diversas. Aqui se fazem presentes muitos saberes e práticas que contribuem para dar vida à Comunidade. Você pode me dizer como esses saberes e práticas são trabalhadas na escola? Como a escola tem contribuído para a afirmação e fortalecimento da cultura quilombola?

3. Desde o ano de 2012, a Educação Escolar Quilombola se configura uma modalidade de ensino. O que significa para você uma Escola Quilombola? Na sua opinião, o que a Escola da Comunidade de Pinhões tem feito para a implementara Educação Escolar Quilombola?

4. Para concluir essa nossa conversa, gostaria que você falasse um pouco sobre como você imagina o funcionamento de uma escola que tenha o compromisso de fortalecer a identidade quilombola de seus alunos.

ENTREVISTA PARA PESQUISA DE MESTRADO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

MESTRANDA: SONIA APARECIDA ARAUJO
PROFESSOR: JOSÉ EUSTÁQUIO DE BRITO
ENTREVISTADOS: PROFESSOR JOSE MARIA DE SOUZA E PROFESSORA CLEUD VALESCA SOUZA

Boa noite. Vamos iniciar nossa conversa,né, com o professor José Maria e a professora Dona Cleide .

Eu Sônia Aparecida Araújo mestranda na Faculdade de Educação de Minas Gerais estou com professor José Eustáquio de Brito nessa pesquisa sobre a interlocução dos saberes da comunidade de pinhões e a escola quilombola. Então eu vou pedir para vocês cada um se apresentar, né dizer o nome, a trajetória de vocês como membro da comunidade quem quiser começar pode começar.

Eu vou começar, meu nome é José Maria de Souza comecei o magistério com 21 anos de idade na fazenda chamada garanjanga que não é muito longe de Pinhões ,são poucos quilômetros daqui e lá permaneci durante três anos e por um capricho do destino meu caminho era de Pinhões para ir para Santa Luzia, então várias vezes eu passava de bicicleta indo de garanjanga para Santa Luzia para assistir às reuniões com dona Inês, que era minha inspetora na época, inspetora tradicional Inês Diniz e eu teria uma vez por mês que assistir as reuniões pedagógicas que eram realizadas lá, porque lá no garanjanga era uma fazenda que acolhia menores abandonados, aquelas crianças que ficavam andando lá nas ruas de Belo Horizonte e levavam para essa Fazenda. Lá elas tinham alimentação e tinha o ensino né , e o professor desses meninos era eu e em uma das vezes passando vindo de garanjanga para Santa Luzia ao parar aqui em Pinhões uma venda que tinha lá embaixo na parte baixo de Pinhões, um senhor chamado José Norberto Diniz chegou até a mim e me interrogou perguntando se eu era o professor lá do Garanjanga e falei que sim e ele perguntou se eu não teria vontade de trabalhar mais próximo de Santa Luzia uma vez que lá era bem longe e eu disse que sim e ele me perguntou se eu não teria vontade de trabalhar mais perto, pois aqui em pinhões nós estamos precisando de uma escola estadual , porque aqui tem uma municipal, mas como

os professores que trabalham aqui não tem o magistério não tem a formação de Magistério, eles têm apenas o curso primário, eles não podem expedir o diploma e as crianças daqui não tem condições de ir até Santa Luzia para estudar lá pois é muito longe naquela época não tinha ônibus e sim uma Jardineira que ia 6 horas da manhã e voltava à tarde.

Eu estava num lugar que nem Luz elétrica tinha era luz de cara Lampião e aqui já tinha luz elétrica estava melhorando para mim, disse a ele que aceitava Ele entrou em contato com a Dona Inês Gonçalves Diniz que era minha inspetora, lá já me conhecia, conhecia o meu trabalho lá no Garanjanga.

Faz parte de qual município Garanjanga?

Faz parte de Santa Luzia é pouco para lá do Convento de Macaúbas virando em Água Limpa, para lá já pertence à Taquaraçu, naquela época Dona Inês que era inspetora ela tinha uma influência com a política com secretário de educação, foi quando ele fez minha transferência para Pinhões isso acontecer 1966, aqui chegando né recebi um afeto muito grande da comunidade, pois estavam ansiosa para ter uma escola, uma escola estadual aqui porque saberiam que eles teriam uma chance de ter o seu diploma de quarta série e assim eu comecei meu trabalho aqui em Pinhões em 1966, encontrei um apoio muito grande da população, dos habitantes aqui em Pinhões que me receberam de braços abertos e juntamente com duas professoras que já exercia o cargo de Magistério, mas na municipal por que não existia Estadual ainda. A Estadual começou comigo então fizemos um trabalho aí, fizemos a seleção.

Quem era essas duas professoras? Terezinha Azevedo e Alvina Alves...

ENTREVISTA PARA PESQUISA DE MESTRADO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

MESTRANDA: SONIA APARECIDA ARAUJO
PROFESSOR: JOSÉ EUSTÁQUIO DE BRITO
ENTREVISTADOS: MARIA ELEUTERIA DUARTE SANTOS(D. LILIA)

SONIA- Boa tarde, meu nome é Sonia Aparecida Araujo, estou aqui na casa da dona Lilia, apelido carinhoso, mas o nome dela é Maria Eleutéria e ela vai falar um pouquinho para nossa pesquisa. Eus estou fazendo uma pesquisa sobre a interlocução dos saberes da comunidade e a escola e estou sendo acompanhada pelo professor José Eustáquio de Brito pela universidade UEMG. Então D.Lilia, em primeiro lugar gostaria de agradecer a senhora por estar me recebendo aqui e contribuir com essa pesquisa que entre outros objetivo, também é deixar para as crianças e jovens para que possam ao ler conhecer mais sobre a comunidade e buscar cada vez mais a efetivação da educação quilombola aqui na comunidade. Para iniciarmos gostaria que a senhora se apresentasse e falasse um pouquinho sobre sua trajetória enquanto moradora e professora aqui da comunidade, de suas ações e atitudes aqui.

DONA LILIA- Boa tarde, meu nome é Maria Eleutéria Duarte Santos,eu nasci em Ravena, mas eu sou quilombola aqui de Pinhões por que meu marido é raíz aqui de Pinhões e minha mãe também é quilombola porque é do rio vermelho, que faz parte do quilombo de Pinhões, nasci em 20 de fevereiro de 1946, fomos criados lá no Rio Vermelho , onde era uma usina que fornecia energia para Pinhões. Viemos para Pinhões porque meu pai mexia com a cemig. Não era cemig,vinha uma luz de uma fazenda do rio vermelho, depois quando entrou a cemig não precisou mais vir e eu estudava em santa luzia. Quando eu fui começar a trabalhar, comecei a trabalhar no mobral aqui ó, depois eu dei aulas em Macaúbas no Convento.

SONIA- Só cortando a senhora, no mobral a senhora trabalhou com o professor José Maria, não é?

DONA LILIA- Zé Maria e D. Terezinha Mateu, Terezinha Mateus era nossa

coordenadora da prefeitura. Depois eram aqueles meninos, coitadinhos de de 40,50 anos, velhos, inclusive quando eu comecei aqui em 72 meu marido não tinha a 4a. série, ia para a escola e aprendeu a ler praticamente comigo. Muitos tinham vergonha de ficar na escola com os meninos mais novos. Fazíamos a prova em casa. Eu tenho um grande amor por Pinhões, e como nós somos quilombolas, minha mãe mexia com panela, também do Rio vermelho e com algodão. Minha vó, tecida coisas de algodão. Minha avó, minha bisavó, que era negra e trabalhava para os fazendeiros de lá perto de, não era Engenho, era um outro nome.

SONIA- Cumbe. Eu não me lembro o nome daquela família, mas era aqueles que faziam panelas, não é D. Lilia?

DONA LILIA- é. Minha mãe falava, que minha avó coitada, trabalhava igual uma cachorra, era uma escrava. Minha mãe falava que ela ficava do lá fora com os meninos, e ela para trabalhar, pensando: a gente vai ter que vencer e ter alguma coisa…Por isso quando nós estamos aqui em Pinhões, que nós começamos a lutar pela associação, e termos o registro daqui do quilombo, eu falava: Eu não morro enquanto tudo não chegar no pé. Por que aqui em Pinhões são todos povo humilde e trabalhador, toda vida. Trabalhava de manhã para comer de noite. Minha sogra mesmo, fazia panela e saia para vender lá em Lagoa Santa, com os balaios na cabeça, Belo Horizonte, em cima de caminhão. Eu ficava com muita dó quando ela contava as histórias do povo preto daqui de Pinhões. Aí a gente foi vendo, quando eu entrei aqui na escola, eu dei aula 35 anos, inclusive de 1 a 4 série. Era relacionado, 5a. a 8a. série e segundo grau. Dei aula de Educação Artística, eu tive vontade de aprender e ensinar os meninos a fazer balaios, a gente ensinava os meninos a fazerem balaios na escola, a gente fazia na escola, fazia panelas de barro. Até agora se alguém quiser aprender já sei e posso ensinar. Os pais daqui e de macaúbas, que eram todos pretos, tinham uma história com os professores. Falavam ai minha professora!minha professora! E também em Pinhões era assim, mas foi acabando,porque chegam outras pessoas de fora e não dá valor e os meninos daqui de Pinhões, merecem e merecem. Hoje, coitados nem aula direto tem, não sabem o que é um quilombo, o que nós lutamos para eles. Ó aprender e ensinar, que a gente também aprende com os meninos, só dos sofrimentos deles que vão contando, nós aprendemos. e vou passando para os mais novos que estão chegando.

SONIA- Quando a senhora fala que os meninos não estão aprendendo. Poderia falar um pouquinho da experiência com o seu neto, da aprendizagem dele com a senhora e não na escola.

DONA LILIA- Então, não é meu neto, é meu bisneto. Ele fica aqui comigo porque estou sozinha e eu vi que ele estava com muita dificuldade de aprender e a gente aprende é vivenciando. Ai eu mostro para ele uma casinha: CASA, e ele vai falar comigo assim: mas vó essa letra aqui é o que C. e vou mostrar um monte de coisa com a letra C. cabelo, casa, etc E esse aqui? Esse é o I… tudo para que comece a aprender e de repente aprendeu a ler. Eu tenho uma tristeza aqui em Pinhões,que o povo da comunidade, porque tem muita gente que não é da raiz de Pinhões e por isso não dá valor,do que é ser quilombo. Pode até ser casado mas não quer ser quilombo, porque é preto. é branco, não tem nada a ver porque preto ou branco é raiz de quilombo. Do lado do meu marido todos eram do quilombo nasceram em Pinhões, faziam panelas eram considerados escravos. O povo daquele homem era? não era, não? Aquele povo da dona Aninha, trabalha até hoje para os povos de Naná Bahia.

Agora, no meu caso. Meus filhos casaram com pessoas que não eram daqui e tornaram quilombolas por morarem aqui e casaram com quilombolas.

A nossa escola era uma escola que vinha gente de todo lado. Dia de Mãe, tinha festa, tinha tudo para as mães. Dia 7 de setembro tinha marcha para rua a fora, os meninos marchavam com aquelas roupas verdes. Não tinham nem dinheiro para comprar pano mas faziam com papel crepom…Depois quando vinha a Festa do Rosário os meninos todos queriam vestir para dançar.. Tinha um Candombe, além do candomblé, um que eles iam nas casas pediam esmolas. chamava Maruto, batiam nas portas para receber uma esmola para ajudar. Isso faziam na festa do Divino, do Rosário. Sempre teve. Quando era no Carnaval, que vinha a quaresma no sábado da aleluia tinha a queima do Judas e os meninos ficavam todos alegres por que enchiam a barriga do Judas com balas e amendoim e estourava para eles e todo mundo ficava feliz. Os pais vinham de fora, de Macaúbas, Rio Vermelho, esses lugares todos.Os pais vinham.

SONIA- Essas vivências todas eram contadas na escola?

DONA LILIA- Tudo na escola, tudo contado. Que dia vai ser? Que dia vai ser? os meninos ficavam todos alegres. Toda vida teve comemoração, não passava uma data.

Até de carnaval. Os meninos faziam máscaras para os meninos, aqueles batucadinhas. Batiam ne latas, garrafas, eles faziam chique-chique com tampa de garrafa para fazer aqueles barulhinhos, enchiam garrafas com pedras para falar que era os chique-chique. E todo mundo brincava, todas as comemorações, eu fico triste por que hoje em dia os meninos não sabem nada, nada, pergunta alguma coisa para eles não sabem nada. Mas como eu dou catecismo para eles e vou na Igreja mostro para eles quem era Padre João de Santo Antônio, que tem o nome da Escola e foi o padre que fundou aqui nossa Igreja e até morreu aqui.

SONIA- A senhora acha que por isso a escola levou o seu nome?

DONA LILIA- É por isso, que a escola levou o nome Padre João de Santo António. A minha rua se chama Padre Jose João Nunes Moreira, que depois da época de padre João também morou aqui na casa paroquial. Nossa casa paroquial era a coisa mais linda, mas com a chegada de algumas pessoas contrárias, até padre Vicente. A casa acabou, mas também mostro os meninos,essa aqui era a casa paroquial que ficava muitos padres. Tinha duas senhoras que tomavam conta, uma chamada Clara dos Reis, apelidada de Calita, e a outra dona Margarida Azevedo, que inclusive o Centro Catequético têm o nome dela. Levei os meninos e mostrei para três meninos e falou assim: essa aqui foi sua tia bisa, irmã do seu bisavô seu Arcenio, que também foi o rei perpétuo daqui de Pinhões. Um dos primeiros reis perpétuos que tinha aqui em Pinhões.
Então se na escola, a nossa escola uma escola quilombola tem merenda boa e tudo por causa de ser um quilombo e foi registrada como quilombo, eu fico com meu coração doendo, com 76 anos,doendo de ver que os meninos não sabem nada de quilombo. Nessa trajetória deles agora coitados, não sabem nada. Eu fico triste porque a gente não tem mais condições de estar na escola. To dizendo que ninguém daqui de Pinhões tem direito de trabalhar na escola. Inventa tanta coisa e tem professores formados e não pode. Não pode trabalhar na escola porque eles não quer seguir o que é quilombo.Então eu fico numa tristeza e não gostaria de morrer sem passar para muita gente que aqui essa escola nossa é uma escola rica de tudo, inclusive o nome daqui é porque tinha uma planta chamada pinhão, todo mundo vinha pegar para fazer sabão. A diretora que entrou na escola cortou o pé que tinha na escola,os meninos nem sabem o que é pinhão. Os meninos hoje em dia nem conhecem.
SONIA- Um pé centenário, não é dona Lilia?

DONA LILIA- Então, não tem pé de pinhão na escola. Para eu arrumar uma folha do pinhão para aquele livro, que a associação reunia com os mais antigos, fizemos um livro

contando a história de Pinhões, para esse desenho tivemos que procurar em outros lugares. Acho que resta um ali embaixo. Mas foram cortados lá da escola que tinham vários pes, que ensinava os meninos o porque de Pinhões, que poderia chamar Pinhão, mas é por causa do pé de Pinhão.Os meninos ficavam todos entusiasmados querendo saber tudo. Só que agora cresceram, estudaram, foram trabalhar fora. E quem não teve o direito de trabalhar aqui, muitas pessoas formaram fizeram portugues, matemática, sociologia, biologia…querendo uma oportunidade de trabalhar aqui. Mas quem é a direção? a direção da escola não quer ninguém daqui de Pinhões trabalhando aqui, ninguém, só tem de fora. E os daqui ficam a ver navios. Ou trabalha fora e as vezes ainda passam lá para fora o porque queriam trabalhar aqui e prosseguir com a nossa comunidade.

SONIA- Como a senhora acha que a comunidade devia agir numa situação dessa para ser mais participativa, para adentrar dentro da escola, já que antigamente havia essa relação mais próxima da comunidade com a escola, e hoje parece não está mais?

DONA LILIA- Então, hoje em dia não está próxima por que a diretora não dá abertura para os pais nem para os professores.Os pais ficam tristes, eu já não tenho mais ninguém na escola, só tenho bisnetos na escola, minhas filhas trabalham fora,não trabalham aqui. Eu tenho duas filhas que têm tristeza de falar quilombo com elas , por já foram na escola, levaram tudo para trabalhar mas na hora é recusado.Então tiveram que trabalhar fora, porque aqui dentro de Pinhões não tem direito.

SONIA- Falta ação do governo também,né?

DONA LILIA- Também, porque a gente tem até pessoas que podem ajudar. Igual João Pio, que já falou que pode ajudar, mas eles não podem passar por cima da diretora, e não mora aqui. E a diretora não faz questão de ninguém daqui de Pinhões. Podia ter barracas nas festas com panelas de barro, tudo feito pelos meninos da escola. Se tivesse seguido, igual Ailton, Maria do Rosário, que é uma serviçal daqui da escola, tudo sabe fazer. Ela aprendeu a fazer com sua mae e com Vagna. Os dois meninos de Vagna aprenderam a fazer, que aprenderam na escola também ensinando os coleguinhas.

SONIA- E outros artesanatos não é?

DONA LILIA- Balaios, peneiras, cestas.. tudo isso os meninos daqui sabiam fazer.E a gente, pode fazer de palha de milho e até ilustre a gente fazia, aprendeu tudo na escola. Isso tudo eu fazia com os meninos para enfeitar. Mas agora ninguém interessa mais para

no quilombo, isto é porque só tem gente de fora, eles não interessam. Pra que vão lutar para continuar, para eles , vem trabalhar e receber o dinheiro de volta. Agora, quem quer, queria, trabalhar é gente de Pinhões mesmo. Mas não tem oportunidade e nem tem oportunidade de chegar a direção. Porque se alguém aqui chegasse a direção eu creio que nossa escola ia voltar o que era a 30 anos atrás.

SONIA- Nós já tivemos outros diretores daqui, como o professor José Maria, D. Claud,D. Esther, a primeira diretora. E nesse momento há uma diferença com o agora?

DONA LILIA- É por que antigamente, eles gostavam de continuar fazendo as mesmas festas, tinha teatros, tudo sobre o quilombo, sobre a vida dos pais mesmos. Sobre as lendas. Aqui tinha …lá embaixo na biquinha, na terra de panela. Mas muita gente daqui de Pinhões que vieram morar aqui fizeram muitos postos artesianos e secaram. Eu ainda tenho vontade de colocar pelo menos uma pessoa da minha família lá dentro que queiram seguir e inclusive tem a mãe dessa Sônia,que estou falando para ela, a tia, que faz doces. podiam estar dentro da escola, podia continuar. Aqui em Pinhões é um lugar rico, o povo todo é inteligente e tem muita vontade de fazer as coisas, mas não pode porque é barrado, é barrado. Na escola principalmente, porque é quilombo. E eles não quer saber de quilombo, eu tenho uma tristeza, tenho medo de acabar com o quilombo, mas se Deus quiser não vai acabar, não vai soninha, se Deus quiser aqui vai voltar ao tempo antigo mesmo se Deus quiser.

SONIA- A senhora que está aqui do lado de fora, como percebe essas pessoas que são quilombolas e estão dentro da escola. O que a senhora acha que está faltando para que elas façam sua parte lá dentro?

DONA LILIA- Mas as pessoas que está la dentro são poucas, e são contratadas. Que é serviçal e mais duas professoras. Ficam com medo de ser mandado embora.Eles tem medo de falar qualquer coisa. Eu já falei que enquanto não chegar dezembro não vão ser mandados embora não. Medo, falam assim: Ah dona Lilia, eu tenho medo, o que vou falar?Se precisar da gente que é velho, ir lá para a porta da escola a gente fala, não tenho medo.

Eu só queria uma oportunidade para os meninos conhecerem a história de Pinhões . Eu só queria uma oportunidade dos que estão lá dentro, poder viver e vivenciar, pois eles

sabem o que passou por eles, todos que estão lá sabem o que passou, mas não tem condições de falar, porque não tem esse programa para eles, não tem.

SONIA- A senhora falando da história, poderia me falar, se hoje a escola atraves dos professores, diretores, alunos ...a senhora sabe se ele tem procurado pessoas como a senhora, que já foi professora, tem tanta bagagem… para conhecer a história da comunidade?

DONA LILIA- Não, não vem. Tinha aí uma supervisora, que veio aqui em casa e marcou um dia comigo para eu ir contar uma história para os meninos, mas antes do dia ela saiu antes do dia, nunca mais ninguém veio perguntar nada. E sabe que todo mundo aqui de Pinhões, os professores antigos conhecem e sabe a história de Pinhões, sabem quando fundou a escola, por que, porque é quilombola. O povo que fica fora sabe e os de lá de dentro infelizmente não sabem nada. Eles vieram só para trabalhar como vão saber, não tem como passar para os meninos.Eles não sabem.

SONIA- E aí a gente corre o risco de perder a nossa história, não´é?

DONA LILIA- Já está perdendo ,praticamente,porque os meninos não sabem nem o que é quilombo. Por que que é quilombo? Outro dia tinha uns meninos lá fora que eu chamei para aprender bisqui, tricô, brinquinho e um tantos de coisas, a menina falou assim: O Lília, quilombo que eu sei é o tanto da estrada. Aí é que eu fui explicar, e as suas professoras tem que saber, pode perguntar para elas. Elas têm que saber o que é quilombo.

SONIA- E quando a senhora pergunta para o bisneto, o que ele responde?
DONA LILIA- É por causa da toca, o turbante. Eu tenho uma sobrinha que tem pouco cabelo e usa mais turbante,aí ele fala assim: Tia Janete é quilombola porque usa aqueles trem na cabeça? Não, ela é quilombola porque é do quilombo Pinhões.

SONIA- Mas falaram isso para ele? que é quilombola por causa da toca?

DONA LILIA- É uai. João fala, a tia Crécia é quilombola por causa da toca. Elas não sabem falar com os meninos.

SONIA- Estamos entrando no finalzinho e a senhora esqueceu de falar que sua mãe era benzedeira.

DONA LILIA- Era. Inclusive eu benzo. Dor de cabeça, osso destronado, mordida de bicho, hemorragia. E é fácil aprender, mamãe e vovó me ensinou.

SONIA- Coisas importantes, não é dona Lilia?

DONA LILIA-Igual no caso de olhado, a gente pega o menino e fala o nome dele, se for batizado. Se não for fala criatura de Deus. Pode benzer qualquer criação, e fala: " Criatura de Deus eu te benzo de quebranto ou de olhado, olhos maus e excomungados, com dois te puseram, eu tiro com tres. Pai, filho e espírito santo".
O padre falou que não é pecado benzer. A fé é que manda. É uma palavrinha tão pequena que tem um poder tão grande!

SONIA- Então, dona Lilia, para terminar fala para agente como a senhora imagina uma educação escolar quilo,bola, na escola quilombola aqui no quilombo de Pinhões. E quais culturas tem aqui,ou que já teve e que foi se perdendo e que pode voltar a ser praticado(a) na comunidade, Se for resgatada pela comunidade e vivenciado.

DONA LILIA- Eu acho que para resgatar teria que ter um(a) diretor(a) da comunidade e funcionários da comunidade, por que se não for, não adianta. outra coisa, quando a merenda melhorou em 2007, foi falado que por se a escola quilombola que melhorou. Agora os pais, de agora, não sabem de nada, falam assim: A diretora é boa, olha como a merenda é boa, mas não sabe que a merenda é assim por que aqui é um quilombo. Se não fosse não teria,têm muitas escolas que não é quilombola e que não tem essa merenda assim.Uma escola tem tudo, do bom e do melhor. Mas os pais acham que a diretora compra com o dinheiro dela.

SONIA- Falta mais conhecimento?

DONA LILIA- A gente tem medo de ir a casa dos pais e eles falarem assim, tá bom! prá mim tá bom. Tá bom por que não tem dever de casa, tá bom por que não obriga os

meninos estudarem, tá bom por que não obriga os meninos usarem uniforme..

SONIA- A escola não tem uniforme?

DONA LILIA- Tem uniforme, mas os que vão chegando agora não tem e ela não obriga a fazer e usar. João, tem dois tios que estudaram lá.

SONIA - Mas como é feita a identificação dos alunos?

DONA LILIA- Não tem nada de identificação, os meninos passam aqui, eu pergunto: você está na escola? que ano você está? Ninguém usa uniforme porque não tem blusa. Os que tem são os que os parentes já tinham. Tem uma moça ali em baixo, Rose, que faz blusa, mas a diretora não manda fazer.

Teve uma vez que o menino de Geisiane, de Denis Zé quebra tudo, estava perambulando aqui aí eu perguntei, o que você está fazendo aqui.Ele falou,não eu…Liguei para a escola e falei olha se tem um menino, Gabriel de Denis aí na escola. Ta aqui em casa e já mandei falar com a mãe dele. A diretora e professores nem perceberam que o menino não estava na escola a duas semanas. O que você acha disso? O que identifica os meninos é o uniforme.

SONIA- Então é isso. A senhora acha que deve continuar trabalhar para que essa escola seja da comunidade e para a comunidade?

DONA LILIA- Eu acho se eu mais algumas ex professoras desse uma aula sobre o quilombo, para os alunos. Mas será que vai pegar bem para a escola? Vai ou não?

SONIA -Sim, pode ser uma ação de outros grupos da comunidade.Para que as pessoa de fato valorize sua história, unir para lutar pelo que é direito de fato.

DONA LILIA-Inclusive antigamente tinha reuniões com os pais, mostravam como os meninos estavam. Tinha premiação de honra ao mérito para incentivar os alunos.Os alunos antigos todos conhecem a história do lugar, não é atoa que você Soninha, Cida, Thiago.. entraram na associção, não é a toa que quem entrou na associação são pessoas que estudaram aqui na escola, comigo e outros. Por que sentiram na pele a dor de está

perdendo a comunidade, perdendo a comunidade. Tem pessoas velhas que falam assim: Eu não sei nem falar, por isso eu não vou à escola. Eu falo, vai!
Aqui hoje não tem mais nem aquele negócio, que Carla participava. Como é mesmo o nome Soninha?

SONIA- O colegiado?

DONA LILIA- É. A última foi quando Carla participou.

SONIA- Quero agradecer a senhora por esse momento, por mim ficaria aqui por mais tempo ouvindo. Vou transcrever o texto e enviar para que a senhora ler e se tiver algo a acrescentar ou retirar possa ser apontado. A escrita é conjunta e tem tambem o objetivo de deixar para as gerações que vierem possam ter acesso a esse material e saber que eu, a senhora e outros contribuíram e lutaram por um futuro melhor.

DONA LILIA- Eu fico triste quando ouço alguém dizer que o quilombo acabou.

ENTREVISTA PARA PESQUISA DE MESTRADO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

MESTRANDA: SONIA APARECIDA ARAUJO
PROFESSOR: JOSE EUSTÁQUIO DE BRITO
ENTREVISTADOS: MARIA GERALDA G. CARVALHO- RAINHA PERPÉTUA DA FESTA DO ROSARIO

SONIA- Boa noite, meu nome é Sonia Aparecida Araujo, estou aqui com a senhora Maria Geralda Gonzaga, todos a conhecem como Fia ou tia Fia e ela vai falar um pouquinho para nossa pesquisa. Eu estou fazendo uma pesquisa sobre a interlocução dos saberes da comunidade e a escola e estou sendo acompanhada pelo professor José Eustáquio de Brito pela universidade UEMG. Então, em primeiro lugar gostaria de agradecer a senhora por estar me recebendo aqui e contribuir com essa pesquisa que entre outros objetivo, também é deixar para as crianças e jovens para que possam ao ler conhecer mais sobre a comunidade e buscar cada vez mais a efetivação da educação quilombola aqui na comunidade. Para iniciarmos gostaria que a senhora se apresentasse e falasse um pouquinho sobre sua trajetória enquanto moradora da comunidade, ex-aluna da escola, da vivência enquanto aluna, dos momentos presenciados das atividades da escola junto com a comunidade. A importância que tem as coisas e saberes da comunidade

FIA-Boa noite, meu nome é Maria Geralda Gonzaga Carvalho, sou moradora de Pinhões desde que nasci, em 23 de setembro de 1953, cresci aqui, fui criada com uma infância muito sofrida, Pinhões não tinha água, não tinha saneamento básico, não tinha banheiro em casa, nem fossa. A gente estudou na escola, que era muito pobre, não tinha merenda, não tinha nem filtro para colocar água para as crianças, ninguém tinha filtro. A gente buscava água na biquinha em potes de barro. E era assim, cada semana uma menina buscava a água para a escola, lavava o pote e pegava a água. A gente não tinha banheiro,os alunos faziam as necessidades atrás lá da escola ,no mato, ou então a gente já estava mocinha, usava uma fossa que tinha do lado, na casa de dona Hermínia e Ocrides. Nós saiamos da escola e ia lá na casa dela e os meninos iam no mato mesmo. Então a escola não tinha merenda e na hora do recreio, a gente com aquela fome de

manhã, quem morava perto da escola o professor deixava a gente dar uma corrida em casa para comer um mexido ou até mesmo o almoço, porque o recreio era 30 minutos.

Aí sabe, a gente cresceu assim, com aquela dificuldade, naqueles becos tudo cheio de buracos, aqueles caminhos fundos que não tinha nem jeito de uma condução passar, um carro. Para passar um caminhão tinha que cavacar para tampar os buracos. Quando eu entrei na escola só tinha até o segundo ano, depois um deputado José de Andrade, a escola foi nomeado um professor aqui para Pinhões, que era o professor José Maria de Sousa e a escola ampliou até a quarta série. Ai o que acontecia, muitos alunos e uma sala só e não cabia.

Então professor chamou os pais e pediu se cada um concordasse a pagar um tanto por mes de um lugar, foi que alugou ali onde foi o bar do Ivo, a gente estudou ali até que o Zé Maria levou essa causa para a prefeitura e o prefeito falou que ia pagar o aluguel para os pais e construir uma escola. Foi a onde construiu estas duas salas que tem aqui hoje, na escola Padre João de Santo Antonio. Ai a escola foi criada, foi criada uma lei da escola estadual e foi escolhido o nome de padre João de Santo Antonio, por que ele ajudou a construr a Igreja e a casa paroquial e morou aqui, era negro descendente lá do Morro Vermelho. Quando chegou aqui, viu a nossa história e nosso povo, mexendo com as coisas da Igreja e preparando o cruzeiro para a homenagem a Santa Cruz. E que queriam construir uma igreja em homenagem a santo Antônio, ele disse que ajudava mas queria construir a igreja e deveria ser em homenagem a nossa senhora do rosário.

Voltando lá na escola, a escola ganhou o nome de Pe, João de Santo Antônio, por isso, a prefeitura construiu duas salas. O grupo escolar Antônio de Castro que era a de lá de baixo, mas o nome da escola é estadual e ficou sendo escola combinadas Pe. João de Santo Antônio,

Depois uma outra lei foi criada e ficou Pe, João de Santo Antônio, E aí foi crescendo a escola, muitos meninos, com as demandas, mudança de prefeitos, as salas de baixo estavam muito ruins e não dava mais para usar lá embaixo e o prefeito não se interessou em reformar.Ficou só aqui em cima e construiu mais salas e aumentou o ensino. Além de ter o ensino elementar de 1 a 4 série, teve o 5 a 8 série, e tinha aula à noite e muitas mães teve a oportunidade de concluir o ensino fundamental, com a escola da noite. Em alguns anos teve o abaixo assinado para criar o segundo grau, porque muitos faziam o fundamental aqui e ia para estudar o segundo grau em Santa Luzia nas escolas estaduais, mas era dificil achar vagas. Então foi criado segundo grau em anexo de uma escola de Santa luzia, E.E. José Maria Bicalho, foi onde ampliou o ensino do segundo

grau, a EJA também, onde eu com 70 anos, fazendo meu segundo grau.

Quando chegou o censo de 2007 a nossa escola foi reconhecida, a nossa comunidade foi reconhecida como remanescente quilombola. A escola foi cadastrada como quilombola, aí a verba aumentou para a merenda, a comunidade passou a ficar mais informada sobre seus direitos e foi onde nós resolvemos criar a associação das mulheres. A associação cultural das mulheres quilombola.Antes a escola participava da nossa comunidade. Igual tinha festinha dos dias das mães, auditórios, sete de setembro, festa junina e a comunidade era convidada a participar. Na época da páscoa os alunos faziam a pascoa, na escola já teve missa e hoje não tem mais, hoje ficou separada dos acontecimentos das coisas da comunidade. Dos acontecimentos da comunidade. Tem muitos alunos que participam da Guarda de Nossa senhora do Rosário, que é uma guarda respeitada na comunidade, uma entidade forte que nós temos que iniciou na década de 46 e até hoje aí esta.

As crianças precisam entender participar por que essa guarda, por que foi criada na nossa comunidade. A Gente vê muitas histórias, foi criado um documento, Mas só que muitos jovens,assim, muitos jovens que participaram das famílias mudaram de religião, criticam,né? Essa guarda, igual a nossa gestão atual, não é muito chegado,né? Houve crítica na escola que o congado faz parte de umbanda, macumba mas não tem nada a ver. Por que o congado de nossa senhora do rosário, para ele poder participar,para assumir o compromisso, o Dom João Resende pediu, exigiu a presença da guarda para ele poder saber como o meu tio Reduzindo que era o mestre do congado. Faleceu aos 80 anos e me contou todas as histórias. Foi lá em casa e falou comigo: Eu quero que você escreva tudo que vou contar, por que precisa ter isso, precisa ter essa escrita para ta ensinando para os jovens que vão vir, para eles assumir o mesmo que nós estamos assumindo. Eu estou na guarda desde os 8 anos e quando eu for embora eu quero que os jovens assumam.era a guarda de Pinhões. E ele autorizou que podia comemorar os festejos a nossa senhora, segundo o sr. Onofre e Reduzindo. E Dom Serafim, quando veio a Macaúbas, pediu a presença da guarda e poder ver a dança, o uniforme, os instrumentos. E concordou com a presença da guarda nos festejos a nossa senhora e que todas as vezes que precisasse poderia estar apresentando.

Então a gente sente muito que muitas crianças não sabem o que é o congado, não sabe o que é ser quilombola, o que é um quilombo, porque as pessoas tem resistência de não falar para eles. Acham que ser quilombola tem que ser só preto, do cabelo ruim, mas não é. Então, nossa descendência,sim. Temos raízes no cemitério dos escravos da

fazenda das Bicas. Onde acontece a missa no dia 02 de novembro, aí colocam os nomes dos escravos enterrados ali e tem o nome de escravos de Pinhões e também do Fecho enterrados lá. Que eram escravos da Fazenda das Bicas. Sem contar outros cemitérios que por falta de cuidados desapareceram. Hoje estamos batalhando e lutando contra esse projeto do Rodoanel, para que não destrua o cemitério, que não seja construído praças perto. Isso para mostrar para as crianças. Igual às vezes tem uma turma de crianças e a gente pergunta, você é quilombola? Alguns respondem: Eu não, minha mãe falou que não é para eu falar que sou quilombola, minha mãe ,meu pai não é quilombola. Mas olhando lá atrás os avós, tataravós, fizeram parte desta escola e comunidade. A gente se preocupa muito.

Os saberes, muita coisa que a gente aprendeu.Eu falo assim, desde o nascimento de uma criança. Os saberes de uma comunidade quilombola. As crianças todas de Pinhões foram nascidas em casa, eu mesma sou a mais velha de sete irmãos, todos nasceram em casa. A gente escutava o movimento, aquele cheiro de arruda dentro de casa. O umbigo da criança era curado com azeite de mamona e pó de arruda, e a criança enquanto não fizesse sete dias não saia do quarto. Ninguém podia visitar,por causa do mal de sete dias. A gente ficava estes dias todos sem ver a mãe porque não podia ir ao quarto. Era os saberes da comunidade. A parteira não deixava de ir enquanto o umbigo não caia. Às vezes acontecia de uma criança passar mau, então corria em Macaúbas para batizar às pressas para não correr o risco de morrer pagã. Outro saber é das plantas, chás…

ENTREVISTA PARA PESQUISA DE MESTRADO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

MESTRANDA: SONIA APARECIDA ARAUJO
PROFESSOR: JOSÉ EUSTÁQUIO DE BRITO
ENTREVISTADA: EX-PROFESSORA DA E. E. PE. JOÃO DE SANTO ANTONIO
MARIA APARECIDA DOS SANTOS CARVALHO (CIDA)

SONIA - Boa noite, meu nome é Sônia Aparecida Araújo, estamos aqui na residência da Maria Aparecida, gostaria de agradecer primeiramente por ter me recebido e por ter aceitado contribuir para minha pesquisa, cujo título é "A Intelocução entre os saberes do Quilombo de Pinhões, a história da comunidade e a escola". Sou mestranda pela UEMG, tendo acompanhamento do Professor José Eustáquio de Brito, eu gostaria para a gente iniciar essa conversa que você falasse um pouco do seu envolvimento com a comunidade, a sua experiência enquanto professora e como você percebe na comunidade quilombola e a escola.

CIDA- Soninha, quando eu iniciei o Magistério não tinha muita opção, só tinha o magistério e o científico e pensando assim: o científico era à noite, o magistério era de manhã. Ah! vou fazer magistério, porque nós não temos ônibus né ? era só um ônibus de manhã , aí íamos 5:30 da manhã para estudar e as aulas as 7 horas.

E aí fomos estudando,estudando...fazia muito frio. Dona Alvina era professora em Macaúbas, fiz estágio e comecei a trabalhar com ela. E a primeira vez que eu trabalhei foi com educação religiosa.

Voltando um pouquinho o estádio com a dona Alvina era naquela sala multisseriada ,não é isso mesmo? quatro filas na sala: para primeiro, segundo, terceiro e quarto. Para as quatro séries. Eu fiz estágio tudo lá e comecei a trabalhar com educação religiosa aqui na escola, eu era bem nova, eu tinha 22 anos. Dei aula para aluno mais velho do que eu e eu tinha vergonha. Era à noite, só Colégio, que iniciou em 1985 eu acho daquele ano para cá eu não parei mais, trabalhei com a disciplina de cerâmica, moral e cívicas e era uma aula por semana de 50 minutos, uma turma só porque a escola era pequena, depois eu comecei e entrei no ensino fundamental e trabalhei com a terceira série, tive a experiência de trabalhar no mesmo lugar que eu fiz estágio em Macaúbas,

fui professora das quatro turmas. Era professora, diretora e tudo, tinha que fazer tudo. Muito difícil trabalhar, mas os meninos respeitavam a gente demais, respeito mesmo!

Aqui também trabalhei, os meninos não é igual hoje, respeitava a gente. Ganhava presentes e mais presentes, não respondiam. Depois aqui na comunidade trabalhei uns 18 anos, fui para fora porque chegou efetivo, nisso efetivei também, passei no concurso e tudo, fui para a Escola Tancredo Neves. Depois do Tancredo fui para o Cristina, no Murgi e do Murgi vim para cá onde afastei, né, em 2013 e até hoje sou afastada, não sou aposentada.

SONIA- É mesmo?

CIDA - A minha aposentadoria não saiu.

CIDA – Aí menina, eu sei que foi muito bom minha experiência como professora aqui, trabalheii com a áreas quilombolas, trabalhei com vários projetos. Visitamos as paneleiras, agente trazia as argilas para dentro da escola...

SONIA- Então você falou comigo que você ficou até 2013, em 2010 a escola foi reconhecida, né? Mas você já trabalhava com as coisas do quilombo?

CIDA- Sim, eu gostava de trabalhar essas vivências da Comunidade, a supervisora era Patrícia, não sei se você conhecia, mas ela era muito autêntica. Nós trabalhávamos com vários projetos, visitamos as paneleiras, levava argila para sala de aula, para que os meninos tivessem contato com argila; visitava as hortas, inclusive a de papai. Tem até foto, foram ver como era a horta viram como é e depois fizemos a horta na escola , eu mesma fiz com eles.Eu lembro dessas hortas na escola e os meninos adoravam cada dia um era responsável para olhar, quem tinha esterco levava pra colocar nos canteiros. Também minha filha tinha os projetos que a gente trabalhava com os penteados, quem sabe fazer trança,né? Músicas, tudo isso tinha apresentação. E essa apresentação era sempre na hora do recreio, os meninos amava, amava mesmo!

SONIA- Estou ouvindo isso e pensando que naquela época que você estava trabalhando eram mais professores da comunidade trabalhando lá.

CIDA- Era só da comunidade, eu, Janete, Aparecida...

SONIA- Dona Maria, aqui, também estava?

CIDA- Não. Maria não é da minha época, trabalhava no colégio no fundamental. Mas era assim: uma escola viva, ficava assim ó! Cê tinha que ver. Os povos chegavam na minha sala, da Superintendência. Tenho saudade do cantinho da leitura na minha sala, todos os dias eu chegava, porque todos os dias cada um cada um já sabia ia pegar seu livro e cada um pegava o seu livro e levar para casa, para ler. Trabalhava de todos os

jeitos, trabalhava em grupo, né. E os meninos terminava, as atividades não faziam bagunça, já sabiam iam para o cantinho de leitura, lá ficavam as cadeiras. Eram grupos de 4, de 6, sabe? vai ficar juntinho para as leitura e eu falava assim: anotava menino por menino ,aluno por aluno, que tava valendo ponto por mês e eu premiava, tinha que fazer o reconto, como eu ia saber se ele leu ou não, eles chegavam tinha hora de fazer o círculo e cada um ia lá apresentar o livro que lia, nessa época já era a Paola e ela me dava os brindes, lápis, caderno,borracha... prêmio bobinho. As vezes eu comprava um dominó, eles amava o incentivo, eles iam com prazer para escola.

SONIA- Não tinha muita evasão, não?

CIDA- Tinha não, inclusive aquela prova do governo, esqueci o nome. Minha filha as notas eram boas a escola foi destaque. Eles vinham entravam na escola, cobravam, queria coisas novas.

SONIA- Agente trabalhava a noite, mas sabia tudo o que estava acontecendo no turno da manhã.

CIDA- Tinha visita e mais visita da Superintendência mesmo, agora que eu acho que não têm. Eles queriam ver coisas novas dentro da sala, então forçava a gente até sem querer. Então dentro da sala eu fazia muitas coisas, tinha muitas brincadeiras não era só com cantinho de leitura, com as brincadeiras aprendiam por exmplo multiplicação, com o papel Craft eu fazia amarelinha, e vários jogos dentro da sala com os meninos e eles faziam, sabe? jogos e eles amavam. Inclusive Soninha meus alunos gostam muito de mim e na minha sala não era bagunçada, não, eu podia ir lá fora e voltar não tinha bagunça, não.

Agora, hoje eu não sei como está.

SONIA- As vivencias de fora, também estava lá dentro, eu lembro muito da feira de Cultura.

CIDA- A feira de cultura foi muito bom.

SONIA- Você considera que naquela época as práticas da comunidade estavam mais presente na escola?

CIDA- Estava ué, estava muito, a gente fazia coisas que chamava a atenção dos pais e eles iam, eu falava: meu Deus do céu! Eu ficava olhando o Caique, fez um teatro e eu fiquei boba,sabe? As vezes eles não eram bom nas matérias mas era bom em fazer uma outra coisa, muito bonita. Gente esse menino tem futuro. Os pais iam. Já teve corte de cabelo, nós chamamos quem cortava cabelo, da própria Comunidade. E hoje olha para você ver, inclusive alunos nossos lá, hoje são profissionais.

Olha o Pablo, corta cabelo, estava lá. Tamires é trancista. Igual nós temos muitos alunos conseguiram passar no UFMG formaram lá e são formados em faculdade. Temos psicólogo, Engenharia e outras profissões e saíram daqui da escola simples, é uma escola pobre, mas que tem futuro. Deu fruto.

CIDA- Estou tentando lembrar aqui aquele cantor que veio cantar. Qual é o nome dele mesmo?

SONIA- É Tom Nascimento, é filho da cidade também.

CIDA- Quando ele veio, Nossa Senhora! Ele veio aqui, Thamires hoje é trancista dele. Aluna nossa.

SONIA- Falando dessas práticas, Cida, e essa inserção dentro da escola. Eu me lembro bem, fala um pouquinho desse congado que tem muitos alunos dentro da escola que é congadeiros. E passou aqui na minha cabeça quando os alunos iam para as celebrações.

CIDA- Essa época eu andava muito apertada, porque eu tinha que ir com eles na novena e eles achavam que o professor de ensino religioso,o diretor achava que o professor que tinha que tomar a frente. Eu tomava frente, a gente fazia sempre, sempre. Ficava de frente e os meninos participavam, tinham Congado e muitos alunos que participava do Congado.

SONIA- Então você acha importante que essas vivências da comunidade sejam retratadas, trabalhadas. Não só a dança do Congado, da capoeira mas a comida ...

CIDA- Sim, a gente levava até para as feiras, né? A comida ia para a escola, justamente, teve a feira de Cultura. Aqui tem a comida, o povo fala: Comida de Pinhões, e também muitas são as cozinheiras tem o tutu, a macarronada e o frango é o tradicional é o tradicional que todo mundo fala que é a comida de Pinhões, em todas as festas tem essa comida.

SONIA- Você lembra da merenda?

CIDA- Eu lembro, eu falei que quando eu estudava lá naquela escola que tinha uma sala que era separada, separado da escola, que é o antigo Grupo perto das paneleiras. A gente na época tinha que trazer, cada um tinha que trazer um legume, recolhendo os legumes. A bacia passava para fazer a sopa e depois os outros. Nossa a gente tinha que subir para merendar e esse trajeto todo mundo ia e voltava e ninguém dispersava só vim merendar. Merendava e chegava na hora certinho. Que tempo bom, né ? tempo que tinha o mingau também...

Vou falar com você, eu lembro que era uma sopa muito boa, tinha um mingau que era interessante porque o governo não dava legumes, não, então e a gente era muito pobre a

gente não tinha os legumes as vezes e levava uma batata,uma cenoura, uma couve, cebolinha era só isso e muitas vezes era trazido da própria horta de casa. Com certeza da própria horta da casa, da comunidade não é? Então aí nós estamos falando dos saberes.

SONIA- Você já falou bem como você trabalhava essas práticas da comunidade, saberes dentro da escola você acha que isso contribuiu para o fortalecimento da Comunidade?Principalmente no finalzinho que você estava lá na escola?

CIDA- Eu acho que contribui muito, porque deu direitos para comunidade, eu acho que até assim para estudar uma chance para estudar. Tem uma cota não tem? **SONIA-** Existe a cota, não é privilégio. Tem uma porcentagem dentro daquelas vagas direcionadas para os quilombolas, indígenas e isso não quer dizer que eles não tem que estudar, porque a prova é a mesma. Mas como ajudou.

CIDA- E como tem ajudado principalmente aqui, né? A pessoa, não podemos ter vergonha de ser quilombola, tem muitas pessoas que têm ainda, né? Quilombola, acha que é escravo, né? aí a pessoa fica com vergonha mas não pode. Tem que aprender valorizar principalmente os nossos antepassados que de fato passaram muitas coisas para que nós chegasse até hoje com muita luta para ser reconhecido e às vezes por falta de conhecimento que as pessoas sente medo vergonha.

SONIA- Hoje, nos dias de hoje o que você acha? a sua opinião o que escola da comunidade tem feito para implementar, fazer com que a educação quilombola aconteça? você acha que tá acontecendo? A maioria dos alunos não estuda aqui, né ? o que leva eles sair daqui, deixar a escola?

CIDA- Eu acho, Soninha que às vezes no meu modo de pensar esses pais que leva esses meninos lá fora, eles não dão valor a escola nossa. Nossa escola,tão boa se ela não fosse tão boa, o mesmo ensino é lá também. As pessoas leva pela beleza, né? é uma das coisas pensar, né? pagando passagem. Mas era muito bom, eu não sei como estão hoje os profissionais, considerado que a maioria dos professores que não são quilombola, que vem para a comunidade. A gente trabalhava com amor mesmo, Soninha, dinheiro não. a gente tinha preocupação, a gente conhecia a vida do menino a gente conhecia a família toda e cada um sem querer conhece a vida todo mundo aqui. Que a comunidade é pequena. Lembro que tinha uma menina ali que na fila sete anos e pouco que chegou a desmaiar de fome, eu com professor de inglês, o que eu nem pensava, vai morrer de fome que passava em casa,vinha a escola, aqui comer a Deus! eu fico vendo esse menino que eu pensava que ia morrer ,homem formado e não foi

uma nem duas vezes que eu acompanhei meninos.... professor hoje,não faz isso não. Acabou, acabou, a gente era de verdade igual mãe para eles, eu dei aula para um menino uma vez ele caiu que Ai meu Deus quebrou o braço eu não tinha essa obrigação mas eu acompanhei para Hospital São João de Deus lá eu fiquei do lado dele o tempo todo,o diretor não acompanhava não.

Ver o quanto nós somos importantes, questões que a gente faz com amor às vezes eu passo em algum lugar na Avenida Brasília, tô vendo alguém me chamando.Tá lembrando de mim? não isso é muito importante mesmo .

SONIA- Nós já estamos finalizando e para concluirmos gostaria que você em poucas palavras falasse sobre como você imagina que deve ser o funcionamento da Escola Quilombola, que tenha o compromisso de fortalecer as identidades, as raízes, os saberes da comunidade para seus alunos.

CIDA- No meu modo de pensar, ainda mais que não estou lá, né? Eu imagino assim uma que cê leve mesmo, que desenvolva os projetos, que leve para dentro da escola a cultura, mostre para eles a importância dos projetos a ser desenvolvidos, igual eu te falei, os cortes de cabelos, os penteados...que seja uma escola autentica,dinâmica, que tenham umas aulas assim na prática, que ensinem a eles o profissionalismo. Porque as vezes e lá de dentro da escola possa sair uma pessoa que vai cuidar do seu próprio cabelo, ganhar seu próprio dinheiro. Por exemplo também bordadeira, a comida, tem muita coisa que podemos falar. Que seja uma escola Viva! Dinâmica, que trabalha mesmo. Que não fique lá só no quadro, sabe? Teoria, teoria.. escreve, escreve, sabe? Tem que ter prazer de estudar que sai de casa para estudar e tem que mudar e a gente que é professor acredita, quando eu fiz a minha mamografia eu fiz sobre o lúdico aprender brincando.

SONIA- Você falou muito do turno da noite, acha importante que ele volte a acontecer?

CIDA- Com certeza mas aí aqui, isso é que a comunidade precisa desse turno da noite para dar oportunidade não só os alunos, mas a muitos pais porque tem muitos pais aí trabalho né? Que gostaria de estudar. Soninha eu acho que tem que ter pelo menos experiência de um ano, porque eu creio que vai aparecer né? falar assim: ah! não tem, sem tentar. Tem que tentar, falar que é perigoso,todo lugar tem perigo e está funcionando por Santa Luzia a fora. Estudar fora à noite é difícil, só que não tem condições e às vezes tem muitos pais doidos para voltar estudar, mais para manter dois é difícil. Tudo está tão difícil, né Soninha? Com estudo está difícil e sem ele pior

ainda.Os meninos tem que ter o prazer de estudar, isso tem que mudar.

SONIA- Há um distanciamento ainda maior, entre quem pode e que não pode.

SONIA- Tem mais alguma coisa Cida que você escreveu nesse seu caderninho, que queria falar ?

CIDA- Eu acho que já falei, escrevi tá, tudo aí.

CIDA – Falei de preconceito?

SONIA- Não.

SONIA- Você já vivenciou alguma situação, na escola assim?

CIDA – Tem muita criança que sente discriminada,Soninha.

SONIA- E como que o professor dentro da comunidade quilombola pode trabalhar essa questão?

CIDA – É muito difícil, porque o bullying está aí de mais, as vezes tem uma criança gordinha, sofre lá. O professor tem que ter um jogo de cintura para trabalhar com esses meninos assim.

SONIA- Você acha que muitas vezes...

CIDA – As vezes tem meninos que sofre preconceito até com o tipo de roupa, não é só aqui na comunidade todas as escolas tem. Vivenciei isso, trabalhando eles vão de certa forma consegui de alguma forma se valorizar.

Os meninos que são gordinhos, eles não querem brincar na hora do recreio isola encostado no muro, o professor tem que ver isso e chamar: vem brincar aqui, chamar o menino para entrar tá lá , porque ele ´tá lá no canto. Aí está a figura o professor , principalmente os gordinhos sofrem de verdade ,as pequena, eles não tem noção. Lembro na escolinha que menina branquinha aí a outra Negra, a branquinha na hora do recreio não dava a mão mesmo a coleguinha negra, isso aqui na comunidade, em circo para brincar aí o que a gente fazia, colocava sempre elas do lado, no grupo. E fomos trabalhando pois elas ficaram amigas, ela ia para casa da outra ela. A branquinha chorava quando a mãe não deixava a colega ir ,nós trabalhamos sem elas nem perceber. A colega não dava a mão por causa da cor dela.

SONIA- Por isso tem que ser trabalhado, né Cida? Isso é muito importante.

CIDA – Porque senão eles vão crescendo assim, sem ninguém podar.E aí dá uma pessoa ruim. Porque acontece esses crimes bárbaros? Aí a gente vê aluno matando... porque não trabalhou desde criança, se trabalhar desde criança não acontece isso. Essa menina, essa menina, não dava a mão a outra e houve mudança, elas ficaram amigas e pequenininhas e a mãe tinha que passar na casa dela para brincar um pouquinho com ela

ficava brincando com a negra.

SONIA- Então Cida, como eu te disse, depois vou trazer para você a escrita ,você vai ler e aí o que achar que tem que ser tirado ou acrescentado você me fala. Para a gente poder finalizar o texto e enviar, se lembrar de alguma coisa pode mandar que eu tô aqui para gente poder construir juntos e dialogando sobre a importância da educação.Agradeço.

CIDA- Eu também gostei muito.

ENTREVISTA COM MARIA ELEUTERIA
MESTRANDA: SONIA APARECIDA ARAUJO
PROFESSOR: JOSÉ EUSTÁQUIO DE BRITO

SONIA- Boa tarde, meu nome é Sonia Aparecida Araujo, estou aqui na casa da dona Lilia, apelido carinhoso, mas o nome dela é Maria Eleutéria e ela vai falar um pouquinho para nossa pesquisa. Eus estou fazendo uma pesquisa sobre a interlocução dos saberes da comunidade e a escola e estou sendo acompanhada pelo professor José Eustáquio de Brito pela universidade UEMG. Então D.Lilia, em primeiro lugar gostaria de agradecer a senhora por estar me recebendo aqui e contribuir com essa pesquisa que entre outros objetivo, também é deixar para as crianças e jovens para que possam ao ler conhecer mais sobre a comunidade e buscar cada vez mais a efetivação da educação quilombola aqui na comunidade. Para iniciarmos gostaria que a senhora se apresentasse e falasse um pouquinho sobre sua trajetória enquanto moradora e professora aqui da comunidade, de suas ações e atitudes aqui.

DONA LILIA- Boa tarde, meu nome é Maria Eleutéria Duarte Santos,eu nasci em Ravena, mas eu sou quilombola aqui de Pinhões por que meu marido é raíz aqui de Pinhões e minha mãe também é quilombola porque é do rio vermelho, que faz parte do quilombo de Pinhões, nasci em 20 de fevereiro de 1946, fomos criados lá no Rio Vermelho , onde era uma usina que fornecia energia para Pinhões. Viemos para Pinhões porque meu pai mexia com a cemig. Não era cemig,vinha uma luz de uma fazenda do rio vermelho, depois quando entrou a cemig não precisou mais vir e eu estudava em santa luzia. Quando eu fui começar a trabalhar, comecei a trabalhar no mobral aqui ó, depois eu dei aulas em Macaúbas no Convento.

SONIA- Só cortando a senhora, no mobral a senhora trabalhou com o professor José Maria, não é?

DONA LILIA- Zé Maria e D. Terezinha Mateu, Terezinha Mateus era nossa coordenadora da prefeitura. Depois eram aqueles meninos, coitadinhos de de 40,50 anos, velhos, inclusive quando eu comecei aqui em 72 meu marido não tinha a 4a. série, ia para a escola e aprendeu a ler praticamente comigo. Muitos tinham vergonha de ficar na escola com os meninos mais novos. Fazíamos a prova em casa. Eu tenho um grande

amor por Pinhões, e como nós somos quilombolas, minha mãe mexia com panela, também do Rio vermelho e com algodão. Minha vó, tecida coisas de algodão. Minha avó, minha bisavó, que era negra e trabalhava para os fazendeiros de lá perto de, não era Engenho, era um outro nome.

SONIA- Cumbe. Eu não me lembro o nome daquela família, mas era aqueles que faziam panelas, não é D. Lilia?

DONA LILIA- é. Minha mãe falava, que minha avó coitada, trabalhava igual uma cachorra, era uma escrava. Minha mãe falava que ela ficava do lá fora com os meninos, e ela para trabalhar, pensando: a gente vai ter que vencer e ter alguma coisa…Por isso quando nós estamos aqui em Pinhões, que nós começamos a lutar pela associação, e termos o registro daqui do quilombo, eu falava: Eu não morro enquanto tudo não chegar no pé. Por que aqui em Pinhões são todos povo humilde e trabalhador, toda vida. Trabalhava de manhã para comer de noite. Minha sogra mesmo, fazia panela e saia para vender lá em Lagoa Santa, com os balaios na cabeça, Belo Horizonte, em cima de caminhão. Eu ficava com muita dó quando ela contava as histórias do povo preto daqui de Pinhões. Aí a gente foi vendo, quando eu entrei aqui na escola, eu dei aula 35 anos, inclusive de 1 a 4 série. Era relacionado, 5a. a 8a. série e segundo grau. Dei aula de Educação Artística, eu tive vontade de aprender e ensinar os meninos a fazer balaios, a gente ensinava os meninos a fazerem balaios na escola, a gente fazia na escola, fazia panelas de barro. Até agora se alguém quiser aprender já sei e posso ensinar. Os pais daqui e de macaúbas, que eram todos pretos, tinham uma história com os professores. Falavam ai minha professora!minha professora! E também em Pinhões era assim, mas foi acabando,porque chegam outras pessoas de fora e não dá valor e os meninos daqui de Pinhões, merecem e merecem. Hoje, coitados nem aula direto tem, não sabem o que é um quilombo, o que nós lutamos para eles. Ó aprender e ensinar, que a gente também aprende com os meninos, só dos sofrimentos deles que vão contando, nós aprendemos. e vou passando para os mais novos que estão chegando.

SONIA- Quando a senhora fala que os meninos não estão aprendendo. Poderia falar um pouquinho da experiência com o seu neto, da aprendizagem dele com a senhora e não na escola.

DONA LILIA- Então, não é meu neto, é meu bisneto. Ele fica aqui comigo porque estou sozinha e eu vi que ele estava com muita dificuldade de aprender e a gente aprende é vivenciando. Ai eu mostro para ele uma casinha: CASA, e ele vai falar comigo assim: mas vó essa letra aqui é o que C. e vou mostrar um monte de coisa com a letra C. cabelo, casa, etc E esse aqui? Esse é o I… tudo para que comece a aprender e de repente aprendeu a ler.

Eu tenho uma tristeza aqui em Pinhões,que o povo da comunidade, porque tem muita gente que não é da raiz de Pinhões e por isso não dá valor,do que é ser quilombo. Pode até ser casado mas não quer ser quilombo, porque é preto. é branco, não tem nada a ver porque preto ou branco é raiz de quilombo. Do lado do meu marido todos eram do quilombo nasceram em Pinhões, faziam panelas eram considerados escravos. O povo daquele homem era? não era, não? Aquele povo da dona Aninha, trabalha até hoje para os povos de Naná Bahia.

Agora, no meu caso. Meus filhos casaram com pessoas que não eram daqui e tornaram quilombolas por morarem aqui e casaram com quilombolas.

A nossa escola era uma escola que vinha gente de todo lado. Dia de Mãe, tinha festa, tinha tudo para as mães. Dia 7 de setembro tinha marcha para rua a fora, os meninos marchavam com aquelas roupas verdes. Não tinham nem dinheiro para comprar pano mas faziam com papel crepom…Depois quando vinha a Festa do Rosário os meninos todos queriam vestir para dançar.. Tinha um Candombe, além do candomblé, um que eles iam nas casas pediam esmolas. chamava Maruto, batiam nas portas para receber uma esmola para ajudar. Isso faziam na festa do Divino, do Rosário. Sempre teve. Quando era no Carnaval, que vinha a quaresma no sábado da aleluia tinha a queima do Judas e os meninos ficavam todos alegres por que enchiam a barriga do Judas com balas e amendoim e estourava para eles e todo mundo ficava feliz. Os pais vinham de fora, de Macaúbas, Rio Vermelho, esses lugares todos.Os pais vinham.

SONIA- Essas vivências todas eram contadas na escola?

DONA LILIA- Tudo na escola, tudo contado. Que dia vai ser? Que dia vai ser? os meninos ficavam todos alegres. Toda vida teve comemoração, não passava uma data. Até de carnaval. Os meninos faziam máscaras para os meninos, aqueles batucadinhas. Batiam ne latas, garrafas, eles faziam chique-chique com tampa de garrafa para fazer aqueles barulhinhos, enchiam garrafas com pedras para falar que era os chique-chique.

E todo mundo brincava, todas as comemorações, eu fico triste por que hoje em dia os meninos não sabem nada, nada, pergunta alguma coisa para eles não sabem nada. Mas como eu dou catecismo para eles e vou na Igreja mostro para eles quem era Padre João de Santo Antônio, que tem o nome da Escola e foi o padre que fundou aqui nossa Igreja e até morreu aqui.

SONIA- A senhora acha que por isso a escola levou o seu nome?

DONA LILIA- É por isso, que a escola levou o nome Padre João de Santo António. A minha rua se chama Padre Jose João Nunes Moreira, que depois da época de padre João também morou aqui na casa paroquial. Nossa casa paroquial era a coisa mais linda, mas com a chegada de algumas pessoas contrárias, até padre Vicente. A casa acabou, mas também mostro os meninos,essa aqui era a casa paroquial que ficava muitos padres. Tinha duas senhoras que tomavam conta, uma chamada Clara dos Reis, apelidada de Calita, e a outra dona Margarida Azevedo, que inclusive o Centro Catequético têm o nome dela. Levei os meninos e mostrei para três meninos e falou assim: essa aqui foi sua tia bisa, irmã do seu bisavô seu Arcenio, que também foi o rei perpétuo daqui de Pinhões. Um dos primeiros reis perpétuos que tinha aqui em Pinhões.

Então se na escola, a nossa escola uma escola quilombola tem merenda boa e tudo por causa de ser um quilombo e foi registrada como quilombo, eu fico com meu coração doendo, com 76 anos,doendo de ver que os meninos não sabem nada de quilombo. Nessa trajetória deles agora coitados, não sabem nada. Eu fico triste porque a gente não tem mais condições de estar na escola. To dizendo que ninguém daqui de Pinhões tem direito de trabalhar na escola. Inventa tanta coisa e tem professores formados e não pode. Não pode trabalhar na escola porque eles não quer seguir o que é quilombo.Então eu fico numa tristeza e não gostaria de morrer sem passar para muita gente que aqui essa escola nossa é uma escola rica de tudo, inclusive o nome daqui é porque tinha uma planta chamada pinhão, todo mundo vinha pegar para fazer sabão. A diretora que entrou na escola cortou o pé que tinha na escola,os meninos nem sabem o que é pinhão. Os meninos hoje em dia nem conhecem.

SONIA- Um pé centenário, não é dona Lilia?

DONA LILIA- Então, não tem pé de pinhão na escola. Para eu arrumar uma folha do pinhão para aquele livro, que a associação reunia com os mais antigos, fizemos um livro

contando a história de Pinhões, para esse desenho tivemos que procurar em outros lugares. Acho que resta um ali embaixo. Mas foram cortados lá da escola que tinham vários pes, que ensinava os meninos o porque de Pinhões, que poderia chamar Pinhão, mas é por causa do pé de Pinhão.Os meninos ficavam todos entusiasmados querendo saber tudo. Só que agora cresceram, estudaram, foram trabalhar fora. E quem não teve o direito de trabalhar aqui, muitas pessoas formaram fizeram portugues, matemática, sociologia, biologia…querendo uma oportunidade de trabalhar aqui. Mas quem é a direção? a direção da escola não quer ninguém daqui de Pinhões trabalhando aqui, ninguém, só tem de fora. E os daqui ficam a ver navios. Ou trabalha fora e as vezes ainda passam lá para fora o porque queriam trabalhar aqui e prosseguir com a nossa comunidade.

SONIA- Como a senhora acha que a comunidade devia agir numa situação dessa para ser mais participativa, para adentrar dentro da escola, já que antigamente havia essa relação mais próxima da comunidade com a escola, e hoje parece não está mais?

DONA LILIA- Então, hoje em dia não está próxima por que a diretora não dá abertura para os pais nem para os professores.Os pais ficam tristes, eu já não tenho mais ninguém na escola, só tenho bisnetos na escola, minhas filhas trabalham fora,não trabalham aqui. Eu tenho duas filhas que têm tristeza de falar quilombo com elas , por já foram na escola, levaram tudo para trabalhar mas na hora é recusado.Então tiveram que trabalhar fora, porque aqui dentro de Pinhões não tem direito.

SONIA- Falta ação do governo também,né?

DONA LILIA- Também, porque a gente tem até pessoas que podem ajudar. Igual João Pio, que já falou que pode ajudar, mas eles não podem passar por cima da diretora, e não mora aqui. E a diretora não faz questão de ninguém daqui de Pinhões. Podia ter barracas nas festas com panelas de barro, tudo feito pelos meninos da escola. Se tivesse seguido, igual Ailton, Maria do Rosário, que é uma serviçal daqui da escola, tudo sabe fazer. Ela aprendeu a fazer com sua mae e com Vagna. Os dois meninos de Vagna aprenderam a fazer, que aprenderam na escola também ensinando os coleguinhas.

SONIA- E outros artesanatos não é?

DONA LILIA- Balaios, peneiras, cestas.. tudo isso os meninos daqui sabiam fazer.E a gente, pode fazer de palha de milho e até ilustre a gente fazia, aprendeu tudo na escola. Isso tudo eu fazia com os meninos para enfeitar. Mas agora ninguém interessa mais para no quilombo, isto é porque só tem gente de fora, eles não interessam. Pra que vão lutar para continuar, para eles , vem trabalhar e receber o dinheiro de volta. Agora, quem quer, queria, trabalhar é gente de Pinhões mesmo. Mas não tem oportunidade e nem tem oportunidade de chegar a direção. Porque se alguém aqui chegasse a direção eu creio que nossa escola ia voltar o que era a 30 anos atrás.

SONIA- Nós já tivemos outros diretores daqui, como o professor José Maria, D. Claud,D. Esther, a primeira diretora. E nesse momento há uma diferença com o agora?

DONA LILIA- É por que antigamente, eles gostavam de continuar fazendo as mesmas festas, tinha teatros, tudo sobre o quilombo, sobre a vida dos pais mesmos. Sobre as lendas. Aqui tinha …lá embaixo na biquinha, na terra de panela. Mas muita gente daqui de Pinhões que vieram morar aqui fizeram muitos postos artesianos e secaram. Eu ainda tenho vontade de colocar pelo menos uma pessoa da minha família lá dentro que queiram seguir e inclusive tem a mãe dessa Sônia,que estou falando para ela, a tia, que faz doces. podiam estar dentro da escola, podia continuar. Aqui em Pinhões é um lugar rico, o povo todo é inteligente e tem muita vontade de fazer as coisas, mas não pode porque é barrado, é barrado. Na escola principalmente, porque é quilombo. E eles não quer saber de quilombo, eu tenho uma tristeza, tenho medo de acabar com o quilombo, mas se Deus quiser não vai acabar, não vai soninha, se Deus quiser aqui vai voltar ao tempo antigo mesmo se Deus quiser.

SONIA- A senhora que está aqui do lado de fora, como percebe essas pessoas que são quilombolas e estão dentro da escola. O que a senhora acha que está faltando para que elas façam sua parte lá dentro?

DONA LILIA- Mas as pessoas que está la dentro são poucas, e são contratadas. Que é serviçal e mais duas professoras. Ficam com medo de ser mandado embora.Eles tem medo de falar qualquer coisa. Eu já falei que enquanto não chegar dezembro não vão ser mandados embora não. Medo, falam assim: Ah dona Lilia, eu tenho medo, o que vou falar?Se precisar da gente que é velho, ir lá para a porta da escola a gente fala, não tenho

medo.

Eu só queria uma oportunidade para os meninos conhecerem a história de Pinhões . Eu só queria uma oportunidade dos que estão lá dentro, poder viver e vivenciar, pois eles sabem o que passou por eles, todos que estão lá sabem o que passou, mas não tem condições de falar, porque não tem esse programa para eles, não tem.

SONIA- A senhora falando da história, poderia me falar, se hoje a escola atraves dos professores, diretores, alunos ...a senhora sabe se ele tem procurado pessoas como a senhora, que já foi professora, tem tanta bagagem… para conhecer a história da comunidade?

DONA LILIA- Não, não vem. Tinha aí uma supervisora, que veio aqui em casa e marcou um dia comigo para eu ir contar uma história para os meninos, mas antes do dia ela saiu antes do dia, nunca mais ninguém veio perguntar nada. E sabe que todo mundo aqui de Pinhões, os professores antigos conhecem e sabe a história de Pinhões, sabem quando fundou a escola, por que, porque é quilombola. O povo que fica fora sabe e os de lá de dentro infelizmente não sabem nada. Eles vieram só para trabalhar como vão saber, não tem como passar para os meninos.Eles não sabem.

SONIA- E aí a gente corre o risco de perder a nossa história, não´é?

DONA LILIA- Já está perdendo ,praticamente,porque os meninos não sabem nem o que é quilombo. Por que que é quilombo? Outro dia tinha uns meninos lá fora que eu chamei para aprender bisqui, tricô, brinquinho e um tantos de coisas, a menina falou assim: O Lília, quilombo que eu sei é o tanto da estrada. Aí é que eu fui explicar, e as suas professoras tem que saber, pode perguntar para elas. Elas têm que saber o que é quilombo.

SONIA- E quando a senhora pergunta para o bisneto, o que ele responde?

DONA LILIA- É por causa da toca, o turbante. Eu tenho uma sobrinha que tem pouco cabelo e usa mais turbante,aí ele fala assim: Tia Janete é quilombola porque usa aqueles trem na cabeça? Não, ela é quilombola porque é do quilombo Pinhões.

SONIA- Mas falaram isso para ele? que é quilombola por causa da toca?

DONA LILIA- É uai. João fala, a tia Crécia é quilombola por causa da toca. Elas não sabem falar com os meninos.

SONIA- Estamos entrando no finalzinho e a senhora esqueceu de falar que sua mãe era benzedeira.

DONA LILIA- Era. Inclusive eu benzo. Dor de cabeça, osso destronado, mordida de bicho, hemorragia. E é fácil aprender, mamãe e vovó me ensinou.

SONIA- Coisas importantes, não é dona Lilia?

DONA LILIA-Igual no caso de olhado, a gente pega o menino e fala o nome dele, se for batizado. Se não for fala criatura de Deus. Pode benzer qualquer criação, e fala: " Criatura de Deus eu te benzo de quebranto ou de olhado, olhos maus e excomungados, com dois te puseram, eu tiro com tres. Pai, filho e espírito santo".
O padre falou que não é pecado benzer. A fé é que manda. É uma palavrinha tão pequena que tem um poder tão grande!

SONIA- Então, dona Lilia, para terminar fala para agente como a senhora imagina uma educação escolar quilo,bola, na escola quilombola aqui no quilombo de Pinhões. E quais culturas tem aqui,ou que já teve e que foi se perdendo e que pode voltar a ser praticado(a) na comunidade, Se for resgatada pela comunidade e vivenciado.

DONA LILIA- Eu acho que para resgatar teria que ter um(a) diretor(a) da comunidade e funcionários da comunidade, por que se não for, não adianta. outra coisa, quando a merenda melhorou em 2007, foi falado que por se a escola quilombola que melhorou. Agora os pais, de agora, não sabem de nada, falam assim: A diretora é boa, olha como a merenda é boa, mas não sabe que a merenda é assim por que aqui é um quilombo. Se não fosse não teria,têm muitas escolas que não é quilombola e que não tem essa merenda assim.Uma escola tem tudo, do bom e do melhor. Mas os pais acham que a diretora compra com o dinheiro dela.

SONIA-Falta mais conhecimento?

DONA LILIA- A gente tem medo de ir a casa dos pais e eles falarem assim, tá bom! prá mim tá bom. Tá bom por que não tem dever de casa, tá bom por que não obriga os meninos estudarem, tá bom por que não obriga os meninos usarem uniforme..

SONIA- A escola não tem uniforme?

DONA LILIA- Tem uniforme, mas os que vão chegando agora não tem e ela não obriga a fazer e usar. João, tem dois tios que estudaram lá.

SONIA - Mas como é feita a identificação dos alunos?

DONA LILIA- Não tem nada de identificação, os meninos passam aqui, eu pergunto: você está na escola? que ano você está? Ninguém usa uniforme porque não tem blusa. Os que tem são os que os parentes já tinham. Tem uma moça ali em baixo, Rose, que faz blusa, mas a diretora não manda fazer.

Teve uma vez que o menino de Geisiane, de Denis Zé quebra tudo, estava perambulando aqui aí eu perguntei, o que você está fazendo aqui.Ele falou,não eu…Liguei para a escola e falei olha se tem um menino, Gabriel de Denis aí na escola. Ta aqui em casa e já mandei falar com a mãe dele. A diretora e professores nem perceberam que o menino não estava na escola a duas semanas. O que você acha disso? O que identifica os meninos é o uniforme.

SONIA- Então é isso. A senhora acha que deve continuar trabalhar para que essa escola seja da comunidade e para a comunidade?

DONA LILIA- Eu acho se eu mais algumas ex professoras desse uma aula sobre o quilombo, para os alunos. Mas será que vai pegar bem para a escola? Vai ou não?

SONIA -Sim, pode ser uma ação de outros grupos da comunidade.Para que as pessoa de fato valorize sua história, unir para lutar pelo que é direito de fato.

DONA LILIA-Inclusive antigamente tinha reuniões com os pais, mostravam como os

meninos estavam. Tinha premiação de honra ao mérito para incentivar os alunos.Os alunos antigos todos conhecem a história do lugar, não é atoa que você Soninha, Cida, Thiago.. entraram na associção, não é a toa que quem entrou na associação são pessoas que estudaram aqui na escola, comigo e outros. Por que sentiram na pele a dor de está perdendo a comunidade, perdendo a comunidade. Tem pessoas velhas que falam assim: Eu não sei nem falar, por isso eu não vou à escola. Eu falo, vai!
Aqui hoje não tem mais nem aquele negócio, que Carla participava. Como é mesmo o nome Soninha?

SONIA- O colegiado?

DONA LILIA- É. A última foi quando Carla participou.

SONIA- Quero agradecer a senhora por esse momento, por mim ficaria aqui por mais tempo ouvindo. Vou transcrever o texto e enviar para que a senhora ler e se tiver algo a acrescentar ou retirar possa ser apontado. A escrita é conjunta e tem tambem o objetivo de deixar para as gerações que vierem possam ter acesso a esse material e saber que eu, a senhora e outros contribuíram e lutaram por um futuro melhor.

DONA LILIA- Eu fico triste quando ouço alguém dizer que o quilombo acabou.